

UniEVANGÉLICA – CENTRO UNIVERSITÁRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, TECNOLOGIA E
MEIO AMBIENTE

A FLORA MEDICINAL NO CENTRO OESTE DO
BRASIL: UM ESTUDO DE CASO COM ABORDAGEM
ETNOBOTÂNICA EM CAMPO LIMPO DE GOIÁS

MARCOS RODRIGO BELTRÃO CARNEIRO

ANÁPOLIS, GO
2009

MARCOS RODRIGO BELTRÃO CARNEIRO

**A FLORA MEDICINAL NO CENTRO OESTE DO
BRASIL: UM ESTUDO DE CASO COM ABORDAGEM
ETNOBOTÂNICA EM CAMPO LIMPO DE GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mirley Luciene dos Santos

**ANÁPOLIS, GO
2009**

MARCOS RODRIGO BELTRÃO CARNEIRO

**A FLORA MEDICINAL NO CENTRO OESTE DO
BRASIL: UM ESTUDO DE CASO COM ABORDAGEM
ETNOBOTÂNICA EM CAMPO LIMPO DE GOIÁS**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de Mestre em
Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis –
UniEVANGÉLICA.

Anápolis, ___ de abril de 2009.

Prof^ª Dr^ª Genilda D’Arc Bernardes – UniEVANGÉLICA
Coordenadora

Prof^ª Mirley Luciene dos Santos – UniEVANGÉLICA
Orientadora

Prof^ª Dr^ª Moemy Gomes de Moraes – UFG
Banca Examinadora

Prof. Dr. Robrto Prado de Moraes – UniEVANGÉLICA
Banca Examinadora

Prof. Dr. José Paulo Pietrafesa: Suplente – UniEVANGÉLICA
Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente este trabalho a Deus, presença divina sempre em meu caminhar, companheiro de todas as jornadas durante minha vida e fornecedor de toda saúde e força para superar obstáculos (viagens, madrugadas em estudo etc). E em segundo lugar dedico a mim mesmo, pois só eu sei o trabalho que dá para escrever uma dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos docentes que me moldaram durante toda vida escolar. Meus “mestres” da Universidade, durante a graduação, e também aos “mestres” do mestrado da UniEVANGÉLICA, por reconhecer o esforço árduo que é permanecer na docência.

Agradeço aos familiares, presentes e ausentes, que mesmo sem saber das dificuldades, das noites em claro que passei estudando e trabalhando, contribuíram para meu sucesso.

Aos especialistas do Município de Campo Limpo de Goiás que aceitaram participar desse estudo!

Aos amigos que compreenderam minha ausência em alguns encontros de fins de semana, sabendo que essas ausências revertem em uma conquista, meu obrigado!

À companheira Josana, que me suportou durante todo o tempo dos dois mestrados, me auxiliando sempre nas necessidades.

Ao amigo Cléber Carrasco, que contribuiu na análise dos dados da dissertação.

E um agradecimento em especial à minha orientadora e amiga Mirley. Por além de me aturar nas aulas de Botânica, na graduação, com minhas brincadeiras; de me auxiliar na especialização, em Lavras; de dispor de tempo para me acompanhar, me auxiliar e despertar um pouco a esperança de finalizar um trabalho atualmente perdido (mestrado 1) e de ser paciente e em momentos turbulentos da minha vida, soube ser realmente uma pessoa que me orientasse no desenvolvimento do trabalho que agora concluo. Agradeço muito pelo exemplo de profissional e pessoa que é, e que me acendeu, novamente, a vontade de continuar na vida acadêmica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Localização da região Centro Oeste no Brasil. Fonte: SIMIELLI, 2002.....	28
Figura 2.	Porcentagem das espécies medicinais segundo a sua ocorrência por estado. MT - Mato Grosso; MS - Mato Grosso do Sul; GO – Goiás, 2008.....	34
Figura 3.	Famílias botânicas mais citadas, segundo compilação de listas de espécies medicinais para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008.....	36
Figura 4.	Partes da planta mais utilizadas, segundo compilação de listas de espécies medicinais para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008.....	44
Figura 5.	Distribuição das partes da planta mais utilizadas pela população de MT, MS e GO, de acordo com a ocorrência das espécies.....	45
Figura 6.	Categorias de doenças mais frequentes segundo CID 10 (2008). I - Algumas doenças infecciosas e parasitárias; III - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários; IV - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas; IX - Doenças do aparelho circulatório; X - Doenças do aparelho respiratório; XI - Doenças do aparelho digestivo; XII - Doenças da pele e do tecido subcutâneo; XIII - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo; XIV - Doenças do aparelho geniturinário; XVIII - Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte; XIX - Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas.....	46
Figura 7.	Porcentagens das categorias de doenças, segundo Brasil (2008a), de acordo com a origem das espécies.....	49
Figura 8.	Localização aproximada do município de Campo Limpo de Goiás, GO. Fonte: RUIBERDAN e AUGUSTO, 2007.....	67
Figura 9.	Espécies medicinais encontradas nos quintais: dos especialistas na Cidade de Campo Limpo de Goiás, GO. A – <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br; B – <i>Plantago major</i> L.; C – <i>Ruta graveolens</i> L.; D – <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews; E - <i>Coriandrum sativum</i> L.; F – <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Espécies medicinais mais citadas, segundo levantamento dos trabalhos sobre plantas medicinais realizado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008. * espécies de origem exótica ao Brasil.....	37
Tabela 2.	Lista de espécies medicinais de interesse ao SUS (BRASIL, 2009), comparadas com as espécies medicinais mais citadas no levantamento bibliográfico realizado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.....	40
Tabela 3.	Espécies nativas de uso medicinal na Região Centro Oeste do Brasil (exceto Distrito Federal), ordenadas pelo valor da IR (Importância Relativa); a) Mato Grosso; b) Mato Grosso do Sul; c) Goiás, 2008. NI: número de indicações de uso; NSC: número de sistemas corporais.....	51
Tabela 4.	Espécies medicinais cultivadas nos quintais e citadas pelos especialistas em Campo Limpo de Goiás, GO. B – Nativas do Brasil; C – Nativas do Cerrado; E – Exóticas ao Brasil; 1 – Sr. Pedro; 2 – Dona Maria; a - Espécies mais citadas nesse estudo; b – Espécies listadas no SUS; c – Espécies descritas na farmacopéia....	80

LISTA DE ABREVIATURAS

APA – Área de Proteção Ambiental;

APG II – Angiosperm Phylogeny Group II;

CID 10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª Revisão;

CIPLAN – Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa;

GO – Goiás;

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

IR – Importância Relativa;

INPI – The International Plant Name Index;

MG – Minas Gerais;

MT – Mato Grosso;

MS – Mato Grosso do Sul;

NI – Número de Indicações de Uso;

NIS – Número de Indicações de Uso da Espécie;

NISV – Número de Indicações de Uso da Espécie Mais Versátil;

NSC – Número de Sistemas Corporais;

NSCS – Número de Sistemas Corporais da Espécie;

NSCSV – Número de Sistemas Corporais da Espécie Mais Versátil;

OMS – Organização Mundial de Saúde;

SEMARH-GO – Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Goiás;

SP – São Paulo;

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	12
APRESENTAÇÃO	13

CAPÍTULO 1. OS RECURSOS VEGETAIS MEDICINAIS UTILIZADOS PELA POPULAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
1. INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Cerrado: Caracterização e Biodiversidade.....	19
1.2 Ameaças e Degradação.....	22
1.3 As Plantas Medicinais e a Etnobotânica.....	24
2. METODOLOGIA.....	28
2.1 Revisão Bibliográfica e Compilação das Listas das Espécies Medicinais.....	28
2.2 Análise Quantitativa dos Dados.....	29
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
3.1 Origem das espécies medicinais.....	32
3.2 Frequência de citação da família.....	35
3.3 Frequência de citação da espécie.....	37
3.4 Frequência da parte utilizada.....	43
3.5 Frequência de citação da categoria da doença.....	45
3.6 Importância Relativa das espécies nativas.....	49
4. CONCLUSÕES.....	61

CAPÍTULO 2: CONHECIMENTO TRADICIONAL E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS DOS ESPECIALISTAS LOCAIS (“RAIZEIROS”) DO MUNICÍPIO DE CAMPO LIMPO DE GOIÁS: UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA	62
1. INTRODUÇÃO.....	62
2. METODOLOGIA.....	67
2.1 Caracterização da área de estudo.....	67
2.2 Registro dos Informantes Especialistas Locais.....	68

2.3 Técnicas de abordagem.....	69
2.3.1 Entrevistas Semi-estruturadas.....	69
2.3.2 Observação Participante.....	69
2.3.3 História de vida.....	70
2.3.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	70
2.3.5 Levantamento das espécies medicinais cultivadas nos quintais e utilizadas pelos especialistas locais.....	70
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71
3.1 História de vida.....	71
3.2 Plantas medicinais cultivadas nos quintais e utilizadas pelos especialistas locais.....	79
4. CONCLUSÕES.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
APÊNDICES.....	99
Apêndice 1 - Roteiro para as entrevistas semi-estruturadas.....	99
Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	100
Apêndice 3 - Espécies de uso medicinal na Região Centro Oeste do Brasil. a) Mato Grosso; b) Mato Grosso do Sul; c) Goiás; C) Nativas do Bioma Cerrado; B) Nativas do Brasil; E) Exóticas ao Brasil; 1) SOMAVILLA,1998; 2) SANTANA, 2002; 3) SOUZA, 2003; 4) BORBA, 2003; 5) LEITZKE, 2003; 6) SCHWENK e SILVA, 2007) MORAIS, 2003; 8) MOTA, 1997; 9) AÑEZ, 1999; 10) SOUZA, 1998; 11) SOUSA, 2003; 12) COELHO e SILVA, 2003; 13) PASA; SOARES e NETO, 2005; 14) BUENO <i>et al</i>, 2005; 15) NUNES <i>et al</i>, 2003; 16) SCHARDONG e CERVI, 2000; 17) FARIA 1998; 18) MACEDO e FERREIRA, 2004; 19) SANTOS, 2002; 20) TRIDENTE, 2002; 21) SILVA, 2007; 22) VILA VERDE; PAULA e CARNEIRO, 2003; 23) SOUZA e FELFILI, 2003; 24) SOUZA e FELFILI, 2006; 25) RIZZO <i>et al</i> , 1999; 26) ATTUCH, 2006; 27) TRESVENZOL <i>et al</i>, 2006; 28) ARANTES; CALDAS e SILVA, 2003; 29) MACIEL e GUARIM NETO, 2006 e 30) BORBA e MACEDO, 2006.....	102

RESUMO

O conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais se baseia em transmitir informações sobre como essas plantas estão sendo utilizadas, produzindo uma base empírica para o desenvolvimento de estudos que possam respaldar cientificamente a obtenção de novos medicamentos. E apesar de já existirem muitos dados sobre as plantas medicinais e os seus usos potenciais, esses dados não se encontram sistematizados. Essa dissertação objetivou compilar as listas de espécies vegetais com potencial de uso medicinal produzidas na Região Centro Oeste do Brasil, indicando as espécies nativas e cultivadas. Objetivou ainda, levantar as informações acerca da história de vida dos especialistas locais identificados na cidade de Campo Limpo de Goiás, GO, suas práticas terapêuticas, bem como levantar as espécies medicinais utilizadas pelos mesmos. Para a compilação das listas foram consultados artigos científicos, dissertações e teses, relacionadas especificamente a trabalhos com plantas medicinais realizados na Região Centro Oeste do Brasil (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), durante o período de 1990 a 2008. Para a amostragem dos especialistas locais foi utilizada a técnica denominada *Bola de neve*, a qual utiliza uma seleção intencional de informantes, onde um informante indica outro, e assim sucessivamente, até envolver todos os especialistas da comunidade. Com esses especialistas foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observação participante e um método complementar às entrevistas semi-estruturadas e à observação participante, a história de vida, sendo caracterizada como uma estratégia de compreensão da realidade. Evidenciou-se que existe uma grande diversidade de espécies de importância medicinal utilizadas pela população dos estados de MT, MS e GO (723 espécies distribuídas em 113 famílias), com prevalência de espécies nativas ao Brasil. As principais partes utilizadas das plantas foram as folhas, seguidas do caule e raiz. Observou-se que nenhum dos descendentes dos especialistas locais tem interesse em aprender sobre as plantas medicinais, mas utilizam quando prescrito. Esses especialistas não vão mais ao campo coletar ervas medicinais, pelo fato de não encontrarem mais espécies nativas perto do município. A maioria das espécies cultivadas nos quintais é de origem nativa ao Brasil (28), sendo que existe uma grande quantidade de espécies exóticas ao Brasil (10). São necessários estudos etnofarmacológicos, a fim de encontrar espécies com potencial uso medicinal e efetivar as espécies que já são utilizadas em larga escala pela população. É importante que se busque uma padronização nos estudos relacionados à etnobotânica, com relação às informações contidas nas listas de espécies.

Palavras-chave: conhecimento tradicional, raizeiros, plantas medicinais, Cerrado.

ABSTRACT

The traditional knowledge about medicinal plants is based on transmitting information on how these plants are used, producing an empirical basis for the development of scientific studies which support to obtain new drugs. And even though there exist many data on medicinal plants and their potential uses, such data are not systematic. This dissertation aimed to compile the plant species lists with potential for medical use produced in the Central West of Brazil, indicating the native and cultivated species. The objective also to raise the information about the life history of local experts identified in the city of Campo Limpo de Goiás, GO, their therapeutic practices, and raise the medicinal species used by them. Scientific articles were been consulted to compile the lists, theses and dissertations, related specifically to work on medicinal plants held in the Central West of Brazil (Goiás, Mato Grosso and Mato Grosso do Sul), during the period 1990 to 2008. The local experts had used a known technique named Bola de neve for sample, which uses an intentional selection of informants, where an informant indicates other one, and so on until all the experts involved in the community. With these experts were semi-structured interviews, participant observation and a complementary method to semi-structured interviews and participant observation, the life history, being characterized as a strategy for understanding reality. Showed that there is a great important medical species diversity used by the population of the states of MT, MS and GO (723 species distributed in 113 families), with a prevalence of Brazil native species. The main parts of the plants used were the leaves, followed by stalk and root. It was observed that none of the descendants of local experts are interested in learning about medicinal plants, but use as directed. They are not going to collect anymore herbs in the field, because most native species are not close to the city. Most native brazilian species are grown in home gardens (28), where there is such variety of exotic species in Brazil (10). Ethnopharmacology studies are needed in order to find species with potential medicinal effect and the species that are already used extensively by the population. It is important to search a pattern in studies related to ethnobotany with respect to information contained in the lists of species.

Keywords: traditional knowledge, raizeiros, medicinal plants, Cerrado.

APRESENTAÇÃO

Estamos passando por um período de mudanças extremas, onde a particularidade e cultura de um povo não são respeitadas e valorizadas. Essa falta de respeito pode provocar até mesmo o extermínio de peculiaridades existentes em várias culturas. Uma delas é o conhecimento tradicional acerca da natureza, conhecimento este, existente através de parteiras, raizeiros, benzedeiros e curandeiros, que muitas vezes são procurados para “tratar” de problemas existentes em nossa vida.

O conhecimento não é o único alvo das mudanças existentes. A biodiversidade também sofre com as consequências dessas mudanças. Muitas plantas, componentes do conhecimento tradicional, estão deixando de existir devido a vários fatores que podem ser levantados como possíveis responsáveis, tal como a valorização do sistema capitalista de consumo, entre outros.

Desse modo, este trabalho tem o intuito de despertar a comunidade científica e a população para uma recuperação das tradições de cada comunidade. Tradições essas que fazem parte da miscigenação cultural que existe no Brasil.

Nos dias atuais, pode parecer, para muitos, risível e até mesmo inconcebível, falar sobre magia, misticismo, feiticeiros e curandeiros e relacionar tais temas à ciência.

Desde o enunciado de Descartes, -“Penso, logo existo”-, o pensamento racional e o positivismo na ciência tornaram o conhecimento adquirido verdades absolutas, as quais não poderiam ser questionadas. A verdade passou a ser patrimônio da ciência e do cientista; o indivíduo responsável pela verdade, cujas idéias representavam autoridade e conhecimento irrefutável (DI STASI, 1996).

No curso de sua história, o ser humano acumulou informações sobre o ambiente que o cerca e, sem dúvida, esse acervo baseou-se na observação constante e sistemática dos fenômenos e características da natureza e na experimentação empírica desses recursos (JORGE e MORAIS, 2003).

A arte dos benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeiros de outrora, pode ser vista hoje, em teste, nos laboratórios científicos, os quais passaram a avaliar experimentalmente a veracidade destas informações, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos, com base justamente nos conhecimentos que foram

adquiridos durante milhares de anos e repassados de geração em geração (DI STASI, 1996).

De acordo com Jorge e Morais (2003), a preocupação com o desvendamento e resgate do conhecimento referente ao uso que outros povos fazem dos elementos de seu ambiente natural vem desde a Antigüidade. Nele inserem-se os saberes relativos ao mundo vegetal, com fins de tratamento e cura de doenças e sintomas que se perpetuaram na história, chegando até os dias atuais e sendo amplamente utilizados por grande parte da população mundial como eficaz fonte terapêutica.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que cerca de 80% da população mundial faz uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma sintomatologia dolorosa ou desagradável (MARTINS *et al.*, 2003).

A utilização das plantas como medicamento é muito antiga e data dos primórdios da civilização. Na China, há registros de cultivo de plantas medicinais que datam de 3000 a.C.; os egípcios, assírios e hebreus também as cultivavam em 2300 a.C. (NOLLA, SEVERO e MIGOTT, 2005).

No Brasil, antes mesmo de seu descobrimento, os índios utilizavam plantas para a cura de doenças, para o preparo de corantes e para ajudar na pesca. Com a colonização, a utilização das plantas para tratamento de doenças, fundamentalmente apresentou influências não só da cultura indígena, mas também da africana e européia (RODRIGUES e CARVALHO, 2001a).

Durante muito tempo, o conhecimento acerca das plantas medicinais foi transmitido de geração para geração, construindo-se farmácias naturais constituídas por plantas encontradas no ambiente e plantas exóticas, cultivadas em quintais e jardins (DI STASI, 1996).

Esse conhecimento, geralmente, é preservado em muitas comunidades tradicionais, pois durante muito tempo não tiveram acesso à alopatia, tendo somente como alternativa, a grande biodiversidade encontrada nas proximidades (ZENI e BOSIO, 2006).

Essas comunidades são peças chaves para se obter informações sobre como as plantas com finalidade medicinal estão sendo utilizadas, porque tais informações

funcionam como base empírica para o desenvolvimento de estudos que possam respaldar cientificamente a obtenção de novos medicamentos (AMOROZO, 2002).

Desta forma, vive-se hoje uma situação de destaque no interesse mundial por pesquisas relacionadas a essas interações entre populações humanas e plantas. É notável o crescente número de pessoas interessadas no conhecimento de plantas medicinais, inclusive pela consciência dos males causados pelo excesso de quimioterápicos que combatem as doenças. Remédios à base de ervas que se destinam às doenças pouco entendidas pela medicina moderna, como o câncer, viroses e algumas que comprometem o sistema imunológico, tornam-se atrativos para o consumidor (SHELDON, BLICK e LAIRD, 1997).

E é em função da necessidade de se conhecer mais sobre esse saber popular que cada vez mais estudos etnobotânicos são realizados. A etnobotânica inclui todos os estudos concernentes à relação mútua entre populações tradicionais e as plantas. Apresenta como característica básica de estudo, o contato direto com as populações tradicionais, procurando uma aproximação e vivência que permitam conquistar a confiança das mesmas, resgatando, assim, todo conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o ser humano e as plantas de uma comunidade (COTTON, 1996 *apud* FRANCO e BARROS, 2006). A etnobotânica apresenta-se, portanto, como o primeiro passo para um trabalho multidisciplinar envolvendo vários profissionais para se estabelecer quais são as espécies vegetais promissoras para estudos botânicos, farmacológicos, agrônômicos, etc. (RODRIGUES e CARVALHO, 2001b).

Os estudos etnobotânicos também podem subsidiar trabalhos sobre uso sustentável da biodiversidade através da valorização e do aproveitamento do conhecimento empírico das sociedades humanas, a partir da definição dos sistemas de manejo, incentivando a geração de conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL e PEIXOTO, 2004). Isso é importante, porque a exploração de espécies medicinais com potencial de utilização pelo homem tem levado à reduções drásticas em suas populações naturais, e algumas espécies correm o risco de desaparecerem (GUARIN NETO e MORAIS, 2003).

Montanari Junior (2002) assinala que, como consequência da revalorização mundial do uso de plantas medicinais, a pressão ecológica exercida sobre alguns desses recursos naturais tem sido grande nos últimos anos. Acrescenta ainda que

o valor medicinal dessas plantas põe em perigo a sobrevivência de muitas espécies medicinais nativas. Sánchez e Valverde (2002 *apud* AZEVEDO e SILVA, 2006) assinalam que o comércio local de plantas medicinais leva à deterioração de populações naturais, tanto quanto a pressão extrativista da indústria de fitofármacos.

Esse é o cenário que se pode observar para o bioma Cerrado, onde muitas plantas medicinais e alimentícias são usadas e comercializadas, gerando alimentos alternativos e renda adicional para as comunidades, principalmente, em caráter estacional. Arnica, casca de barbatimão, velame e frutos de sucupira estão entre as principais plantas coletadas de forma extrativista pelas populações locais (FELFILI *et al.*, 2004).

O uso e o conhecimento das espécies do Cerrado estão relacionados aos costumes locais, quer seja na extração das estruturas vegetativas e reprodutivas como raízes, folhas, bulbos e cascas ou mesmo da planta inteira, praticamente de maneira predatória (BARROS, 1997).

A degradação ambiental e a intrusão de novos elementos culturais acompanhados pela desagregação dos sistemas de vida tradicionais ameaçam, além de um acervo de conhecimentos empíricos, um patrimônio genético de valor inestimável para as futuras gerações (AMOROZO e GELY, 1998). Outra ameaça, deve-se ao fato da pesquisa científica sobre plantas utilizadas por comunidades tradicionais brasileiras ser recente, sendo assim, pouco documentada, aliada à forma delicada como este conhecimento é mantido (PINTO, AMOROZO e FURLAN, 2006).

Sabe-se, porém, que ainda há carência de estudos voltados para a identificação de plantas úteis do Cerrado, principalmente quando comparada à sua diversidade e a área ocupada. Segundo Guarin Neto e Morais (2003), a quantidade de espécies medicinais no bioma é seguramente maior que a estabelecida até o presente momento, e que somente compilando a flora medicinal em cada Estado (GO, MG, SP e demais) de forma aprofundada é que se poderá avaliá-la como um todo. Assim, se já é grande o número de espécies citadas como medicinais, maior ainda deve ser a relação de plantas que não foram listadas, mas que tem potencial de uso pela comunidade.

Em vista disso, são necessários estudos que desenvolvam um modelo adequado de utilização do Cerrado brasileiro. Pois a atual forma de manejo desse

bioma, que na maioria das vezes é imediatista, pode levar a extinção de muitas espécies que não são encontradas em outras áreas (GUARIN NETO e MORAIS, 2003).

O Cerrado, apresenta-se atrativo para investimentos governamentais que fomentem o uso múltiplo de seus recursos. O estabelecimento de políticas públicas é determinante para o sucesso das atividades com recursos naturais. Tanto a exploração madeireira quanto o extrativismo não têm tido peso suficiente no modelo econômico para assegurar a manutenção econômica da terra onde os recursos vegetais crescem (FELFILI *et al.*, 2004).

Existem muitos dados a respeito das plantas medicinais do Cerrado e seus usos pela população. Esses dados são encontrados em trabalhos que abordam tanto o conhecimento da população em geral quanto dos especialistas locais (raizeiros, mateiros, benzedores etc). Mas esses dados estão dispersos em listas de espécies e de usos de forma não sistematizada e padronizada, o que dificulta um maior aproveitamento dessas informações.

Devido a toda essa problemática que envolve a exploração das plantas medicinais e o conhecimento tradicional a respeito, esse estudo traz um levantamento bibliográfico dos trabalhos realizados nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, região core do Cerrado. Apresenta ainda uma pesquisa de campo envolvendo os especialistas locais da cidade de Campo Limpo de Goiás, em Goiás, com o intuito de listar as espécies vegetais utilizadas, os nomes populares, suas partes utilizadas, suas indicações terapêuticas, espécies comuns e exóticas (introduzidas) que sofrem maior pressão por fazerem parte do conhecimento regional e da cultura popular, e também a maneira como são coletadas no ambiente, enfocando o uso sustentável dessas espécies.

A dissertação apresenta-se organizada em dois capítulos, os quais serão transformados em dois artigos a serem encaminhados para a publicação. O Capítulo 1 trata do levantamento bibliográfico realizado para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no período de 1990 a 2008, onde os trabalhos com abordagem etnobotânica foram levantados e as listas de espécies medicinais utilizadas foram compiladas.

O capítulo 2 trata de um estudo de caso realizado no município de Campo Limpo de Goiás, que foi escolhido por ainda possuir rotinas e rituais tradicionais. Ali os especialistas locais (raizeiros) foram acompanhados e entrevistados sobre o seu conhecimento e suas práticas terapêuticas com a utilização das plantas medicinais. Fez-se também uma listagem das espécies medicinais citadas pelos especialistas.

CAPÍTULO 1 – OS RECURSOS VEGETAIS MEDICINAIS UTILIZADOS PELA POPULAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. INTRODUÇÃO

1.1 Cerrado: Caracterização e Biodiversidade

O Brasil é considerado um dos países de maior diversidade biológica por abrigar cerca de 10% das formas viventes no planeta (MYERS *et al.*, 2000). Para uma estimativa total de aproximadamente 15 milhões de espécies existentes, a diversidade biológica brasileira pode representar algo como 1,5 milhão de espécies, entre vertebrados, invertebrados, plantas e microrganismos (AGUIAR, MACHADO e MARINHO-FILHO, 2004).

Toda essa riqueza está distribuída em diversos ecossistemas florestais, não florestais, aquáticos, montícolas, costeiros e marinhos que existem no País (RIBEIRO e WALTER, 1998). Um desses biomas é o Cerrado, que apresenta uma grande variedade de sistemas ecológicos decorrentes de uma combinação peculiar de condições edáficas e climáticas que, somado ao relevo e à altitude, originaram uma vegetação diversificada (EITEN, 1994).

O bioma Cerrado com cerca de 2.000.000 Km², representa 25% do território nacional. Localizado basicamente no Planalto Central do Brasil que, como área contínua, engloba os estados de Goiás, Tocantins e Distrito Federal, e parte dos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo (VALENTE, 2006).

É caracterizado por uma vegetação heterogênea tropical, semelhante às savanas, representado por um conjunto de formas de vegetação de aspectos e fisionomia variáveis que se apresenta segundo um gradiente de biomassa (SANO e ALMEIDA, 1998). De acordo com Ribeiro e Walter (1998), o Cerrado pode ser caracterizado em

diversas fitofisionomias, podendo apresentar-se como formações florestais (Mata ciliar, Mata de galeria, Mata seca e Cerradão), formações savânicas (Cerrado *sensu stricto*, Parque de cerrado, Palmeiral e Vereda) e formações campestres (Campo limpo, Campo sujo e Campo rupestre).

O clima atual predominante no Domínio do Cerrado é do tipo tropical estacional, com precipitação média anual de 1.500 mm de chuva. O relevo dominante é a Unidade Morfoescultural Planaltos Dissecados Retocados, marcado pelas formas horizontalizadas, estendendo-se por imensos planaltos ou chapadões constituídos por rochas sedimentares (VALENTE, 2006).

Segundo Valente (2006), as características morfológicas mais marcantes dos solos do bioma Cerrado são a grande profundidade, cor vermelha ou vermelha amarelada, azonados, porosos, permeáveis, bem drenados e, por isso, intensamente lixiviados. São solos distróficos, pouco férteis, com alta toxicidade e acidez, graças ao acúmulo de óxidos de alumínio e ferro.

Os estudos sobre o Cerrado têm se concentrado em algumas localidades específicas, gerando incertezas especialmente quanto às estimativas sobre sua biodiversidade (GUIMARÃES e SANTOS, 2006).

De acordo com Myers *et al.* (2000), o Cerrado é considerado como uma das 25 áreas de grande biodiversidade mais ameaçadas do planeta. Apesar das pesquisas e o conhecimento básico sobre a diversidade biológica do Cerrado serem ainda incipientes, é possível ter-se uma idéia da riqueza potencial existente no bioma (AGUIAR, MACHADO e MARINHO-FILHO, 2004).

Dias (1996) estima que nada menos do que 320 mil espécies ocorram no Cerrado. Esse valor representa cerca de 30% de tudo o que existe no Brasil.

Segundo Aguiar, Machado e Marinho-Filho (2004), em relação ao Brasil, no Cerrado, ocorrem a metade das espécies de aves, 45% dos peixes, 40% dos mamíferos e 38% dos répteis. Mesmo considerando as espécies como unidade representativa da biodiversidade, a riqueza do Cerrado é muito expressiva.

Acredita-se que existam aproximadamente 7000 espécies de Angiospermas no Cerrado (SHEPHERD, 2000), mas esse número pode chegar a 10 mil (MYERS *et al.*, 2000), confirmando a grande diversidade que o bioma possui de sua flora.

Essa riqueza, em relação às espécies do bioma Cerrado, deve-se especialmente à sua grande variedade de paisagens e tipos fitofisionômicos, além da posição do bioma na América do Sul, que permite amplo contato e intercâmbio florístico com outros biomas (SANO, ALMEIDA e RIBEIRO, 2008), e que coloca sua flora como a mais rica entre as savanas do mundo (MENDONÇA *et al.*, 1998).

A flora do Cerrado é muito antiga (Cretáceo¹) e os autores divergem quanto ao número de espécies que a compõe (FIDELIS e GODOY, 2003). De acordo com Ratter, Bridgewater e Ribeiro (2003), 44% da flora é endêmica e, nesse sentido, o Cerrado é a mais diversificada savana tropical do mundo, sendo amplamente utilizada para fins econômicos. Destacam-se as espécies de interesse medicinal, alimentício, ornamental, forrageiro, apícola, produtoras de madeira, cortiça, fibras, óleo, tanino, e outros bens (ALMEIDA *et al.*, 1998; VIEIRA e MARTINS, 2000; AMOROZO, 2002; GUARIM NETO e MORAIS, 2003).

Entre as espécies vegetais do Cerrado que são utilizadas pela população, aquelas com propriedades medicinais estão entre as mais procuradas. Dessa forma, as plantas medicinais apresentam papel importante na questão socioeconômica, tanto para as populações que vivem no meio rural, como para as que vivem no meio urbano (CALIXTO E RIBEIRO, 2004).

No entanto, ainda faltam muitas informações a respeito do uso que as comunidades fazem das plantas, seja na tentativa de elucidar as fontes disponíveis desses recursos para a população, seja na tentativa de registrar e quantificar as espécies que são cultivadas nos quintais ou coletadas em áreas de vegetação nativa, seja no intuito de entender melhor os valores culturais agregados ao uso de plantas por essas comunidades ou na formulação de apontamentos que priorizem a conservação e o uso sustentável desses recursos (GUARIM NETO E MORAIS, 2003).

¹ Cretáceo: Compõe a segunda parte do Período Mesozóico (135 – 60 m.a), onde desenvolveu um ambiente rico em organismos planctônicos e bentônicos deixando um registro fóssil abundante. (SALGADO-LABORIAU, 1994).

1.2 Ameaças e Degradação

Apesar de toda a sua biodiversidade, o Cerrado vem sofrendo contínua devastação nas últimas décadas, principalmente para a instalação de agricultura e pecuária extensivas, com conseqüências gravíssimas para a manutenção do bioma (MARONI, DI STASI e MACHADO, 2006). Somente 4,1% deste bioma encontra-se em Unidades de Conservação, sendo 2,2% de proteção integral (KLINK e MACHADO, 2005).

De acordo com Paiva (2000), nas últimas três décadas, a região do Cerrado vem sendo rapidamente incorporada ao processo produtivo, notadamente da pecuária e da agricultura moderna. Como resultado deste modo de produção, tem-se uma série de prejuízos ecológicos, tais como a erosão do solo, o desmatamento, o aumento da utilização dos agrotóxicos, o assoreamento dos rios e a destruição dos recursos genéticos.

O Cerrado representa a principal região brasileira produtora de grãos e gado de corte. Com a ocupação das terras para a produção agrícola, as áreas nativas foram sendo removidas em uma escala muito acelerada (AGUIAR, MACHADO e MARINHO-FILHO, 2004), sendo que cerca de 80% da área original do Cerrado já foi convertida em áreas antrópicas, restando apenas 20% de áreas consideradas originais ou pouco perturbadas (MYERS *et al.*, 2000).

A degradação do solo e dos ecossistemas nativos e a dispersão de espécies exóticas são as maiores e mais amplas ameaças à biodiversidade. Também as queimadas utilizadas para estimular a rebrota das pastagens e para abrir novas áreas agrícolas causam perda de nutrientes, compactação e erosão dos solos, um problema grave que atinge grandes áreas, especialmente nas regiões montanhosas do leste goiano e oeste mineiro (KLINK e MACHADO, 2005).

O avanço da fronteira agrícola, aliado aos problemas das hidroelétricas e ao extrativismo descontrolado da região tem contribuído para a redução gradativa das áreas de ocorrência de diversas espécies com potencial de uso, incluindo as medicinais (GRANDI *et al.*, 1989).

Outro fator determinante para essa redução, no caso das plantas medicinais, é o interesse das indústrias farmacêuticas. Devido à (re)valorização da fitoterapia tradicional, as ervas medicinais vêm ganhando espaço nas farmácias do mundo. Segundo Felfili *et al.* (2004), a atividade extrativista exercida pela população local e por indústrias farmacêuticas tem contribuído para o declínio da vegetação natural do Bioma. Esse declínio tem sido observado, mesmo em unidades de conservação, o que pode contribuir para o extermínio das espécies (ALMEIDA, 1999).

As plantas medicinais são, portanto, exploradas por vários setores da sociedade, tais como comunidades tradicionais, curandeiros, centros espirituais, empresas fabricantes de essências e aromas, laboratórios farmacêuticos, homeopáticos, fabricantes de extratos e tinturas para fins farmacêuticos, indústrias alimentícias, ervanários e feiras, atacadistas e outros intermediários. E, nesse contexto, a demanda existente por estes recursos irá se constituir em uma ameaça às populações nativas dessas espécies, principalmente quando partes destas plantas, tais como raízes, sementes e flores, essenciais para sua reprodução, são bastante coletadas, utilizadas e comercializadas de forma não sustentável (SILVA *et al.*, 2001).

Segundo Silva *et al.* (2001), algumas espécies de uso medicinal estão relatadas como espécies ameaçadas em livros e listas de espécies raras ou ameaçadas publicados no Brasil, comprovando-se sua venda em mercados e farmácias locais de produtos naturais. Apesar de que uma das causas de ameaça se atribui à pressão exercida pelo extrativismo excessivo de algumas espécies, verifica-se que para a maioria das espécies conhecidas e/ou registradas como utilizadas e comercializadas, não estão disponíveis as informações sobre o estado de conservação das mesmas, tendo sido desenvolvidos poucos trabalhos nesta direção.

De acordo com Maroni, Di Stasi e Machado (2006), a identificação de espécies medicinais no bioma representa inesgotável fonte de informações para a seleção de espécies vegetais a fim de se realizar estudos farmacológicos, químicos e toxicológicos potenciais para a produção de fitoterápicos ou fitofármacos. Essas informações, ainda segundo os autores, representam “[...] o início de um processo que permitiria o desenvolvimento de pesquisas na área, com conseqüente obtenção de informações valiosas tanto para a saúde quanto para a conservação da biodiversidade”.

Apesar do extenso conhecimento que possa existir sobre o uso das plantas medicinais do Brasil, pouco se sabe sobre quais são as espécies medicinais nativas que são objeto de uso e comércio significativos, tanto a nível local como internacional e sobre o impacto que a atividade comercial está causando sobre estes recursos naturais e, finalmente, sobre a população humana (SILVA *et al.*, 2001).

1.3 As Plantas Medicinais e a Etnobotânica

Desde o início da civilização, o homem faz uso das plantas, pela necessidade de sobrevivência, levando-o à descoberta de possíveis aplicações terapêuticas de determinadas espécies (RIBEIRO, 1996). Têm-se registros dessa utilização, pelos gregos, desde o século XIII a.C. No passado, a crença no poder medicinal das plantas era tamanha que os hindus acreditavam serem as ervas as “filhas prediletas dos deuses” (MATOS, 2004).

As plantas são, portanto, a identidade de um conjunto de pessoas, refletem o que são, o que pensam e suas relações com a natureza que os cerca. Esta sábia natureza lhes oferece alimentação, remédios, sustento rentável e desfrute da alma (MEDEIROS, FONSECA e ANDREATA, 2003).

Sendo um ser sociável, o homem é capaz de intercambiar informações acumuladas por meio da observação direta dessa natureza. Esta é a troca cultural, um intercâmbio que permitiu a perpetuação de informações valiosas sobre assuntos como plantas medicinais e que a etnobotânica estuda e coloca a disposição das ciências (CASTELLUCCI *et al.*, 2000). Tylor (1871 *apud* LARAIA, 1999) relata que a cultura é um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

É visível o papel que os povos tradicionais desempenham na exploração dos ambientes naturais, fornecendo informações sobre as diferentes formas de manejo executadas no seu cotidiano e usufruindo da exploração, enquanto forma de sustentação desses povos. Assim, diante da marcha da urbanização e das possíveis influências da aculturação, é preciso resgatar o conhecimento que a população detém sobre o uso dos recursos naturais (PASA, SOARES e NETO, 2005).

Em todo o mundo, aproximadamente 85% das pessoas são praticantes de sistemas tradicionais de cura a base de plantas, e cerca de 25% dos medicamentos farmacêuticos são derivados de vegetais (RAI, PRASAD e SHARMA, 2000).

No Brasil, a dimensão da importância de pesquisas etnobotânicas é dada pela sua alta diversidade cultural e biológica, as quais se encontram inextricavelmente ligadas. Por um lado, o país apresenta cerca de duzentos e vinte povos indígenas, e milhares de comunidades quilombolas, de pescadores artesanais, agricultores familiares, sertanejos, ribeirinhos, etc., e por outro, detém cerca de 22% de todas as espécies de plantas descritas no mundo. Estas são fontes de recursos materiais, genéticos, simbólicos e econômicos para subsistência e reprodução sociocultural desses povos e comunidades (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004).

Neste sentido, a Etnobotânica, que compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (BECK e ORTIZ, 1997) é uma ciência que tem merecido algum destaque na atualidade, devido ao crescente interesse pelos recursos naturais.

Atualmente, com base nos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE e MORAIS, 2003).

Uma das primeiras descrições sobre o potencial medicinal das plantas, no Brasil, foi feita por Gabriel Soares de Souza, um português que se estabeleceu na Bahia logo após o seu descobrimento (BRANDÃO, GOMES e NASCIMENTO, 2006). Vários outros trabalhos foram feitos desde então para o Brasil de forma geral, e para o Centro-Oeste, onde está localizada a área *core* do bioma Cerrado.

Muitos autores fizeram levantamentos da flora existente no bioma Cerrado. Um dos primeiros trabalhos foi uma análise florística das savanas centrais realizada por Rizzini (1970), mostrando uma lista das espécies lenhosas presentes no bioma. Os trabalhos com plantas medicinais aumentaram consideravelmente a partir da década de

1990. Vários autores fizeram pesquisas etnobotânicas pelo Brasil, bem como na região Centro Oeste.

Alguns estudos etnobotânicos já foram realizados no Estado de Goiás. Rizzo, Monteiro e Bitencourt (1990), constataram que mais de 80% da população na cidade de Goiânia usam plantas consideradas como medicinais. Outros estudos foram feitos nas cidades de Goiás e Pirenópolis e também tiveram os mesmos resultados, com mais de 80% da população usando plantas medicinais (RIZZO *et al.*, 1999).

Outros trabalhos foram desenvolvidos no Estado de Goiás tratando do comércio das plantas medicinais. Tresvenzol *et al.* (2006), fizeram um estudo em Goiânia e cidades vizinhas (Anápolis, Trindade e Aparecida de Goiânia) e constataram que a procura pelos raizeiros ainda é grande, principalmente entre pessoas de baixa renda, e que o conhecimento sobre as plantas medicinais foi adquirido pela vivência com parentes (pais e avós).

Morais *et al.* (2005) levantaram entre os raizeiros, na Cidade de Goiânia, 214 plantas, sendo que 34 delas foram citadas pela maioria dos raizeiros, e nesses casos o uso mais freqüente era para o tratamento de distúrbios gástricos (11,6%).

Em estudo realizado por Dourado, Doca e Araújo, (2005), que avaliou as condições de comercialização de plantas medicinais por “raizeiros” na Cidade de Anápolis, constatou-se que 70% das bancas de comércio encontravam-se próximas a fontes de contaminação, e no restante existiam indícios de deterioração dos produtos.

Mais recentemente, Silva, C. (2007) realizou um estudo bibliográfico, onde foram registrados os trabalhos farmacognósticos, agronômicos e etnobotânicos que abordam as plantas medicinais nativas no Estado de Goiás. Ao todo, a autora encontrou 21 trabalhos nessas áreas, e compilou a partir de seis trabalhos etnobotânicos, 103 *taxa* nativos distribuídos em 40 famílias botânicas.

Para o estado do Mato Grosso, Guarim Neto e Morais (2003), realizaram uma revisão bibliográfica de trabalhos que traziam informações sobre as espécies medicinais do cerrado mato-grossense, objetivando estabelecer uma base de dados regionais e, conseqüentemente, iniciar uma discussão em nível nacional. A revisão da flora medicinal constatou o total de 509 espécies, distribuídas em 297 gêneros e 96 famílias, valores esses que superaram, em muito, estimativas anteriores.

No Estado do Mato Grosso do Sul, Bertolotto e Guarim Neto (1998) e Nunes *et al.* (2003), mostraram que, alunos do ensino fundamental desconhecem atividades relacionadas com plantas nativas da região, podendo esse desconhecimento ser explicado pelo fato de poucos alunos citarem a família como fonte do conhecimento; e que a qualidade de espécies vegetais comercializadas no Centro de Campo Grande caiu, sendo que as espécies mais consumidas e indicadas tiveram um aumento considerável na sua reprovação pela população, devido às condições de acondicionamento apresentando sujidades e sinais de contaminação com insetos e fungos.

Também em Mato Grosso do Sul, Bueno *et al.* (2005) fizeram um levantamento das espécies de usos medicinais em populações indígenas na Reserva de Caarapó, as quais utilizam mais as plantas medicinais no tratamento de gripe, dores abdominais, febre, reumatismo e cicatrizante. Essa população utiliza 34 diferentes plantas distribuídas em 22 famílias, sendo que as famílias mais citadas foram Fabaceae, Asteraceae, Myrtaceae, Moraceae e Meliaceae. As mesmas famílias mais representativas foram encontradas também no trabalho de Pereira *et al.* (2007), que além de Asteraceae e Fabaceae, registraram as famílias Bignoniaceae, Rubiaceae e Anacardiaceae.

Mesmo com todos esses dados verifica-se, ainda, uma carência de estudos etnobotânicos e uma padronização na metodologia no levantamento das espécies, pois nem todos os pesquisadores levantam as mesmas informações em seus trabalhos, deixando-as dispersas.

Este capítulo objetivou compilar as listas de espécies vegetais com potencial de uso medicinal produzidas na Região Centro Oeste do Brasil, indicando as espécies nativas e cultivadas, além de apresentar sugestões para a elaboração de uma lista padrão para a compilação de espécies.

2. METODOLOGIA

2.1 Revisão Bibliográfica e Compilação das Listas das Espécies Medicinais

Para a compilação das listas foram consultados artigos científicos, dissertações e teses, relacionadas especificamente a trabalhos com plantas medicinais realizados na Região Centro Oeste do Brasil (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) (Figura 1), durante o período de 1990 a 2008. Inicialmente seria tratado o Distrito Federal, mas de acordo com o levantamento realizado, evidenciou-se carência de estudos nessa área, sendo encontrado apenas um trabalho publicado contendo apenas vinte e seis espécies nativas. Assim, optou-se por sua exclusão devido à amostragem ser pouco representativa para o Distrito Federal evitando, assim, o enviesamento na análise dos dados.



Figura 1 – Localização da região Centro Oeste no Brasil. Fonte: SIMIELLI, 2002.

Todas as listas de espécies medicinais levantadas foram compiladas, citando-se o nome científico, o nome popular, a parte da planta utilizada, as indicações terapêuticas, as categorias das doenças segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª Revisão (BRASIL, 2008a) e os

respectivos autores. Foram excluídas da listagem as espécies identificadas somente até a categoria de gênero.

O sistema de classificação das famílias botânicas utilizado foi o The Angiosperm Phylogeny Group II, organizado por um grupo de sistematas que propuseram uma nova classificação para as famílias das Angiospermas. Essa proposta veio minimizar o problema existente entre as relações filogenéticas e evolução das plantas como o sistema antigo de classificação que se baseia em diferenças de padrões morfológicos (APG II, 2003). Os nomes científicos das espécies foram conferidos e corrigidos conforme The International Plant Name Index (2005).

2.2 Análise Quantitativa dos Dados

A análise quantitativa foi realizada seguindo os critérios adotados por Silva (2007) e adaptados para essa dissertação.

Quanto à sua **ocorrência**, as espécies compiladas foram agrupadas em três categorias:

a) **Nativas ao bioma** - aquelas espécies presentes na listagem da flora vascular do bioma Cerrado apresentada por Mendonça *et al.* (1998) e expandida por Mendonça *et al.*, (2008);

b) **Nativas ao Brasil** - aquelas espécies que não foram listadas por Mendonça *et al.* (2008), como sendo nativas ao bioma, mas aparecem registradas na flora brasileira, segundo Souza e Lorenzi (2008).

c) **Exóticas ao Brasil** – aquelas que não foram citadas por Souza e Lorenzi (2008) para a flora brasileira ou aparecem como espécies exóticas que são cultivadas no Brasil.

Quanto às **frequências de citação**, calculou-se:

A) **Frequência de citação da família (Ff)**: Foi determinada pelo número total de espécies da mesma família citadas por diferentes autores.

B) Frequência de citação da espécie (Fe): Foi determinada pelo número de citações da mesma espécie por diferentes autores.

C) Frequência da parte utilizada: representa o número total de vezes que determinada parte do vegetal foi citada para o preparo de remédios caseiros. Foram consideradas as seguintes categorias: a) raiz (rizomas e tubérculos); b) caule; c) folha, d) flor; e) fruto; f) semente; g) toda a planta.

D) Frequência de citação da categoria de doença: Foi estabelecida pelo número total de enfermidades que foram citadas para determinada categoria de doença.

A seguir, encontra-se a distribuição das categorias de doenças em capítulos proposta pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), 10ª Revisão (BRASIL, 2008a).

Capítulo I - Algumas doenças infecciosas e parasitárias;

Capítulo II - Neoplasias (tumores);

Capítulo III - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários;

Capítulo IV - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas;

Capítulo V - Transtornos mentais e comportamentais;

Capítulo VI - Doenças do sistema nervoso;

Capítulo VII - Doenças do olho e anexos;

Capítulo VIII - Doenças do ouvido e da apófise mastóide;

Capítulo IX - Doenças do aparelho circulatório;

Capítulo X - Doenças do aparelho respiratório;

Capítulo XI - Doenças do aparelho digestivo;

Capítulo XII - Doenças da pele e do tecido subcutâneo;

Capítulo XIII - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo;

Capítulo XIV - Doenças do aparelho geniturinário;

Capítulo XV - Gravidez, parto e puerpério;

Capítulo XVI - Algumas afecções originadas no período perinatal;

Capítulo XVII - Malformações congênicas, deformidades e anomalias cromossômicas;

Capítulo XVIII - Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte;

Capítulo XIX - Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas;

Capítulo XX - Causas externas de morbidade e de mortalidade.

Após organizar as indicações de uso das espécies em sistemas corporais, ou categorias de doenças, com base no CID 10 (BRASIL, 2008a) foi calculada, para cada espécie, a sua **importância relativa**, segundo Bennett e Prance (2000).

IR = **NSC** + **NI** , onde,

IR = importância relativa;

NSC = número de sistemas corporais; e

NI = número de indicações de uso.

O NSC é dado pelo número de sistemas corporais da espécie (NSCS) dividido pelo número de sistemas corporais da espécie mais versátil (NSCSV). Adotou-se como sendo o número de sistemas corporais da espécie mais versátil (NSCSV), a espécie que recebeu maior frequência de sistemas corporais citados.

O NI é o número de indicações de uso atribuído à determinada espécie (NIS), dividido pelo número total de indicações de uso da espécie mais versátil (NISV). Entende-se por espécie mais versátil aquela que recebeu maior número de indicações de uso. O valor máximo da IR é 2.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Origem das espécies medicinais

Foram levantados 30 trabalhos em toda a Região Centro Oeste (excluído o Distrito Federal), totalizando 723 espécies, distribuídas em 113 famílias (Apêndice 1).

Durante a compilação das listas existem informações diferentes como hábito, habitat, modo de preparo do remédio, ordenação por ordem alfabética ou por famílias botânicas das espécies etc, ou ainda, que trazem apenas o nome popular ou a identificação incompleta. Essas informações que não são levantadas por todos os pesquisadores tornam trabalhosa a compilação das espécies, além de dificultarem análises mais aprofundadas e comparativas. Portanto é necessário que haja uma padronização das informações contidas nas listas para facilitar a compilação das espécies e análises dos dados.

Do total das espécies, 76,07% são encontradas na flora brasileira, sendo que 41,22% são espécies que ocorrem no bioma Cerrado. O restante das espécies listadas (23,93%) são espécies exóticas ao Brasil. Resultados similares foram encontrados por Schardong e Cervi (2000); Pasa, Soares e Neto (2005) e Souza (2007), nos quais a maioria das espécies levantadas era nativa do Cerrado. Em estudo realizado por Souza e Felfili (2006) na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, obteve-se intenso uso da biodiversidade nativa, onde 69% das espécies mencionadas como úteis pela população local eram pertencentes à flora nativa do Cerrado. Esses dados evidenciam que a população utiliza amplamente das espécies nativas ao bioma, as quais já possuem um uso consagrado na medicina tradicional. Esse fato relaciona-se à riqueza de espécies vegetais nativas, aliada à grande diversidade química com diferentes atividades biológicas que estas plantas apresentam.

Assim, apesar de ainda haver uma carência de levantamentos etnobotânicos e do potencial extrativista, grande parte da flora do Cerrado tem sido amplamente explorada pelo conhecimento popular. Segundo Almeida *et al.* (1998), várias são as espécies que possuem utilização e muitas delas enquadra-se em mais de um tipo de uso. Entretanto, o usuário comum ainda é a população regional, cuja atividade é essencialmente extrativista.

Outro problema que se levanta com relação ao uso das espécies medicinais da flora nativa, é que a grande maioria é consumida com pouca ou nenhuma comprovação de suas propriedades farmacológicas, propagadas por usuários ou comerciantes. Muitas vezes essas plantas são, inclusive, empregadas para fins medicinais diferentes daqueles utilizados pelos silvícolas (VEIGA JÚNIOR, PINTO e MACIEL, 2005).

Também tem sido constatada na literatura, a inserção de espécies exóticas, na sua maioria herbáceas, possivelmente introduzidas por imigrantes, devido à sua facilidade de transporte de uma região para outra. Nesse contexto podem ser citados os trabalhos de Borba e Macedo (2006) e Silva e Proença (2008), que em seus estudos constataram que a maioria das espécies levantadas era exótica ao Brasil. Essas plantas geralmente aparecem como invasoras ou sendo cultivadas nos quintais dos domicílios rurais e urbanos.

A utilização popular das plantas medicinais com fins terapêuticos provém de diferentes origens e culturas tradicionais, principalmente de índios brasileiros e da cultura e tradição africana e européia. Segundo Silva *et al.* (2001, p. ix):

[...] O uso e o comércio destes recursos, como em outros países, foram estimulados pelas necessidades de uma crescente população que demanda cada vez mais plantas medicinais para o cuidado de sua saúde e para seus cultos e tradições religiosas; pela facilidade de acesso devido aos custos elevados da medicina ocidental, aos efeitos colaterais provocados pelos fármacos sintéticos, além do crescente interesse nacional e internacional pelo potencial terapêutico e econômico que representam e a demanda de novos produtos pela indústria farmacêutica.

A utilização das espécies medicinais, sejam elas nativas da região ou cultivadas nos quintais, reduz e, muitas vezes elimina os gastos com medicamentos sintéticos, o que para algumas famílias brasileiras, especialmente as que têm crianças e idosos, constitui um item dispendioso no orçamento doméstico.

Na Figura 2 está representada a porcentagem das espécies medicinais de acordo com sua ocorrência por estados.

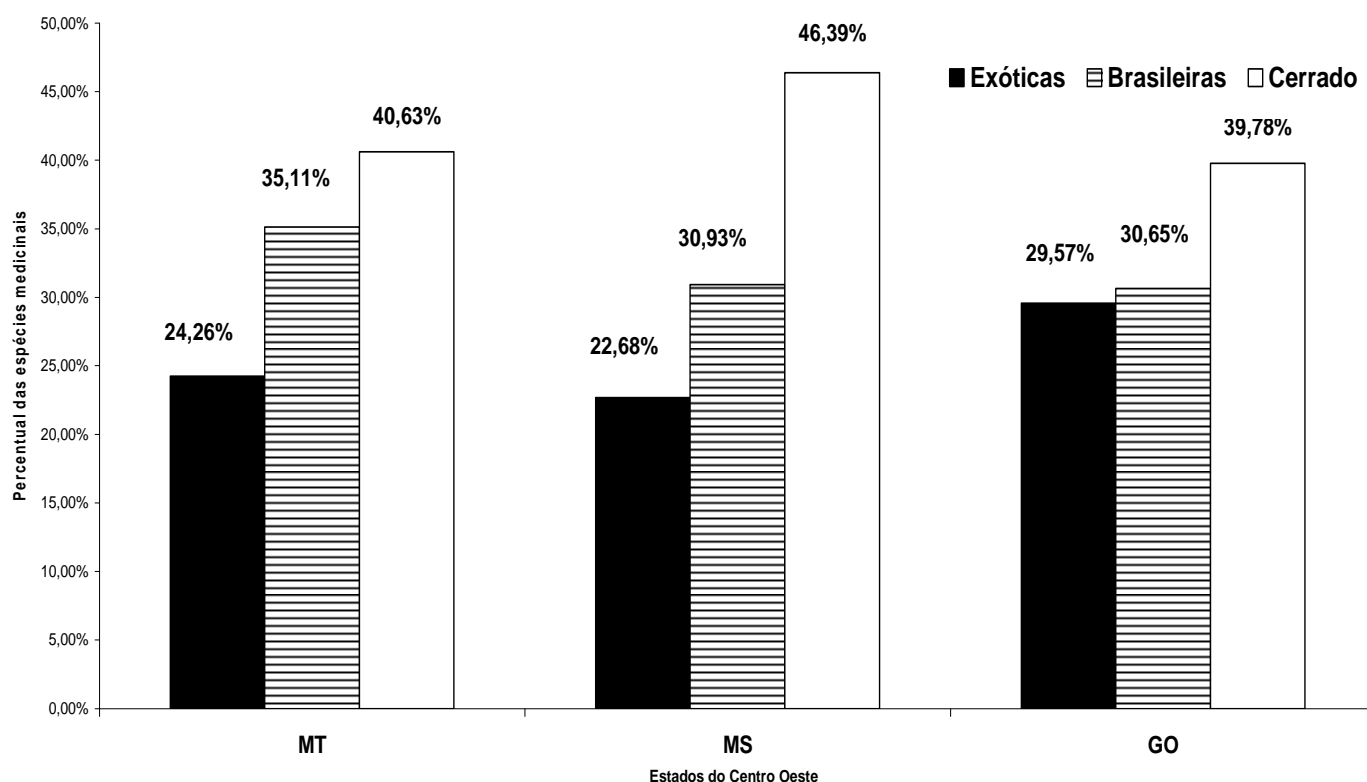


Figura 2 – Porcentagem das espécies medicinais segundo a sua ocorrência por estado. MT - Mato Grosso; MS - Mato Grosso do Sul; GO – Goiás, 2008.

Os dados mostram a concordância com os valores encontrados, tratando-se do levantamento bibliográfico. A porcentagem de espécies medicinais nativas do Cerrado permanece maior para cada estado individualizado. Um dado interessante é a porcentagem de espécies medicinais exóticas utilizadas em Goiás, o que corrobora com os resultados encontrados por Silva, C. (2007), que em estudo realizado no município de Ouro Verde de Goiás a fim de verificar o uso e disponibilidade de recursos medicinais no município, verificou que 46% das espécies encontradas cultivadas nos quintais são de ocorrência exótica, ou seja, introduzidas de outros continentes.

A porcentagem de espécies cultivadas utilizadas, possivelmente deve-se ao processo de colonização e expansão ocorrido do estado de Goiás, onde houve uma influência de povos de outros estados e de outros países. As espécies de ocorrência exótica, foram trazidas pelos mais diversos imigrantes, em distintas épocas e seu uso foi gradativamente incorporado pelas diversas etnias do Brasil, acabando por constituir-se em espécies bastante utilizadas. As plantas exóticas são cultivadas, em maior ou menor escala, dependendo do grau de utilização e/ou comercialização, são espécies bastante

consumidas pela população urbana ou são industrializadas (SCHEFFER, MING e ARAÚJO, 1999).

De acordo com Scheffer, Ming e Araújo (1999), diferentemente das plantas exóticas, as espécies nativas, em sua maioria, não são cultivadas, sendo obtidas por processos de extrativismo, em praticamente todas as formações vegetais brasileiras. Existem espécies que têm um aspecto comercial importante, são consumidas em grande escala, seja no mercado brasileiro como no exterior, sendo exportadas.

3.2 Frequência de citação da família

As famílias mais citadas foram: Fabaceae (80), Asteraceae (70), Lamiaceae (42), Malvaceae (25), Bignoniaceae (24), Myrtaceae (20), Euphorbiaceae (19), Solanaceae (17), Amaranthaceae (16), Apocynaceae (16), Moraceae (15), Rubiaceae (15) e Rutaceae (15) (Figura 3). A família Fabaceae está subdividida em quatro subfamílias (Caesalpinoidae, Cercidae, Faboidae e Mimosoidae), de acordo com o APGII (2003).

A maior riqueza encontrada nas famílias Fabaceae, Asteraceae e Lamiaceae pode ser explicada pelo número de espécies e ampla distribuição. Assim, de acordo com Souza e Lorenzi (2008), a família Fabaceae possui distribuição cosmopolita, representando uma das maiores famílias de Angiospermas e uma das principais do ponto de vista econômico, possuindo uma grande diversidade no Cerrado. A família Asteraceae é a maior família das Eudicotiledôneas e muitas espécies são utilizadas como medicinais. Já a família Lamiaceae possui muitas espécies aromáticas cultivadas no Brasil e muito utilizadas na medicina popular.

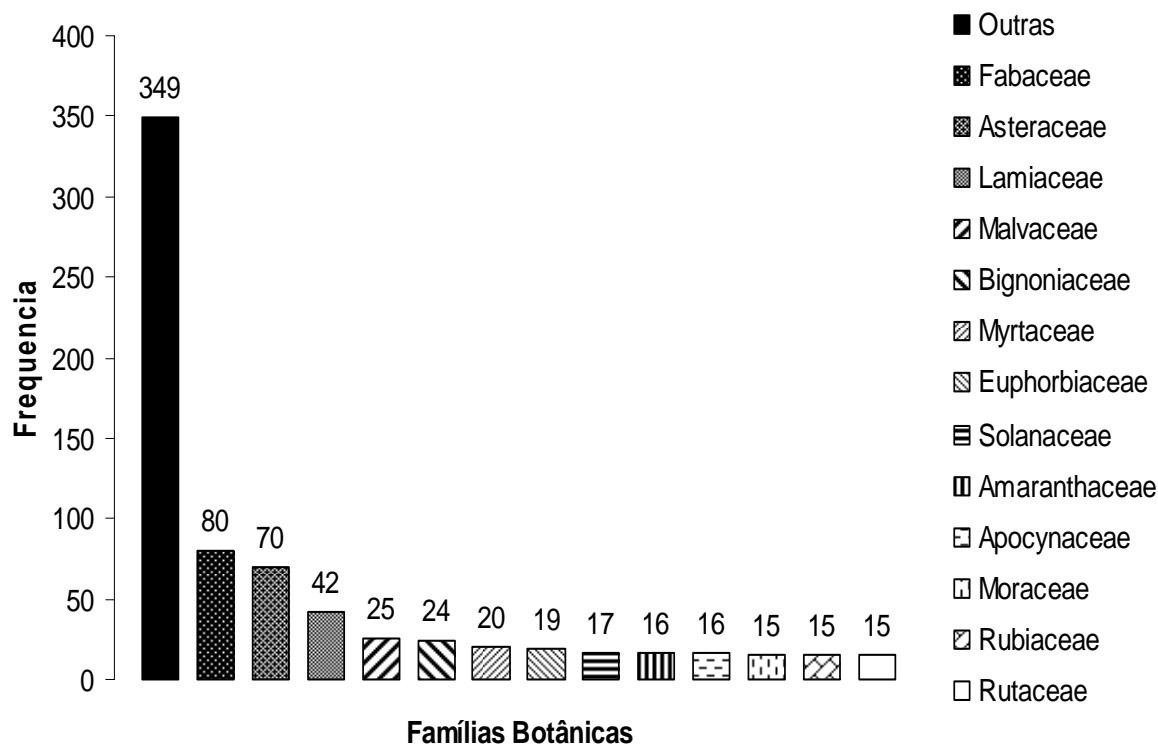


Figura 3 – Famílias botânicas mais citadas, segundo compilação de listas de espécies medicinais para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008.

Dados similares foram encontrados por Ramos, Albuquerque e Amorim (2005), onde as famílias mais representativas foram a Lamiaceae (12), Asteraceae (8) e Euphorbiaceae (7); por Schardong e Cervi (2000), sendo as mais representativas Asteraceae (25), Solanaceae (11) e por Azevedo e Silva (2006), Euphorbiaceae e Lamiaceae (8), como as mais representativas.

Para Maciel e Guarim Neto (2006), os resultados foram diferentes, sendo a família mais representativa a Lamiaceae (22), seguida da Rutaceae (12), Asteraceae (7) e Fabaceae (7).

3.3 Frequência de citação da espécie

As espécies mais citadas entre os trinta autores estão listadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Espécies medicinais mais citadas, segundo levantamento dos trabalhos sobre plantas medicinais realizado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008. * espécies de origem exótica ao Brasil.

Nome Científico	Nome Popular	Frequência
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-Santa-Maria	21
* <i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Capim-cidreira	21
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	Fedegoso	20
* <i>Punica granatum</i> L.	Romã	20
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	20
* <i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São-Caetano	18
* <i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	18
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.ex Britton & P. Wilson.	Erva-cidreira	18
* <i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	18
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú vermelho	17
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito	17
<i>Stryphnodendrom adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	17
* <i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	17
* <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	17
<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Pacari	17
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc.	Mama-cadela	17
* <i>Allium sativum</i> L.	Alho	16
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	16
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	16
<i>Rudgea viburnoides</i> Benth.	Congonha de bugre	16
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	16
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	15
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl.	Aroeira	15
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	Marcelinha	15
* <i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	15
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe	15
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	15
* <i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	15
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) ex Hayne	Jatobá	15
* <i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã	15
* <i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	15

Schardong e Cervi (2000) também encontraram para Campo Grande (MS) cinco das espécies mais citadas (*Chenopodium ambrosioides* L., *Cymbopogon citratus* Stapf., *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.ex Britton & P. Wilson., *Momordica charantia* L. e *Senna occidentalis* (L.) Link., corroborando com o que foi verificado.

Do total dessas 31 espécies mais citadas entre os autores, verifica-se uma discrepância dos dados apresentados no item 3.1. Mesmo tendo sido encontrado que entre as 723 espécies levantadas predominou as de origem da flora brasileira, entre as espécies mais citadas, as de origem exótica tiveram frequência expressiva, já que das 31 espécies, 12 são exóticas. Isso mostra que mesmo com uma grande quantidade de espécies nativas da flora brasileira, a população utiliza muitas plantas exóticas na busca do tratamento de males e sintomas. Isso pode ser explicado devido ao fato dessas plantas serem utilizadas para sanar distúrbios corriqueiros, como má digestão e problemas respiratórios, sendo que na maioria das vezes a forma de preparo se baseia em chás provenientes das folhas. É comum que esses chás sejam preparados com plantas herbáceas, cultivadas nos quintais, muitas das quais de origem européia.

Comparando-se essa lista das espécies mais citadas com a lista das espécies ameaçadas de extinção publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2008b), verifica-se em comum a presença da Aroeira [*Myracrodruon urundeuva* (Fr. All.) Engl.]. De acordo com Lorenzi e Matos (2002) a aroeira é uma das principais plantas medicinais conhecidas no Brasil pelo seu uso semicúpio (banho-de-assento), utilizando-se o cozimento da entrecasca. Esta preparação também é utilizada para o tratamento caseiro de afecções cutâneas, problemas do aparelho urinário e respiratório.

Estudos farmacológicos pré-clínico do extrato da entrecasca mostraram significativo efeito antiinflamatório, antiulcerogênica e cicatrizante (LORENZI e MATOS, 2002). Devido à grande utilização da entrecasca da aroeira, principalmente como cicatrizante, essa planta está entre as ameaçadas de extinção, pois a extração da entrecasca não ocorre de maneira sustentável, proporcionando a debilitação e até mesmo a morte do indivíduo.

Ao comparar os resultados da Tabela 1 com as descrições das espécies apresentadas na Farmacopéia Brasileira (1988-1996), verificou-se que apenas cinco destas espécies estão descritas: *Cymbopogon citratus* Stapf., *Psidium guajava* L.,

Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville, *Allium sativum* L. e *Achyrocline saturoides* (Lam.) DC.

É importante ressaltar que a Farmacopéia Brasileira é o Código Oficial Farmacêutico do País, onde se estabelecem, dentre outras coisas, os requisitos mínimos de qualidade para fármacos, insumos, drogas vegetais, medicamentos e produtos para a saúde (ANVISA, 2009).

Sabe-se que o Brasil possui a maior biodiversidade do mundo (ALONSO, 1998), espalhada numa extensa área verde. Nestas condições naturais, muitas das plantas medicinais nativas (estima-se que a maioria) não são cultivadas, mas sim coletadas por “raizeiros” e “mateiros” que, com frequência, por falta de conhecimento e/ou orientação, coletam drogas de baixa qualidade: ou não são exatamente as drogas desejadas ou são, porém deficientes de princípios ativos.

Nos países em desenvolvimento, bem como nos mais desenvolvidos, os apelos da mídia para o consumo de produtos à base de fontes naturais aumentam a cada dia. Pesquisa realizada nos Estados Unidos, no ano de 1997 mostrou que 42% da população haviam feito uso de plantas medicinais, pelo menos uma vez no ano de 1996, em tratamentos médicos alternativos. Na Alemanha, consomem-se metade dos extratos vegetais comercializados em toda a Europa, e no ano de 1997, 1,5 milhão de pessoas utilizaram ervas medicinais durante o tratamento alopático, sendo que 70% dos clínicos gerais alemães prescrevem as centenas de ervas licenciadas no país (VEIGA JUNIOR, PINTO e MACIEL, 2005).

Os autores supracitados relatam que no Brasil, as plantas medicinais da flora nativa são consumidas com pouca ou nenhuma comprovação de suas propriedades farmacológicas, pois as pesquisas realizadas para avaliação do uso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos ainda são incipientes, assim como o controle da comercialização pelos órgãos oficiais em feiras livres, mercados públicos ou lojas de produtos naturais.

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006), instituída em dezembro de 2006 pelo Governo Federal, tem como objetivo inserir, com segurança, eficácia e qualidade, plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). Este programa visa promover e

reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros.

O Ministério da Saúde em 2009 elaborou uma lista com 71 espécies de plantas que poderão gerar produtos usados pelo SUS (Tabela 2). A finalidade da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS é orientar estudos que possam subsidiar a elaboração da relação de fitoterápicos disponíveis para uso da população, com segurança e eficácia para o tratamento de determinadas doenças.

Tabela 2 – Lista de espécies medicinais de interesse ao SUS (BRASIL, 2009), comparadas com as espécies medicinais mais citadas no levantamento bibliográfico realizado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Nome científico	Nome popular	Uso medicinal	Espécies mais citadas no presente estudo
<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil-folhas, dipirona	Combate úlceras, feridas e analgésicos	
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Antisséptico, antiinflamatório e anti-hipertensivo	X
<i>Aloe barbadensis</i> Mill. ou <i>A. vera</i> L.	Babosa, áloes	Combate caspa, calvície, antitisséptico, tira piolhos e cicatrizante	
<i>Alpinia speciosa</i> K. Schum.	Colônia	Anti-hipertensivo	
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Antisséptico e cicatrizante	X
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Mucolítica e fluidificante das secreções e das vias aéreas superiores	
<i>Arrabidaea chica</i> Bureau	Crajirú, carajiru	Afecções da pele, feridas e microbiano	
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Artemísia	Estômago, fígado, rins, verme	X
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Carqueja, carqueja amargosa	Combate feridas e estomáquico	
<i>Bauhinia affinis</i> Vogel.; <i>B. forficata</i> Benth. ou <i>B. variegata</i> L.	Pata de vaca	Cicatrizante, dores no corpo	
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Combate úlceras	X
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá, pau-ferro verdadeiro, ibirá-obi	Infecção catarral, garganta, gota, cicatrizante	

...continua

Nome científico	Nome popular	Uso medicinal	Espécies mais citadas no presente estudo
<i>Calendula officinalis</i> L.	Bonina, calêndula, flor-de-todos-os-males, malmequer	Feridas, úlceras e micoses	
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba, angiroba, nandiroba	Combate úlceras, dermatoses e feridas	
<i>Casearia silvestris</i> Eichler	Guaçatonga, bugre branco, café bravo	Combate úlceras, feridas, aftas, feridas na boca	
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.; <i>Matricaria chamomilla</i> L. ou <i>M. recutita</i> L.	Camomila	Combate dermatites, feridas banais	
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz, erva-de-santa-maria, ambrosia, erva-de-bicho, mastruço, mentrus	Corrimento vaginal, antisséptico local	X
<i>Copaifera</i> spp.	Copaíba	Antiinflamatório	
<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult. ou <i>C. verbenacea</i> DC.	Erva baleeria	Antiinflamatória	
<i>Costus spicatus</i> Sw.	Cana-do-brejo	Combate leucorréia e inflamação renal	
<i>Croton cajuraca</i> Benth. ou <i>C. zehntneri</i> Pax. & Hoffm.	Alcaforeira, herva mular, pé-de-perdiz	Combate feridas e úlceras	
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Fígado	
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Combate ácido úrico	
<i>Dalbergia subcymosa</i> Ducke	Verônica	Tratamento de inflamações uterinas e da anemia	
<i>Eleutherine plicata</i> Klatt.	Marupa, palmeirinha	Hemorroidas, vermífugo	
<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha	Diurético	
<i>Erythrina mulungu</i> Mart.	Mulungu	Sistema nervoso em geral	
<i>Eucalyptus globulis</i> Labill.	Eucalipto	Combate leucorréia	
<i>Eugenia uniflora</i> L. ou <i>Myrtus brasiliensis</i> L.	Pitanga	Diarréia	
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	Antisséptico	
<i>Glycine max</i> Merrill.	Soja	Sintomas da menopausa, osteoporose	
<i>Harpagophytum procubens</i> DC.	Garra-do-diabo	Artrite reumatóide	
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Peão-roxo, jalopão, batata-de-teú	Antisséptico, feridas	
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Cortes, afecções nervosas, catarro bronquial	

...continua

Nome científico	Nome popular	Uso medicinal	Espécies mais citadas no presente estudo
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers. ou <i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Folha-da-fortuna	Furúnculos	
<i>Lamium album</i> L. <i>Lippia sidoides</i> Cham.	Urtiga-branca Estrepa-cavalo, alecrim, alecrim-pimenta	Leucorréia	
<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva, malva-alta, malva-silvestre	Furúnculos	
<i>Maytenus aquifolium</i> Mart. ou <i>M. ilicifolia</i> Mart. ex Reissek.	Cancerosa, combra-de- touro, espinheira-santa, cancerosa	Antisséptica em feridas e úlceras	
<i>Mentha pulegium</i> L. <i>Mentha crispa</i> L.; <i>M.</i> <i>piperita</i> L. ou <i>M. villosa</i> Huds.	Poejo Hortelã-pimenta, hortelã, menta	Gripe Vermes	X X
<i>Mikania glomerata</i> Spreng. ou <i>M. laevigata</i> Sch. Bip. ex Baker	Guaco	Broncodilatador	
<i>Momordica charantia</i> L. <i>Morus</i> sp. <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Melão-de São Caetano Amora Alfavacão, alfavaca- cravo	Vermífugo Úlcera Estômago	X
<i>Orbignya speciosa</i> Barb. Rodr.	Babaçu		
<i>Passiflora alata</i> Dryander; <i>P. edulis</i> Sims. ou <i>P.</i> <i>incarnata</i> L.	Maracujá	Calmante	
<i>Persea americana</i> Mill. ou <i>P. gratissima</i> C.F. Gartn.	Abacate	Ácido úrico, prevenir queda de cabelo, anti- caspa	
<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm.	Salsa	Estômago	
<i>Phyllanthus niruri</i> L.; <i>P.</i> <i>tennelus</i> Roxb.; <i>P. amarus</i> Schumach. & Thonn. ou <i>P.</i> <i>urinaria</i> L.	Erva-pombinha, quebra- pedra	Rins	
<i>Plantago major</i> L. <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews ou <i>Coleus</i> <i>barbatus</i> Benth.	Tanchagem, tanchás Boldo	Feridas Estômago	
<i>Polygonum acre</i> Kunth ou <i>P. hydropiperoides</i> Mich.	Erva-de-bicho	Corrimentos	
<i>Portulaca pilosa</i> L. <i>Psidium guajava</i> L.	Amor-crescido Goiaba	Feridas e úlceras Leucorréia, aftas, úlceras, irritação vaginal	X
<i>Punica granatum</i> L. <i>Rhamnus purshiana</i> DC.	Romeira Cáscara sagrada	Leucorréia	X
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Dores em geral	X

...continua

Nome científico	Nome popular	Uso medicinal	Espécies mais citadas no presente estudo
<i>Salix alba</i> L.	Salgueiro branco		
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi. ou <i>S. aroeira</i> Vell.	Araguaíba, aroeira, aroeira-do-rio-grande-do-sul	Feridas e úlceras	
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Fígado	
<i>Solidago microglossa</i> DC.	Arnica	Contusões	
<i>Stryphnodendrom adstringens</i> (Mart.) Coville ou <i>S. barbatimam</i> Mart.	Barbatimão, abaremotemo, casca-da- virgindade	Leucorréia, feridas, úlceras, corrimento vaginal	X
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels ou <i>S. jabolanium</i> DC.	Jambolão	Diabetes	
<i>Tabeuia avellanadae</i> Lorentz ex Griseb.	Ipê-roxo	Doenças respiratórias	
<i>Tagetes minuta</i> L.	Cravo-de-defunto	Rins	
<i>Trifolium pratense</i> L.	Trevo-vermelho		
<i>Uncaria tomentosa</i> DC.	Unha-de-gato	Imunoestimulante, antiinflamatório	
<i>Vernonia condensata</i> Baker.	Boldo-da-Bahia	Fígado	
<i>Vernonia polyanthes</i> Less. ou <i>V. ruficoma</i> Schltdl. ex Mart.	Assa-peixe	Estômago	
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Tosse	X

3.4 Frequência da parte utilizada

Em relação à parte da planta utilizada, observou-se a predominância do uso de folhas, seguido do caule e raiz (Figura 4), corroborando com os resultados de Arantes, Caldas e Silva (2003); Pasa, Soares e Neto (2005); Maciel e Guarim Neto (2006) e Souza (2007), entre outros.

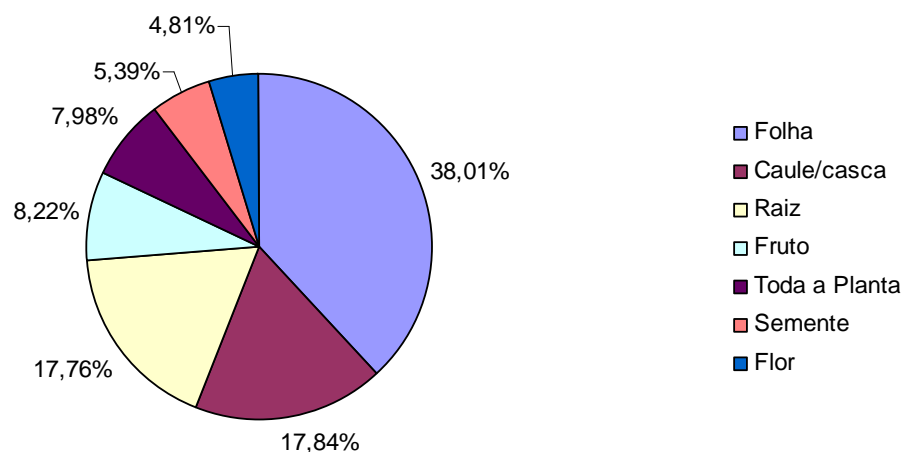


Figura 4 – Partes da planta mais utilizadas, segundo compilação de listas de espécies medicinais para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 2008.

A provável explicação para o amplo uso das folhas pode estar relacionada com a facilidade de colheita, uma vez que estas estão disponíveis a maior parte do ano (CASTELLUCCI *et al.*, 2000). Essa maior utilização das folhas, segundo Borba e Macedo (2006), pode indicar que os usuários procuram manter a integridade das espécies vegetais, retirando partes delas que possam ser repostas normalmente pelas próprias plantas, minimizando seu risco de perda ou extinção.

Os dados mostram que se deve ter a preocupação também com a porcentagem do uso do caule e raiz, que juntos totalizam 35,6%. Isso remete ao descuido em relação à extração dessas partes da planta, evitando uma extração total do indivíduo.

Borges Filho e Felfili (2003), relataram dados acerca do extrativismo do barbatimão [*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville] em Brasília, onde cerca de 41% dos indivíduos observados apresentavam sinais de extrativismo da sua casca. E desses indivíduos afetados 36% sofreram extração de mais de 50% da casca.

A Figura 5 mostra a distribuição das partes da planta utilizadas como medicinais de acordo com a ocorrência das espécies, nativas do Bioma Cerrado, nativas do Brasil ou exóticas ao Brasil. Observa-se que independente da ocorrência, o que predomina é a utilização das folhas. Evidencia ainda uma maior proporção de utilização de raízes e caule/casca de espécies brasileiras e Cerrado.

Devido à alta porcentagem de utilização das folhas sugere-se maiores estudos, com relação a prospecção fitoquímica em busca de princípios ativos presentes nesse órgãos que possam confirmar o uso popular.

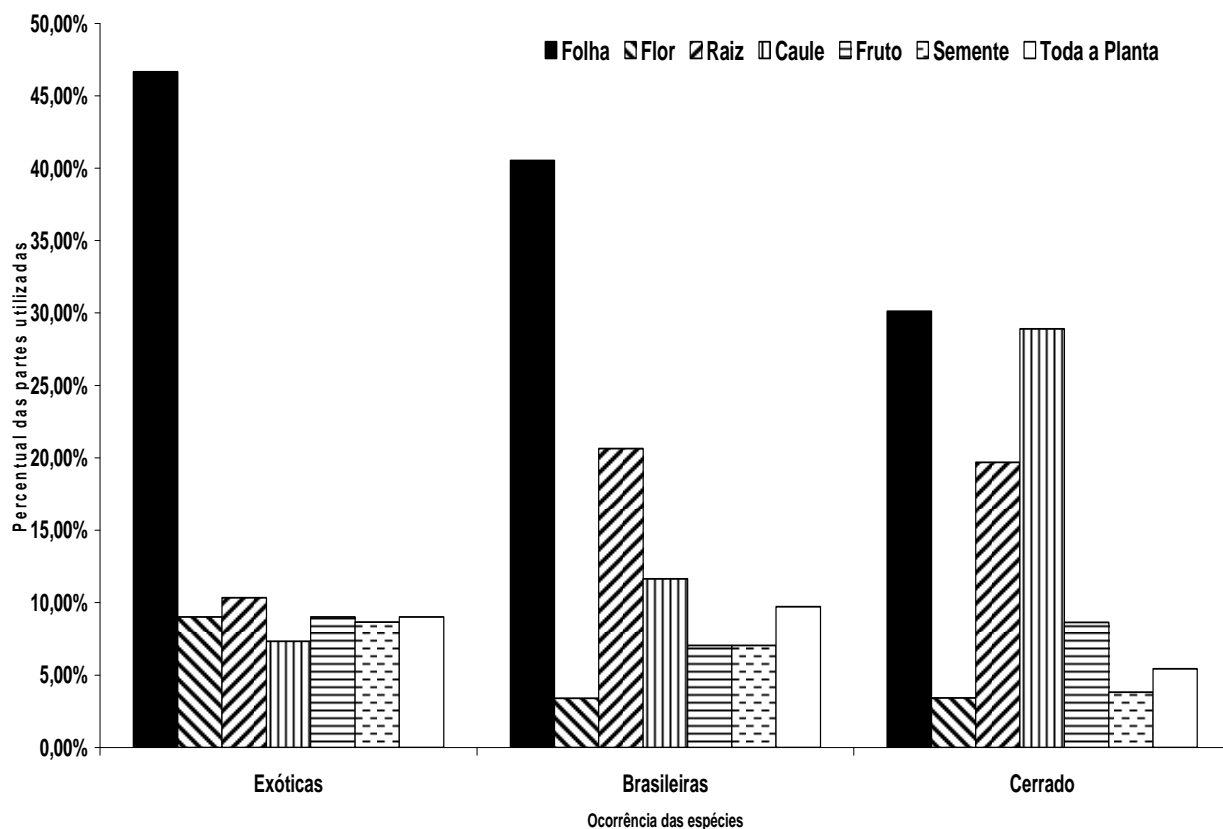


Figura 5 – Distribuição das partes da planta mais utilizadas pela população de MT, MS e GO, de acordo com a ocorrência das espécies.

3.5 Frequência de citação da categoria da doença

As categorias de doenças mais frequentes foram: aparelho digestivo (325), aparelho geniturinário (312), doenças infecciosas e parasitárias (297), sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos (291), aparelho respiratório (285), lesões (227), aparelho circulatório (202), sistema osteomuscular (200), doenças do sangue (181), doenças da pele (147) e doenças endócrinas (115) (Figura 6).

Esses dados corroboram com Maciel e Guarim Neto (2006); Pasa, Soares e Neto (2005), onde 25% das plantas usadas pela comunidade de Conceição-Açu (MT), destinavam-se ao tratamento de problemas referentes ao aparelho digestório.

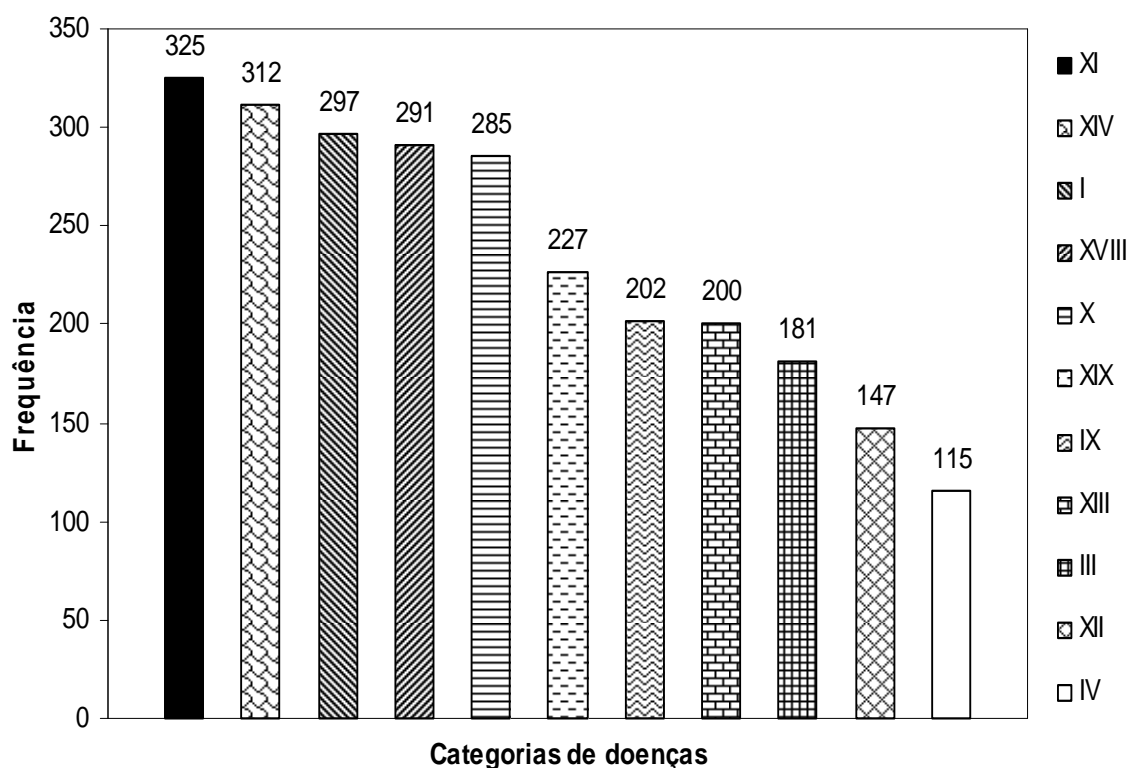


Figura 6 – Categorias de doenças mais frequentes segundo CID 10 (BRASIL, 2008a): **I** - Algumas doenças infecciosas e parasitárias; **III** - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários; **IV** - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas; **IX** - Doenças do aparelho circulatório; **X** - Doenças do aparelho respiratório; **XI** - Doenças do aparelho digestivo; **XII** - Doenças da pele e do tecido subcutâneo; **XIII** - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo; **XIV** - Doenças do aparelho geniturinário; **XVIII** - Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte; **XIX** - Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas.

Shardong e Cervi (2000) em estudo realizado com especialistas locais (indicados pela liderança comunitária) na comunidade de São Benedito, bairro São Francisco, Campo Grande (MS) encontraram valores diferentes, verificando que a indicação mais freqüente foi para doenças do aparelho respiratório.

Pode-se dizer que uma das razões para essas categorias de doenças serem as mais frequentes é a frequência com que esses “males” ocorrem. Rotineiramente as pessoas passam por problemas de ordem digestória (má digestão, azia, gases, vômitos), respiratória (febre, tosse, resfriado) e não procuram orientação médica. Desse modo, segundo dados da Associação Brasileira de Indústrias Farmacêuticas (apud ARRAIS *et al.*, 1997) 80 milhões de pessoas no mundo são adeptas da automedicação.

Arrais *et al.*, (1997) observaram que durante um levantamento realizado em duas capitais nacionais e cinco regiões de São Paulo, a descrição da automedicação identificou que 60% da procura correspondeu a medicamentos para o aparelho digestório, seguido do metabolismo (24%), sistema nervoso central (18,2%) e respiratório (17,7%). O principal motivo da procura do medicamento se relaciona a sintomas dolorosos e que na maioria das pessoas de até 55 anos de idade, a procura maior é por medicamentos que tratam problemas respiratórios.

Justificando a automedicação das plantas medicinais para alguns “males”, Somavilla (1998) relata ainda que o aspecto econômico e efeitos colaterais devido ao uso de remédios de farmácia são fatores que influenciam muito o uso das plantas.

Segundo Veiga Junior, Pinto e Maciel (2005, p.519),

[...] a toxicidade de plantas medicinais e fitoterápicos quando comparada com a dos medicamentos usados nos tratamentos convencionais, pode parecer trivial. Isto, entretanto, não é verdade. A toxicidade de plantas medicinais é um problema sério de saúde pública. Os efeitos adversos dos fitomedicamentos, possíveis adulterações e toxidez, bem como a ação sinérgica (interação com outras drogas) ocorrem comumente.

Assim, ainda que o uso das plantas medicinais seja uma alternativa promissora na cura de diversos males, faz-se extremamente necessária a orientação dos usuários quanto ao uso seguro desses medicamentos.

Muitas das espécies medicinais citadas como mais utilizadas nesse levantamento possuem efeitos tóxicos. De acordo com Veiga Junior, Pinto e Maciel (2005), *Allium sativum* L. (alho); *Anacardium occidentale* L. (caju); *Momordica charantia* L. (melão-de-São-Caetano); *Ruta graveolens* L. (arruda) e *Brosimum gaudichaudii* Tréc. (mama cadela), podem provocar dermatites por contato. Espécies como *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruço) podem lesionar o sistema nervoso

central. A arruda (*Ruta graveolens* L.) pode provocar aborto, fortes hemorragias, irritação da mucosa bucal e inflamações epidérmicas. O alho (*Allium sativum* L.), o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e o gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) podem provocar riscos para mulheres grávidas, por estimular a motilidade uterina e provocar aborto.

Os usuários de plantas medicinais que procuram e se tratam com os raizeiros e outros leigos que detêm conhecimento sobre as plantas são, em sua maioria, pertencentes às “classes populares”, uma vez que têm arraigada em sua cultura a utilização destas espécies curativas. Paralelamente, a medicina oficial foi se tornando inacessível do ponto de vista econômico a essas classes que começaram a assumir seu próprio destino, sobre o processo saúde/doença, encontrando mecanismos próprios para a perpetuação do saber (MOTA, 1997).

A Figura 7 traz as porcentagens das categorias de doenças, segundo Brasil (2008a), de acordo com a ocorrência das espécies medicinais, nativas do Bioma Cerrado, nativas do Brasil e exóticas ao Brasil.

Percebe-se que existem poucos pontos comuns entre as ocorrências das espécies e as categorias de doenças. Cada ocorrência possui picos diferentes das outras. As plantas nativas do Cerrado são mais utilizadas para as categorias IV(Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas) e XIII(Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo), enquanto as plantas nativas ao Brasil são mais utilizadas para as categorias V(Transtornos mentais) e XV(Gravidez, parto e puerpério). Já as plantas exóticas ao Brasil possuem uma utilização maior nas categorias VIII(Doenças do ouvido e da orelha) e XVI(Doenças do aparelho digestivo).

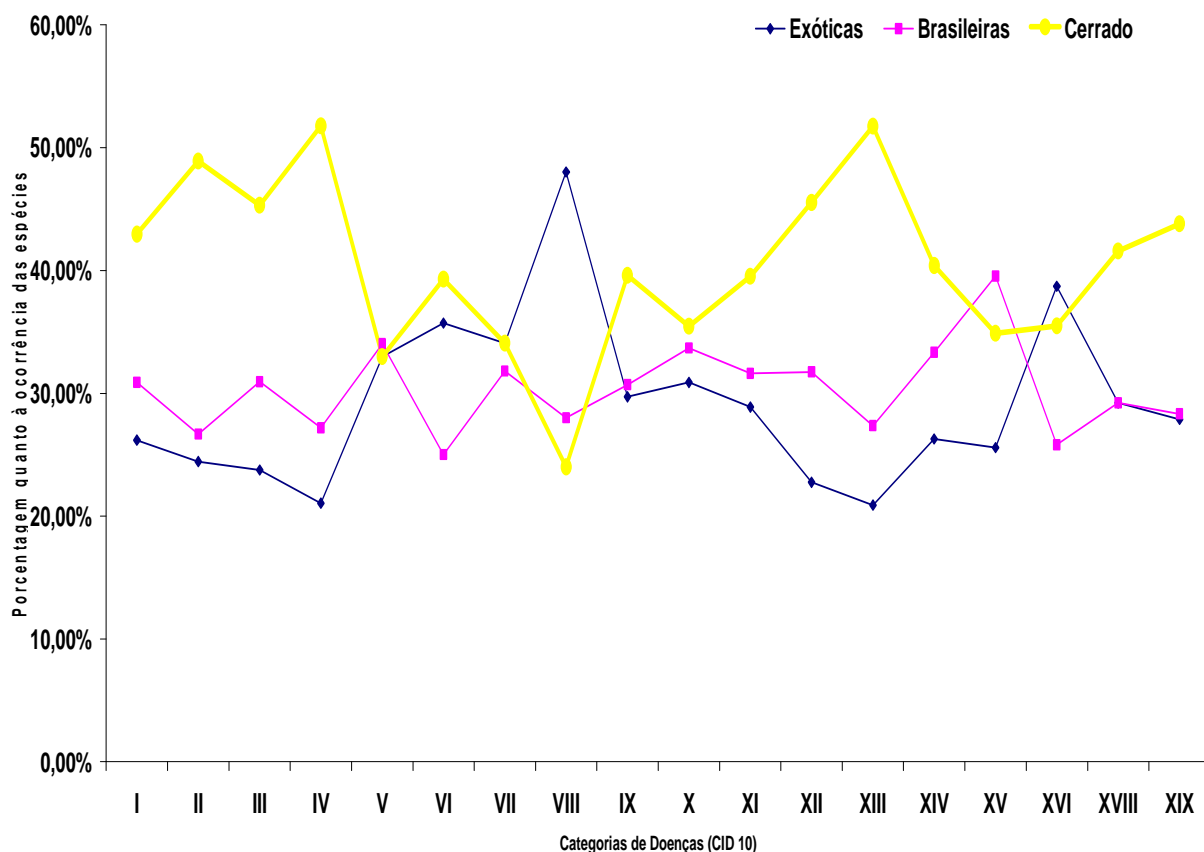


Figura 7 - Porcentagens das categorias de doenças (CID 10), segundo Brasil (2008a), de acordo com a ocorrência das espécies.

3.6 Importância relativa das espécies nativas

Pelo levantamento realizado, as espécies nativas do bioma Cerrado (*Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. (Marcelinha, macela); *Copaifera langsdorffii* Desf. (Copaíba, pau-d'óleo); *Pterodon pubescens* Benth. (Faveira, sucupira branca) e *Hymenaea stigonocarpa* (Mart.) ex Hayne (Jatobá), que possuem um maior valor de IR são consideradas as mais importantes (Tabela 3).

Dados similares foram encontrados por Silva, C. (2007), para Ouro Verde de Goiás. Comparando com a lista da autora, verifica-se que algumas espécies encontradas na cidade de Ouro Verde de Goiás ocupam posições diferentes em relação ao levantamento realizado para os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

De todas as espécies nativas listadas na Tabela 3, dez estão entre as mais citadas e quatro possuem um IR acima de 1,5: *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC (marcelinha) com IR = 1,903; dentre seus principais usos estão os distúrbios estomacais e sintomas em geral; *Hymenaea stigonocarpa* (Mart.) ex Hayne (jatobá) com IR = 1,813; seus principais usos referem-se aos distúrbios respiratórios e doenças do sangue; *Senna occidentalis* (L.) Link. (fedegoso) com IR = 1,736, sendo que entre os seus principais usos estão os distúrbios respiratórios e sintomas em geral e *Rudgea viburnoides* Benth. (congonha de bugre) com IR = 1,632, cujos principais usos referem-se aos distúrbios circulatórios e renais. Isso mostra que essas espécies são muito procuradas pela população que as utilizam para várias finalidades, o que pode indicar uma necessidade de maiores estudos, principalmente farmacológicos, e uma preocupação pela conservação dessas espécies no bioma Cerrado.

Tabela 3 - Espécies nativas de uso medicinal na Região Centro Oeste do Brasil (exceto Distrito Federal), ordenadas pelo valor da IR (Importância Relativa); a) Mato Grosso; b) Mato Grosso do Sul; c) Goiás, 2008. NI: número de indicações de uso; NSC: número de sistemas corporais.

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. - a,b,c	Marcelinha, macela	Asteraceae	0,903	1	1,903
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. - a,b,c	Copaíba, pau-d'óleo	Fabaceae - Caesapinioidae	0,935	0,923	1,858
<i>Pterodon pubescens</i> Benth. - a,c	Faveira, fava-de-santo- inácio, sucupira branca	Fabaceae - Faboidae	1	0,846	1,846
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) ex Hayne - a,c	Jatobá, jatobá do cerrado, jatobá do campo	Fabaceae - Caesapinioidae	0,967	0,846	1,813
<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil. - a,c	Quina, falsa-quina, quina-do-cerrado, casca- aromática	Loganiaceae	0,903	0,846	1,749
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link. - a,b,c	Fedegoso	Fabaceae - Caesapinioidae	0,967	0,769	1,736
<i>Bowdichia virgiloides</i> H.B.& Kunth. - a,c	Sucupira, sicupira preta	Fabaceae - Faboidae	0,87	0,846	1,716
<i>Rudgea viburnoides</i> Benth. - a,b,c	Douradão, congonha de bugre, erva-molá, bugre chapadinha	Rubiaceae	0,709	0,923	1,632
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq. - a	Unha-de-vaca, tripa-de- galinha, cipó de macaco	Fabaceae - Cercidae	0,709	0,846	1,555
<i>Macrosiphonia velame</i> Müll. Arg. - a,c	Velame-branco, velame, barbado, jalapa-branca	Apocynaceae	0,741	0,769	1,51
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez - a,c	Mangaba, mangava, fruta-de-doente	Apocynaceae	0,709	0,769	1,478
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc. - a,c	Algodãozinho, mama- cadela, inharé	Moraceae	0,709	0,769	1,478
<i>Stryphnodendrom adstringens</i> (Mart.) Coville - a,b,c	Barbatimão, barbatimão fêmea	Fabaceae - Mimosoidade	0,774	0,692	1,466
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl. - a,b,c	Aroeira	Anacardiaceae	0,677	0,76	1,437
<i>Vernonia polyanthes</i> Less. - a,c	Caferana, assa-peixe	Asteraceae	0,548	0,846	1,394
<i>Baccharis trimera</i> DC. - a,b,c	Carqueja	Asteraceae	0,677	0,692	1,369
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham. - a,c	Carobinha, carovinha	Bignoniaceae	0,677	0,692	1,369
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo - a	Ipê-roxo	Bignoniaceae	0,58	0,769	1,349
<i>Hymenaea courbaril</i> L. - a,b,c	Jatobá, jatobá da mata	Fabaceae - Caesapinioidae	0,548	0,769	1,317
<i>Dorstenia asaroides</i> Gardner. - a	Carapiá, caiapiá	Moraceae	0,612	0,692	1,304
<i>Curatella americana</i> L. - a,c	Lixeira, sambaíba	Dilleniaceae	0,58	0,692	1,272
<i>Cochlospermum regium</i> Pilger - a,b,c	Algodãozinho-do-mato	Bixaceae	0,677	0,538	1,215
<i>Vernonia ferruginea</i> Less. - a,c	Assa-peixe, assa-peixe- branco	Asteraceae	0,516	0,692	1,208
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb. - a,c	Amaro-leite, jalapa, batata-de-purga	Convolvulaceae	0,516	0,692	1,208
<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil. - a,b,c	Pacará, mangava-brava, piúna, jarrinha	Lythraceae	0,516	0,692	1,208

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Ocimum micranthum</i> Willd. - a,c	Alfavacão, tapera-velha, manjericão	Lamiaceae	0,483	0,538	1,201
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl. - a,b,c	Gervão, erva-ferro, girbão	Verbenaceae	0,58	0,615	1,195
<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> Machado - a,c	Nó-de-cachorro, erva-de-cão, raiz Santo Antonio	Malpighiaceae	0,258	0,923	1,181
<i>Simaba ferruginea</i> St. Hil. - a	Calunga, Fel da Terra	Simaroubaceae	0,612	0,538	1,15
<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil. - a,c	Lobeira, fruta-de-lobo	Solanaceae	0,451	0,692	1,143
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kuntze.) Micheli - a,b,c	Chapéu-de-couro	Alismataceae	0,451	0,69	1,141
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.ex Reissek. - a, b,c	Cancerosa, espinheira-santa	Celastraceae	0,516	0,615	1,131
<i>Spiranthera odoratissima</i> A.St. -Hil. - a,c	Manacá	Rutaceae	0,516	0,615	1,131
<i>Anacardium humile</i> St. Hil. - a,b,c	Cajuzinho, cajuí	Anacardiaceae	0,516	0,61	1,126
<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson - a,c	Tiborna, angélica, burra-leiteira, pau-de-leite	Apocynaceae	0,419	0,692	1,111
<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl.) Oken. - a,b	Batata-de-tiú, purga de lagarto, jalapa	Euphorbiaceae	0,419	0,692	1,111
<i>Manihot esculenta</i> Crantz. - a,c	Mandioca	Euphorbiaceae	0,419	0,692	1,111
<i>Anacardium occidentale</i> L. - a,b,c	Cajú, cajú vermelho	Anacardiaceae	0,58	0,53	1,111
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex Souza - a,b,c	Verga-teso, catuaba, alecrim do cerrado	Bignoniaceae	0,483	0,615	1,098
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. - a,c	Jucá, pau ferro	Fabaceae - Caesapinioidae	0,483	0,615	1,098
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam. - a,c	Chico magro, mutamba	Malvaceae	0,483	0,615	1,098
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Smith. - a,b,c	Imburana, amburana, emburana, cerejeira	Fabaceae - Faboidae	0,548	0,538	1,086
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth. - a	Vinhático	Fabaceae - Mimosoidae	0,387	0,692	1,079
<i>Croton urucurana</i> Baill. - a,c	Sangra-d'água, urucurana-do-brejo	Euphorbiaceae	0,451	0,615	1,066
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq. - a,b	Pariporaba, capeba, capeva	Piperaceae	0,451	0,615	1,066
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex. Zucc. - a	Azedinha	Oxalidaceae	0,322	0,692	1,014
<i>Mikania glomerata</i> Spreng. - a,c	Guaco	Asteraceae	0,387	0,615	1,002
<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau - a	Para-tudo, craíba, ipê-amarelo	Bignoniaceae	0,387	0,615	1,002
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth. - a,b,c	Barbatimão, barbatimão macho, barmaimão roxo, fava-danta	Fabaceae - Caesapinioidae	0,387	0,615	1,002
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers - a	Jequitibá	Lecythidaceae	0,451	0,538	0,989
<i>Jacaranda caroba</i> DC. - b	Carobinha	Bignoniaceae	0,354	0,615	0,969
<i>Tabebuia ochracea</i> (Mart.) Standl. - a,c	Paratudo, ipê-amarelo, ipê-tabaco	Bignoniaceae	0,322	0,615	0,937
<i>Cordia insignis</i> Cham. - a	Calção-de-velho	Boraginaceae	0,322	0,615	0,937
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel. - a,b,c	Sucupira, fava de sucupira	Fabaceae - Faboidae	0,322	0,615	0,937
<i>Camarea ericoides</i> St. Hil. - a	Arnica-caseira, arnica do campo	Malpighiaceae	0,322	0,615	0,937
<i>Cybistax antisiphylitica</i> Mart. - a	Pé-de-anta, mão-de-anta	Bignoniaceae	0,387	0,538	0,925

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) S. Moore - a	Paratudo/caraíba	Bignoniaceae	0,387	0,538	0,925
<i>Vochysia rufa</i> Mart. - a,c	Pau-doce, quina doce	Vochysiaceae	0,387	0,538	0,925
<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitzki - a	Lixeirinha, lixinha	Dilleniaceae	0,354	0,538	0,892
<i>Simarouba versicolor</i> St. Hil. - a,c	Mata-cachorro, canela de perdiz, pé-de-perdiz, simaruba, marupá-do-campo	Simaroubaceae	0,354	0,538	0,892
<i>Smilax japicanga</i> Griseb- a	Salsaparrilha, japecanga	Smilacaceae	0,354	0,538	0,892
<i>Luffa operculata</i> Cogn. - a,c	Buchinha, cabacinha, chuchu	Cucurbitaceae	0,193	0,692	0,885
<i>Gomphrena officinalis</i> Mart. - a,c	Paratudinho-do-campo	Amaranthaceae	0,354	0,53	0,884
<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil. - a,c	Pequi	Caryocaraceae	0,322	0,538	0,86
<i>Operculina alata</i> (Ham.) Urb. - a	Batata-amaro-leite, batata-de-Tiú	Convolvulaceae	0,322	0,538	0,86
<i>Croton salutaris</i> Casar. - a	Sangra-d'água	Euphorbiaceae	0,322	0,538	0,86
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yakovlev - a	Quina genciana	Fabaceae - Faboidae	0,322	0,538	0,86
<i>Andira humilis</i> Mart.ex Benth. - a	Quina-genciana	Fabaceae - Faboidae	0,322	0,538	0,86
<i>Serjania erecta</i> Radlk. - a	Quina cinco folha, carqueja	Sapindaceae	0,322	0,538	0,86
<i>Dipteryx alata</i> Vogel - a,c	Cumbaru, barú, barujo, feijão-coco, cumbarý, cumaruana	Fabaceae - Faboidae	0,387	0,461	0,848
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze - a	Terramicina	Amaranthaceae	0,387	0,46	0,847
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. - a,c	Pinhão-roxo	Euphorbiaceae	0,29	0,538	0,828
<i>Annona crassiflora</i> Mart. - a,c	Articum, graviola, araticum, marolo, quaresma	Annonaceae	0,29	0,53	0,82
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze - a,c	Abutua, milhomem, papo-de-peru	Aristolochiaceae	0,354	0,461	0,815
<i>Cayaponia tayuya</i> Cogn. - a,c	Batata-de-Taiuíá, taiuíá, toiá	Cucurbitaceae	0,354	0,461	0,815
<i>Piper aduncum</i> L. - a,c	Jaborandi-de-casa, aberta-ruão	Piperaceae	0,258	0,538	0,796
<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Vahl. - a	Gervão	Verbenaceae	0,322	0,461	0,783
<i>Hyptis paludosa</i> St. -Hil.ex Benht. - a	Alevante	Lamiaceae	0,29	0,461	0,751
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze - c	Bingueiro, jequitibá	Lecythidaceae	0,29	0,461	0,751
<i>Helicteres sacarrolha</i> A. Juss. - a	Rosquinha	Malvaceae	0,29	0,461	0,751
<i>Chiococca brachiata</i> Ruiz & Pav. - a	Cainca, raiz preta, cipó-cruz	Rubiaceae	0,29	0,461	0,751
<i>Bromelia balansae</i> Mez. - a	Gravatá	Bromeliaceae	0,258	0,461	0,719
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud. - a	Pata-de-vaca	Fabaceae - Cercidae	0,258	0,461	0,719
<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg. - a,b,c	Angico, angico-vermelho	Fabaceae - Mimosoidade	0,258	0,461	0,719
<i>Bredemeyera floribunda</i> Benth. - a	Cipó gemada, vick, gemadinha	Polygalaceae	0,258	0,461	0,719
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart. - a,c	Carijó, pé-de-perdiz, alcanforeira	Euphorbiaceae	0,255	0,461	0,716

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Genipa americana</i> L. - a	Jenipapo	Rubiaceae	0,255	0,461	0,716
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk. - a	Mulher-pobre, maria-pobre	Sapindaceae	0,255	0,461	0,716
<i>Salvertia convallariaeodora</i> A. St. - Hil. - a,c	Pau-doce, bate-caixa, bananeira-do-cerrado	Vochysiaceae	0,225	0,461	0,716
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq. - a	Jaborandi (nativo)	Piperaceae	0,322	0,384	0,706
<i>Aristolochia gigantea</i> Mart. & Zucc. - a	Cipó mil homens	Aristolochiaceae	0,225	0,461	0,686
<i>Protium heptaphyllum</i> March. - a	Amescla, pau de breu, amesca	Burseraceae	0,29	0,384	0,674
<i>Costus spiralis</i> Roscoe - a,c	Cana-do-brelo, caninha-do-brejo, pracovar	Costaceae	0,29	0,384	0,674
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clark - a,c	Capim-barba-de-bode	Cyperaceae	0,29	0,384	0,674
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke - a	Angelim, gingilim, maleiteira	Fabaceae - Faboidae	0,29	0,384	0,674
<i>Eugenia dysenterica</i> DC. - c	Cagaita	Myrtaceae	0,29	0,384	0,674
<i>Alibertia edulis</i> A. Rich. Ex DC. - a	Marmelada-bola	Rubiaceae	0,29	0,384	0,674
<i>Qualea grandiflora</i> Mart. - a,c	Pau-terra	Vochysiaceae	0,287	0,384	0,671
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. - a,c	Anador, comel, novalgina, trevo, dipirona	Acanthaceae	0,29	0,38	0,67
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan - a,c	Angico	Fabaceae - Mimosoidade	0,225	0,384	0,639
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch - a	Uva-do-mato, parreira-do-mato	Proteaceae	0,255	0,384	0,639
<i>Palicourea coriacea</i> Schum. - a,b,c	Doradinha do campo	Rubiaceae	0,255	0,384	0,639
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg. - a,c	Angico, angico-amarelo	Fabaceae - Mimosoidade	0,322	0,307	0,629
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Micheli - a,c	Chapéu-de-couro, congonha-do-campo	Alismataceae	0,225	0,38	0,605
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott. - a,c	Gonçaleiro, Gonçalo-alves	Anacardiaceae	0,225	0,38	0,605
<i>Achyrocline alata</i> DC. - b	Jataí-kaá	Asteraceae	0,29	0,307	0,597
<i>Cereus jamacaru</i> D.C. - a	Mandacaru	Cactaceae	0,29	0,307	0,597
<i>Xylopia aromatica</i> Mart. - a,c	Pimenta-de-macaco, Bananinha-do-mato	Annonaceae	0,193	0,384	0,577
<i>Acrocomia aculeata</i> Lodd. ex. Mart. - a,c	Bocaiúva, macaúba	Arecaceae	0,193	0,384	0,577
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip. - a,c	Sena, sene, capim-reis	Fabaceae - Caesapinioidae	0,193	0,384	0,577
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltldl. - a,b	Veludo-branco	Rubiaceae	0,193	0,384	0,577
<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso. - a	Carobinha	Bignoniaceae	0,255	0,307	0,562
<i>Costus arabicus</i> L. - a	Cana de macaco	Costaceae	0,255	0,307	0,562
<i>Magonia pubescens</i> St. Hil. - a,c	Timbó, tingui, cuitê, mata-peixe, tingui-açu	Sapindaceae	0,255	0,307	0,562
<i>Tynanthus elegans</i> Miers - a	Cipó cravo	Bignoniaceae	0,161	0,384	0,545
<i>Chamaesyce caecorum</i> (Boiss.) Croizat. - a	Sete sangrias, ponta-lívia	Euphorbiaceae	0,161	0,384	0,545
<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stelf. - a	Espinheira, espinheira-santa	Fabaceae - Faboidae	0,161	0,384	0,545

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Pterodon polygalaeflorus</i> Benth. - a	Faveira, sicupira-amarela	Fabaceae - Faboidae	0,161	0,384	0,545
<i>Waltheria matogrossensis</i> J.G. Saunders. - a	Malva do campo	Malvaceae	0,161	0,384	0,545
<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess. - a	Guanandi	Clusiaceae	0,193	0,307	0,5
<i>Mouriri elliptica</i> Mart. - a	Coroinha, coroa-de-frade	Melastomataceae	0,193	0,307	0,5
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. - a,b	Carapiá	Moraceae	0,193	0,307	0,5
<i>Alternanthera dentata</i> (Moench.) Scheygr. - c	Terramicina, penicilina	Amaranthaceae	0,193	0,3	0,493
<i>Bidens gardneri</i> Baker. - a	Picão	Asteraceae	0,161	0,307	0,468
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Volgel) Yakovlev - a,c	Cinco-folhas, genciana	Fabaceae - Faboidae	0,161	0,307	0,468
<i>Hyptidendron canun</i> (Benth.) Harley - a	Hortelã-de-várzea	Lamiaceae	0,161	0,307	0,468
<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl. - a	Goiabinha	Lythraceae	0,161	0,307	0,468
<i>Galphimia brasiliensis</i> A.Juss. - a	Quininha	Malpighiaceae	0,161	0,307	0,468
<i>Cedrela fissilis</i> Vell. - a,b	Cedro-rosa, cedro	Meliaceae	0,161	0,307	0,468
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart. - a	Carvão-branco	Vochysiaceae	0,161	0,307	0,468
<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff. - a,c	Pinha, sofre-de-rim-quem-quer, beladona	Annonaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Porophyllum ruderale</i> Cass. - a,b	Picão branco, arnica-preta	Asteraceae	0,129	0,307	0,436
<i>Jacaranda ulei</i> Bureau & K. Schum. - a,c	Carovinha-mirim, carobinha, carabo-de-goíás	Bignoniaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. - a,c	Pau-santo, pau-doce	Clusiaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Terminalia argentea</i> Mart. - a,c	Capitão, macruá	Combretaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Cedrela odorata</i> L. - a	Cedro	Meliaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin. - a	Capim-sapé, sapé	Poaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek - a,c	Cabriteiro, bosta-de-cabrito, cafezinho	Rhamnaceae	0,129	0,307	0,436
<i>Aristolochia brasiliensis</i> Mart. & Zucc. - b,c	Cipó-milombre, papo-de-galo, crista-de-galo	Aristolochiaceae	0,129	0,3	0,429
<i>Philodendron imbe</i> Schott. - a	Cipó-imbé, banana-de-bugre, imbé	Araceae	0,193	0,23	0,423
<i>Pfaffia jubata</i> Mart. - c	Macela, sabugueirinho	Amaranthaceae	0,161	0,23	0,391
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart. - a,b	Carobão	Bignoniaceae	0,161	0,23	0,391
<i>Palicourea rigida</i> H. B. K. - a	Douradão, chapéu-de-couro	Rubiaceae	0,161	0,23	0,391
<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl. - a	Guarantã	Rutaceae	0,161	0,23	0,391
<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schldtl. - c	Pimenta-da-costa	Annonaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart. - c	Guatambu	Apocynaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Mauritia flexuosa</i> Linn. - c	Buriti, miriti, palmeira-dos-brejos	Arecaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Cereus peruvianus</i> (L.) Mill. - a	Merunbeva, cactus	Cactaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm - c	Pequi	Caryocaraceae	0,129	0,23	0,359
<i>Evolvulus pterygophyllus</i> Mart. - a	Algodãozinho	Convolvulaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Bauhinia forficata</i> Benth. - c	Unha-de-vaca	Fabaceae - Cercidae	0,129	0,23	0,359
<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A. Juss.) B. Gates - c	Cipó-prata	Malpighiaceae	0,129	0,23	0,359

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Byrsonima crassa</i> Nied. - c	Murici, murici-cascudo	Malpighiaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Oureatea hexasperma</i> (St. -Hil.) Baill. - a,c	Bico-de-tucano, balsamo	Ochnaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Roupala montana</i> Aubl. - a	Carne-de-vaca	Proteaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Hybanthus lanatus</i> Baill. - c	Papaconha	Violaceae	0,129	0,23	0,359
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer - a	Caiarana	Meliaceae	0,193	0,153	0,346
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi. - c	Aroeira	Anacardiaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Spondias purpurea</i> L. - a	Siriguela, jacote	Anacardiaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Annona dioica</i> St. Hil. - a	Ata do mato, araticum, ata	Annonaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Ilex paraguayensis</i> Hook. - a,b	Erva mate	Aquifoliaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. - b,c	Alecrim, alecrim-do-campo	Asteraceae	0,096	0,23	0,326
<i>Pectis jangadensis</i> S. Moore - a	Erva-de-carregador, cintista	Asteraceae	0,096	0,23	0,326
<i>Anemopaegma glaucum</i> Mart. ex D.C. - a	Alecrim do campo fêmea, vergatesa	Bignoniaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Dichorisandra hexandra</i> Standley - a	Cana-de-macaco	Commelinaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil. - a,c	Lixinha, sambaibinha	Dilleniaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millsp. - a,c	Sete-sangria, erva-cidreira, leiteira, erva-de-Santa-Luzia	Euphorbiaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Stryphnodendrom barbatimam</i> Mart. - c	Barbatimão	Fabaceae - Mimosoidade	0,096	0,23	0,326
<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng. - c	Capim-reis	Iridaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaud. - a	Cancerosa, cancerosa-do-rio	Moraceae	0,096	0,23	0,326
<i>Vanilla palmarum</i> Lindl. - a	Baunilha, bonilha	Orchidaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Oryza sativa</i> L. - a	Arroz	Poaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. - a	Mamica-de-porca	Rutaceae	0,096	0,23	0,326
<i>Baccharis genistelloides</i> (Lam.) Person - a	Carqueja	Asteraceae	0,161	0,153	0,314
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> Baker. - c	Coração-de-negro, assa-peixe-branco	Asteraceae	0,129	0,153	0,282
<i>Hyptis goyazensis</i> A. St.-Hil. ex. Benth. - a	Hortelã-do-brejo	Lamiaceae	0,129	0,153	0,282
<i>Aspidosperma polyneuron</i> (Müll.) Arg. - a	Peroba branca, guatambú	Apocynaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Peltastes peltatus</i> (Vell.) R.E.Woodson. - c	Precata-de-Nossa-Senhora	Apocynaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl. - c	Cipó-imbé	Araceae	0,096	0,153	0,249
<i>Cordia glabrata</i> A.D.C. - a	Louro	Boraginaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. - c	Abacaxi	Bromeliaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess. - c	Pau-santo	Clusiaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Bauhinia nitida</i> Benth. - a	Pata-de-vaca	Fabaceae - Cercidae	0,096	0,153	0,249
<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.) Benth. - c	Vergateza	Fabaceae - Faboidae	0,096	0,153	0,249
<i>Erythrina verna</i> Vell. - c	Mulungu	Fabaceae - Faboidae	0,096	0,153	0,249
<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth. - a	Dorme-dorme, arranhagato	Fabaceae - Mimosoidade	0,096	0,153	0,249

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Ficus gardneriana</i> (Miq.) Miq. - a	Figueira	Moraceae	0,096	0,153	0,249
<i>Solanum viarum</i> Dunal. - a	Juá, joá	Solanaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Vochysia divergens</i> Pohl. - a	Cambará	Vochysiaceae	0,096	0,153	0,249
<i>Discocactus heptacanthus</i> Britton & Rose - a	Croatá-de-frade, coroa de frade	Cactaceae	0,09	0,153	0,243
<i>Mandevilla velutina</i> (Mart. Ex Stadelm.) Woodson - c	Batata inflável	Apocynaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Philodendron selloum</i> K. Koch. - c	Cipó-imbé	Araceae	0,064	0,153	0,217
<i>Pseudobrickellia brasiliensis</i> (Spreng.) R. M. King & H. Rob. - a	Arnica-do-campo	Asteraceae	0,064	0,153	0,217
<i>Vernonia brasiliensis</i> Druce. - a	Assa-peixe	Asteraceae	0,064	0,153	0,217
<i>Tabebuia avellaneda</i> Lorentz ex Griseb. - b	Ipê-roxo	Bignoniaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Tabebuia serratifolia</i> Nicholson - a	Piúva-amarela, pau-d'arco	Bignoniaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler - a	Tarumarana	Combretaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Bulbostylis paradoxa</i> (Spreng.) Lindm. - c	Barba de bode	Cyperaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Erythroxylum suberosum</i> A. St.-Hil. - a,c	Cabelo-de-negro, mercúrio-do-campo	Erythroxylaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Croton adenodontus</i> Müll. Arg. - c	Alcaforeira	Euphorbiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Chamaecrista ramosa</i> (Vog.) H.S. Irwi & Barneby - a	Mingueirinha	Fabaceae - Caesapinioidae	0,064	0,153	0,217
<i>Melanoxylon brauna</i> Schott. - c	Braúna	Fabaceae - Caesapinioidae	0,064	0,153	0,217
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb. - a	Mata-pasto, mata-passo	Fabaceae - Caesapinioidae	0,064	0,153	0,217
<i>Galactia glaucescens</i> Kunth - a	Três-folhas	Fabaceae - Faboidae	0,064	0,153	0,217
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub. - c	Alcaçuz	Fabaceae - Faboidae	0,064	0,153	0,217
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> Kuntze - c	Alfavaca	Lamiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Camarea affinis</i> A. St.-Hil. - c	Pé-de-perdiz	Malpighiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Malvastrum coramandelianum</i> Garcke - c	Malva	Malvaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Sterculia striata</i> A. St. -Hil.& Naudin - a	Manduvi, xixá	Malvaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Ficus insipida</i> Willd. - b	Figueira	Moraceae	0,064	0,153	0,217
<i>Passiflora alata</i> Dryander - c	Maracujá-doce, maracujina	Passifloraceae	0,064	0,153	0,217
<i>Chiococca alba</i> Hitchc. - a	Cainca	Rubiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum. - a	Quina doce	Rubiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw. - a	Cinco-folhas	Sapindaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Serjania grandiflora</i> Cambess.- a	Cinco-folhas	Sapindaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng - c	Japecanga	Smilacaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Smilax campestris</i> Griseb. - c	Diquiri, salsaparrilha	Smilacaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Solanum cernuum</i> Vell. - c	Panacéia	Solanaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Cissus gongylodes</i> Burch. ex Baker - a	Cipó-de-arraia	Vitaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Qualea multiflora</i> Mart. - a	Macaba, pau-terra-macho	Vochysiaceae	0,064	0,153	0,217

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Qualea parviflora</i> Mart. - a,c	Pau-terra-da-folha-úmida	Vochysiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Vochysia haenkeana</i> Mart. - a	Cambará amarelo	Vochysiaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Renalmia exaltata</i> Kuntze - a,c	Pacová, pracová	Zingiberaceae	0,064	0,153	0,217
<i>Rauvolfia selowii</i> Müll. Arg. - c	Casca de anta	Apocynaceae	0,06	0,153	0,213
<i>Arrabidaea chica</i> (Humb & Bonpl.) Verl. C	Anemia	Bignoniaceae	0,06	0,153	0,213
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart. - c	Arnica	Asteraceae	0,096	0,076	0,172
<i>Mikania laevigata</i> Sch. Bip. ex Baker - c	Guaco	Asteraceae	0,09	0,076	0,166
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. - c	Guatambu	Apocynaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burkart. - a	Arnica	Asteraceae	0,064	0,076	0,14
<i>Zeyhera digitalis</i> (Vell.) Hochn. - c	Bolsa-de-pastor	Bignoniaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Paepalanthus speciosus</i> (Bong.) Koern. - a	Canela-de-ema	Eriocaulaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Centrosema bracteosum</i> Benth. - c	Rabo-de-tatu, cervejinha	Fabaceae - Faboidae	0,064	0,076	0,14
<i>Acacia adhaerens</i> Benth. - c	Puxa-pro-rancho	Fabaceae - Mimosoidade	0,064	0,076	0,14
<i>Acacia paniculata</i> Willd. - c	Puxa-pro-rancho	Fabaceae - Mimosoidade	0,064	0,076	0,14
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr. - a,c	São-Pedro, sete-sangrias	Lythraceae	0,064	0,076	0,14
<i>Cissampelos ovalifolia</i> D.C. - a	Buta	Menispermaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Psidium myrsinoides</i> Berg. - c	Araçá	Myrtaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Coussarea hydrangeaefolia</i> Benth. & Hook. - a	Olho-de-pomba	Rubiaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Matayba guianensis</i> Aubl. - c	Falso-gonçalo	Sapindaceae	0,064	0,076	0,14
<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> (Müll.) Arg. - a	Peroba-rosa	Apocynaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott. - a	Milho de cobra	Araceae	0,032	0,076	0,108
<i>Didymopanax vinosum</i> Marchal - a	Palminha	Araliaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Syagrus comosa</i> Mart. - a	Gueroba	Arecaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Baccharis trinervis</i> Pers. - c	Casadinho	Asteraceae	0,032	0,076	0,108
<i>Gochnatia polymorpha</i> Herb. Berol ex DC. - b	Candeia	Asteraceae	0,032	0,076	0,108
<i>Memora nodosa</i> Miers. - c	Carobinha	Bignoniaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Pyrostegia venusta</i> Miers - a	Cipó de são João	Bignoniaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Toledo - a	Ipê	Bignoniaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridl.) Sandwith - a	Pertinga	Bignoniaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Connarus suberosus</i> Planch. - c	Bico de louro	Connaraceae	0,032	0,076	0,108
<i>Croton floribundus</i> Spreng. - b	Sangra-d'água	Euphorbiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Copaifera martii</i> Hayne - a	Guaranazinho	Fabaceae - Caesapinioidae	0,032	0,076	0,108
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub. - b	Canafistula	Fabaceae - Caesapinioidae	0,032	0,076	0,108
<i>Andira cuyabensis</i> Benth - a	Angelim	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108
<i>Andira inermis</i> (Sw) Kunth. - a	Quina	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth. - a	Sene	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108
<i>Machaerium aculeatum</i> (Vell.) Stellfeld - a	Espinheiro, pau-santo	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108
<i>Machaerium acutifolium</i> Vog. - c	Jacarandá	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108
<i>Myroxylon peruiferum</i> L. - c	Bálsamo	Fabaceae - Faboidae	0,032	0,076	0,108
<i>Albizia niopoides</i> (Spr. Ex Benth.) Burkart. - a	Angico-branco	Fabaceae - Mimosoidade	0,032	0,076	0,108
<i>Calliandra dysantha</i> Benth. - c	Ciganinha	Fabaceae - Mimosoidade	0,032	0,076	0,108
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong - a	Orelha-de-macaco	Fabaceae - Mimosoidade	0,032	0,076	0,108
<i>Byrsonima verbascifolia</i> Rich. ex Juss. - c	Murici	Malpighiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Peixotoa cordistipula</i> A. Juss. - a	João-da-costa	Malpighiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Helicteres guazumifolia</i> H.B. & K. - a	Saca-rolha	Malvaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. - b	Cajarana	Meliaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Trichilia catigua</i> Adr. Juss. - c	Catuaba	Meliaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C.Berg - a	Majijum	Moraceae	0,032	0,076	0,108
<i>Campomanesia rufa</i> (Berg.) Nied. - a	Guavira	Myrtaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Eugenia biflora</i> DC. - a	Garrafinha	Myrtaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Myrcia albo-tomentosa</i> DC. - a	Tim-martim	Myrtaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Myrcianthes pungens</i> (O. Berg.) D. Legrand - b	Guavira-guaçu	Myrtaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Psidium araca</i> Raddi. - a	Goiabinha	Myrtaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms - a	Pau-d'alho	Phytolaccaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Piper mikanianum</i> Steud. - b	Capeva	Piperaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Polygala longicaulis</i> H.B. & K. - a	Brilhantina	Polygalaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Coccoloba cujabensis</i> Wedd. - a	Uveira	Polygonaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart. - a	Amora	Rosaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Palicourea marcgravii</i> A.St. -Hil. - a	Erva-de-rato	Rubiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Helietta apiculata</i> Benth. - b	Canela-de-veado	Rutaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl. - a	Mama-de-porca	Rutaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Talisia esculenta</i> Radlk. - a	Pitombeira	Sapindaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Pouteria ramiflora</i> Radlk. - a	Fruta-de-veado	Sapotaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Stachytarpheta chamissonis</i> Walp. - c	Gervão	Verbenaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nich. & C.E. Jarvis - c	Insulina	Vitaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Callisthene molissima</i> Warm. - c	Jacaré, pau-terra	Vochysiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl. - a	Fanático	Vochysiaceae	0,032	0,076	0,108
<i>Macrosiphonia petraea</i> Kuntze. - a	Velame-branco	Apocynaceae	0,03	0,076	0,106
<i>Chaptalia mutans</i> (L.) Polack. - b	Arnica I	Asteraceae	0,03	0,076	0,106
<i>Cochlospermum insigne</i> A. St.-Hil. - c	Algodão do campo	Bixaceae	0,03	0,076	0,106
<i>Ipomoea palmato-pinnata</i> Benth. & Hook. - c	Amaroleite, maroleite	Convolvulaceae	0,03	0,076	0,106
<i>Erythroxylum anguifugum</i> Mart. - a	Lixeirinha, brinco-verde	Erythroxylaceae	0,03	0,076	0,106
<i>Alternanthera brasiliiana</i> var. <i>villosa</i> (Moq.) Kuntze - c	Perpétua-branca	Amaranthaceae	0,032	0,07	0,102
<i>Gomphrena celosioides</i> Mart. - b	Perpétua	Amaranthaceae	0,032	0,07	0,102

...continua

Nome Científico	Nome Popular	Família	NI	NSC	IR
<i>Anacardium nanum</i> St.Hil. - a	Cajú	Anacardiaceae	0,032	0,07	0,102
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl. - c	Pau-pombo	Anacardiaceae	0,032	0,07	0,102
<i>Annona coriacea</i> Mart. - b	Araticum	Annonaceae	0,032	0,07	0,102
<i>Annona montana</i> Macfad. - c	Araticum-do-mato	Annonaceae	0,032	0,07	0,102

4. CONCLUSÕES

Este estudo do levantamento bibliográfico realizado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul permitiu as seguintes conclusões:

✓ Há uma grande diversidade de espécies de importância medicinal utilizadas pela população dos estados de MT, MS e GO (723 espécies distribuídas em 113 famílias), com prevalência de espécies nativas ao Brasil. Dessas destaca-se uma porcentagem alta de espécies que são nativas do bioma Cerrado.

✓ As principais partes utilizadas das plantas foram as folhas, seguidas do caule e raiz, evidenciado-se um cuidado com a extração dessas partes, quando há o comprometimento da planta, pois pode-se chegar a um patamar de extinção das espécies, assim como está acontecendo com o barbatimão e a arnica, que já se encontram ameaçados;

✓ São necessários estudos etnofarmacológicos, a fim de encontrar espécies com potencial uso medicinal e efetivar as espécies que já são utilizadas em larga escala pela população;

✓ É importante que se busque uma padronização nos estudos relacionados à etnobotânica, com relação às informações contidas nas listas de espécies.

CAPÍTULO 2 – CONHECIMENTO TRADICIONAL E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS DOS ESPECIALISTAS LOCAIS (“RAIZEIROS”) DO MUNICÍPIO DE CAMPO LIMPO DE GOIÁS: UM ESTUDO DE CASO

INTRODUÇÃO

De acordo com Morais e Jorge (2003), a medicina popular consiste em certo número de práticas de prevenção e cura fundamentadas numa visão coerente do homem e do cosmos. Assim, ela se fundamenta em um corpo de conhecimentos que sofre mudanças espaço-temporais e que possui um modo de transmissão essencialmente oral e gestual que não se comunica através da instituição médica, mas por intermédio da família e da vizinhança. Essa transmissão oral e gestual é de base prática, os mais novos aprendem com os mais velhos, vendo-os atuar socialmente e desempenhar a atividade que no futuro será um de seus afazeres e uma de suas necessidades.

O conhecimento tradicional (o saber) aparece sempre ligado ao seu aspecto prático (o fazer), ou seja, os saberes estão interligados a uma vivência, a uma interferência real no ambiente que a comunidade ocupa, sendo muitas vezes essa ação o fator de origem de novos saberes (MORAIS e JORGE, 2003).

No Brasil, os benzedores surgiram a partir do século XVII e as interpretações dos conhecimentos, uso tradicional dos recursos vegetais e manejo realizado por benzedores, raizeiros, parteiras são fonte de pesquisa nos estudos etnobotânicos (MACIEL e GUARIM NETO, 2006).

Carrara (1995 apud SILVA *et al.* 2001) classifica os praticantes da medicina popular segundo sua atividade real, ainda que às vezes as categorias se combinem em um só indivíduo, por exemplo:

Mateiro: o que recolhe ervas ou comerciante de ervas medicinais, geralmente encontrado em feiras livres. Trabalha para comerciantes ou possui seu próprio negócio em feiras de grandes cidades. Nem sempre conhecem as propriedades das plantas medicinais que comercializam, identificam as plantas e prescrevem algumas a seus clientes.

Rezador: praticamente, que trata seus pacientes exclusivamente com rezas e rituais de cura, a maioria de rezadores é do sexo feminino. Não ligado

necessariamente a uma religião, mas sim a atribuições mágicas. Tem um papel terapêutico com certas especialidades em dolências conhecidas. Utiliza, entre as rezas, chás ou medicamentos.

Parteira: praticante do sexo feminino que assiste a parturientes; se diferencia da parteira de profissão denominada como “diplomada” sob o sistema médico oficial. Cada vez mais, a parteira deixa essa atividade na cidade, mas nas zonas rurais essa atividade aumenta e adquire maior prestígio que os hospitais, devido ao tratamento afetivo e a forma de pagamento flexível.

Raizeiro: ex-camponês que vendeu ou perdeu suas terras e passou a dedicar-se ao curandeirismo. Praticante que utiliza exclusivamente a medicina popular para tratar seus pacientes. É o depositário das observações populares sobre a ação farmacodinâmica de diversas substâncias sobre o organismo humano. As indicações que fornecem coincidem com a história terapêutica de cada substância, sem engano. Os enganos provêm, em sua maioria, da dificuldade de identificação das espécies, nomes verdadeiros ou falsos das mesmas, dos nomes provenientes de distintas regiões para espécies idênticas ou parecidas.

Esta sabedoria transmitida através da oralidade e da experiência consiste em um importante mecanismo de manutenção da saúde e da cultura popular que aprenderam a encontrar solução em meio às dificuldades no decorrer de sua história. Saberes adquiridos pela observação, repetição, na vivência cotidiana com quem possui essa sabedoria e muitas vezes por meio da experiência. Justamente por representarem um conhecimento empírico, não carece de justificativas científicas para sua permanência, a comprovação é baseada nas experiências e sua utilização possui legitimidade no meio social (SILVA, G. 2007).

De acordo com Castro (2000), reconhecem-se esses saberes e as formas de manejo a eles pertinentes como fundamentais na preservação da biodiversidade. As relações dos “povos tradicionais” com a natureza manifestam-se no seu próprio vocabulário e nos termos que usam para traduzir a vivência e adaptação aos ecossistemas. Afirma ainda que é necessário acompanhar as regulamentações sobre o acesso a recursos genéticos por grupos econômicos de países industrializados e a proteção do conhecimento acumulado sobre os ecossistemas pelas populações tradicionais.

Akerele (1991, *apud* MING, 2006) afirmou que a investigação, utilização e exploração de plantas medicinais por um país deve também incluir medidas para sua

conservação. Uma política de conservação deveria abranger estudos na área de levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais, para identificar as ameaças, estabelecer prioridades e monitoramento da situação de acordo com as características de cada região.

Vários projetos estão sendo desenvolvidos em todo o Brasil. Um exemplo é o Programa Plantas do Nordeste que contava, em 1998, com 11 projetos sendo que oito eram utilizados como modelos no estabelecimento de núcleos de treinamento no uso e cultivo de plantas medicinais (ARAUJO e OLIVEIRA, 1998). Outro exemplo muito importante é o do Estado de São Paulo, onde 37 municípios trabalham com projetos utilizando as plantas medicinais. Desses 37 municípios, 12 utilizam a fitoterapia com incentivo do Governo Municipal; 13 municípios possuem profissionais com projetos que estão desenvolvendo ou vão ser encaminhados para os Governos Municipais. E ainda existem 12 municípios que não possuem apoio oficial do Ministério da Saúde, mas já estão desenvolvendo projetos relacionados à fitoterapia e outros nove que utilizavam da fitoterapia, mas tiveram seus projetos desativados (OLIVEIRA, SIMÕES e SASSI, 2006).

É importante refletir sobre essa sabedoria popular, hoje retomada por causa dos políticas nacionais e internacionais de valorização da natureza e dos recursos que ela oferece, bem como o reconhecimento de patentes, o conhecimento das ervas, das plantas e dos poderes que elas tem. As práticas de utilização das plantas como recursos terapêuticos estão imbricados em nosso cotidiano, havendo hoje uma (re) valorização do seu uso (SILVA, G. 2007).

A desarticulação de políticas públicas relativas ao atendimento das necessidades básicas de saúde das populações periféricas vem levando a uma crescente procura de alternativas economicamente mais viáveis, o que gera um aumento do consumo de plantas medicinais. O atual valor medicinal de muitas espécies vegetais deve-se em parte à divulgação das vantagens da fitoterapia e, principalmente, à constante elevação de preços dos medicamentos industrializados (AZEVEDO e SILVA, 2006).

Nesse sentido, na sequência produtiva de plantas medicinais, que se estende desde o cultivo até a sua utilização pela população, denominado de “cadeia produtiva” ou “complexo agroindustrial”, muitos profissionais são envolvidos, como por exemplo, produtores rurais, agrônomos, técnicos agrícolas, farmacêuticos, químicos, biólogos,

empresários, médicos, dentistas, veterinários, enfermeiros, agentes de saúde e população usuária.

No Brasil, a possibilidade de implementação da fitoterapia no Sistema Público de Saúde vem sendo considerada desde 1988 (Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação - CIPLAN) e faz parte das diretrizes da I Conferência Nacional de Assistência Farmacêutica (CNMAF, 2003). A partir de então, várias iniciativas pontuais para estabelecer a fitoterapia na rede pública de saúde vêm ocorrendo, com destaque para o Projeto Farmácias Vivas. No entanto, para a maioria das plantas nativas não existem estudos científicos e o uso no Brasil é baseado principalmente na tradicionalidade.

A OMS reconhece a importância do uso tradicional, mas para a utilização de uma planta com finalidade terapêutica, em nível de saúde pública, é fundamental o estabelecimento de sua segurança, eficácia e garantia de qualidade nas preparações (LAPA *et al.*, 2003; WHO, 2002; RATES, 2001). O uso inadequado destes recursos terapêuticos pode originar efeitos adversos retardados e/ou assintomáticos, interações medicamentosas ainda não estudadas e dificilmente reconhecidas, além de retardar o diagnóstico e tratamento apropriado (CAÑIGUERAL e VILA, 2003; RATES, 2001). Nestes termos, o emprego no atendimento primário à saúde pode gerar um impacto social (LAPA *et al.*, 2003), com aumento de gastos nos serviços públicos de saúde, visto que as plantas com maior volume de estudos científicos que garantam eficácia e segurança constituem matéria-prima importada, o que torna urgente a busca de informações científicas sobre as espécies utilizadas na medicina popular.

Os altos custos de produção dos medicamentos sintéticos, a existência de estudos científicos para alguns produtos fitoterápicos comprovando sua eficácia clínica e segurança, e a grande porcentagem da população mundial que não tem acesso aos medicamentos resultantes de síntese farmacológica estão entre as razões do crescente interesse por terapias alternativas e o uso terapêutico de produtos naturais, especialmente os derivados de plantas.

Estes fatores somados ao limitado efeito dos medicamentos sintéticos em doenças crônicas, têm estimulado à pesquisa de plantas medicinais como alternativa terapêutica, com resultados bastante satisfatórios (HIRUMA-LIMA *et al.*, 2002).

O que se conclui é que políticas públicas locais, que estimulam a participação da população, conseqüentemente favorecem sua articulação, contribuem

para o desenvolvimento de uma consciência social que luta por seus direitos, e assim, pela funcionalidade e eficiência das próprias ações governamentais (MALTY, 2006).

Esse capítulo objetivou levantar as informações acerca da história de vida dos especialistas locais identificados na cidade de Campo Limpo de Goiás, GO, suas práticas terapêuticas, bem como levantar as espécies medicinais utilizadas por esses especialistas.

2. METODOLOGIA

2.1 Caracterização da área de estudo

O presente estudo foi realizado no município de Campo Limpo de Goiás, situado próximo ao Município de Anápolis, possui 156,20 Km² de extensão territorial e 5.596 habitantes (IBGE, 2008) (Figura 8).

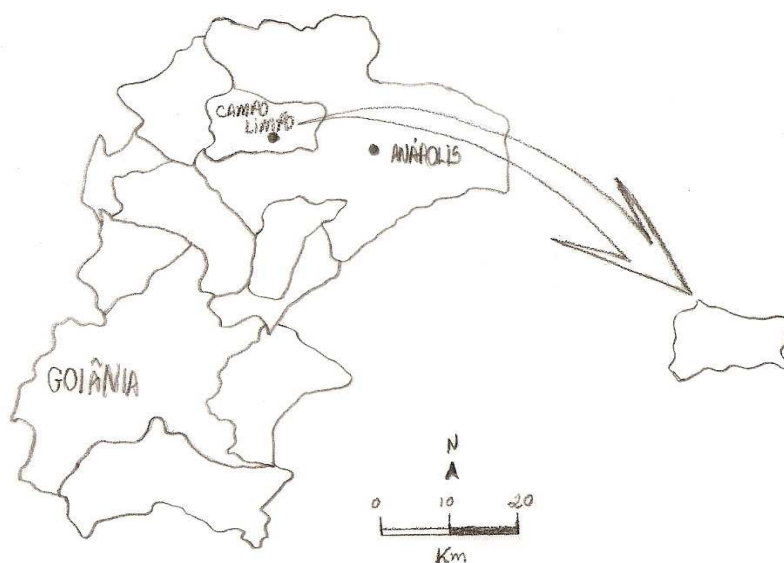


Figura 8- Localização aproximada do município de Campo Limpo de Goiás, GO.
Fonte: RUIBERDAN e AUGUSTO, 2007.

O povoado teve sua origem nos anos entre 1920 e 1930, quando se instalou na região de Anápolis a família Rodrigues Nascimento, comerciantes que forneciam local para que os vaqueiros e boiadeiros pudessem pernoitar e acampar. Proprietária de grande quantidade de terras e como benfeitora por doar terrenos para a construção da matriz, a população homenageou a família dando o nome do então distrito de Rodrigues Nascimento (PREFEITURA DE CAMPO LIMPO DE GOIÁS, 2008).

Nos anos de 1980 a 1990 houve um desenvolvimento que se deu principalmente pela crescente concentração de indústrias de cerâmica, um bom pólo de produção leiteira, de sua agricultura sustentável e de uma pecuária em pleno desenvolvimento, que levou ao pleito da emancipação política do distrito. Esta

emancipação ocorreu por força da Lei Estadual de nº 13.133, de 21/07/1997. Desde então o distrito de Rodrigues Nascimento, passou a se denominar Campo Limpo de Goiás, devido à vasta área plana. No seu processo democrático, a primeira eleição municipal ocorreu no dia 15 de novembro de 2000, e no dia 1º de janeiro de 2001 teve início a primeira administração municipal (PREFEITURA DE CAMPO LIMPO DE GOIÁS, 2008).

O município de Campo Limpo de Goiás (GO) é um dos sete municípios que está totalmente inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) do Ribeirão João Leite, Goiás. O município que conta com cerca de 156,2 Km² e população de 5.596 habitantes (IBGE, 2007), ainda conserva aspectos característicos de pequenos povoados e cidades interioranas, onde é possível registrar o conhecimento tradicional e sua disseminação, seja por meio de erveiros, raizeiros e curandeiros, seja por meio do cultivo das plantas tidas como medicinais nos quintais das casas ou durante sua comercialização por ambulantes nas feiras e ruas da cidade.

Devido a essas características interioranas e sua inclusão na APA do Ribeirão João Leite, o município de Campo Limpo de Goiás foi escolhido para ser o local da realização desse trabalho.

2.2 Registro dos Informantes Especialistas Locais

Segundo Albuquerque e Lucena (2004), os informantes especialistas locais são pessoas reconhecidas em sua comunidade como excelentes conhecedoras das plantas da região. Já os informantes generalistas são representados pela comunidade em geral.

Para a amostragem dos especialistas locais foi utilizada a técnica denominada *Bola de neve*, a qual, segundo Albuquerque e Lucena (2004), utiliza uma seleção intencional de informantes, onde um informante indica outro, e assim sucessivamente, até envolver todos os especialistas da comunidade.

Foram incluídos na amostragem todos os especialistas locais identificados na comunidade e que aceitaram livremente participar da pesquisa.

2.3 Técnicas de abordagem

Para a coleta das informações foram utilizadas duas técnicas de abordagem, como sugerido por Silva, C. (2007): entrevistas semi-estruturadas e observação participante.

2.3.1 Entrevistas Semi-Estruturadas

Na entrevista semi-estruturada, as perguntas são previamente formuladas pelo pesquisador, porém, diferentemente da entrevista estruturada, esta técnica de abordagem apresenta grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004). A entrevista semi-estruturada não obedece a uma seqüência rígida de perguntas, sendo determinada pelas próprias preocupações e ênfases que os informantes dão ao assunto (MINAYO, 2004).

No apêndice 2 é apresentado o roteiro utilizado para a coleta de dados sobre as plantas medicinais utilizadas e indicadas pelos informantes especialistas.

2.3.2 Observação Participante

Uma técnica de abordagem aplicada nas entrevistas semi-estruturadas é a observação participante. Minayo (2004) sugere que esta não é apenas uma estratégia de investigação, mas um método criado para a melhor compreensão da realidade do informante. Neste caso, o pesquisador deve abandonar a postura externa de cientista e adotar a postura de uma pessoa comum, que partilha do cotidiano da comunidade.

A abordagem adotada neste trabalho para a observação participante foi a “por distanciamento total” (MONTENEGRO, 2001 *apud* ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004), a qual metodologicamente, consiste em observar e registrar, livremente, os fenômenos ocorridos em campo. Para tal observação e registro foram utilizados gravador de voz portátil, caderneta de campo e máquina fotográfica.

2.3.3 História de vida

A história de vida do informante é vista como um método complementar às entrevistas semi-estruturadas e à observação participante, sendo caracterizada como uma estratégia de compreensão da realidade (MINAYO, 2004). Portanto, as informações contextualizadas acerca do uso das plantas medicinais foram registradas com o auxílio do gravador de voz e/ou transcritos no momento da entrevista.

2.3.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Como requisito obrigatório no desenvolvimento de pesquisas com seres humanos, de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP do Conselho Nacional de Saúde, a proposta do presente trabalho foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Anápolis (número de protocolo: 015.2007), tendo sido apresentado para avaliação o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3).

O Termo de Consentimento foi apresentado aos entrevistados, assegurando desta forma, o conhecimento e a concordância sobre a finalidade da pesquisa, o uso das informações para fins científicos, bem como a confidencialidade sobre as informações pessoais/sigilosas.

Desse modo, para assegurar o sigilo da identificação dos entrevistados, todos os informantes foram tratados nessa dissertação com nomes fictícios.

2.3.5 Levantamento das espécies medicinais cultivadas nos quintais e utilizadas pelos especialistas locais

Foram levantadas todas as espécies medicinais encontradas e cultivadas nos quintais dos especialistas. Essas espécies foram identificadas em campo e adicionalmente realizado o registro fotográfico a fim de confirmar a identificação.

Ao levantar as espécies existentes nos quintais, buscou-se anotar os nomes populares pelos quais os especialistas as conheciam e seus usos medicinais, confeccionando assim, uma tabela com os nomes científicos, nomes populares, usos medicinais e quais especialistas as cultivavam.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 História de vida

Foram identificados cinco informantes na cidade de Campo Limpo de Goiás, dos quais apenas dois participaram da pesquisa. O principal informante levantado pela população foi o Senhor Manoel, já falecido. A Dona Joana, que também foi indicada como especialista não trabalhava com a parte medicinal das plantas, apenas com cura espiritual. O Sr. Luis, que foi indicado por um dos especialistas havia se mudado para o estado do Mato Grosso. Assim, durante o período do desenvolvimento da pesquisa de campo, apenas dois especialistas foram incluídos: o Sr. Pedro e a Dona Maria, para os quais levantou-se a história de vida e as espécies medicinais utilizadas por eles.

Os dois especialistas que se propuseram a participar da pesquisa são adultos e moram a mais de trinta anos na cidade de Campo Limpo de Goiás, mesmo não sendo naturais do município. A Dona Maria é natural de Jupaguá, Bahia e o Sr. Pedro natural de Petrolina, Goiás.

Dona Maria, aposentada, com idade de 65 anos, se casou com dezoito anos de idade e não tem estudo. Seu pai não permitia estudar. Segundo ela, “[...] meu pai dizia: se eu não sei ler você também não vai aprender, porque depois você vai escrever carta para namorado e eu não vou saber.” Mas após a vinda para Campo Limpo de Goiás, aprendeu a ler e a escrever o nome através de aulas ministradas no Colégio (Projeto de Alfabetização de Adultos). Iniciou o trabalho com plantas medicinais após a vinda para Campo Limpo.

Dona Maria, aposentada, aprendeu um pouco com a mãe, que era parteira, o restante do conhecimento foi adquirido através do convívio com o professor José Lopes (Anápolis), que visitava a cidade frequentemente ministrando palestras e ensinando as pessoas a trabalharem com as plantas medicinais.

O Sr. Pedro, comerciante, com 43 anos de idade, se mudou para Campo Limpo com sete anos de idade, vindo morar na Fazenda Intendência, próxima à cidade. Iniciou o trabalho com plantas medicinais após seu filho ficar três meses na Unidade de Tratamento Intensivo de um hospital devido a uma “bronquiolite”, há mais ou menos

quinze anos atrás. Ele foi incentivado por uma vizinha a fazer um xarope com algumas ervas. A partir desse momento ele adquiriu livros, e começou a estudar a fundo o assunto.

Esta parece ser uma forma comum da introdução dos leigos no estudo das plantas medicinais e dos medicamentos fitoterápicos. Esta evolução rápida em utilizar medicamentos e tratamentos naturais tem preocupado, entre outros, o meio científico, e outros estudiosos da área, que têm incentivado, patrocinado e até organizado cursos, ou ainda editado livros e cartilhas, cujo tema central detém-se no ensino de noções básicas, ou mais especializadas, sobre a utilização correta das plantas medicinais. Isso tem incentivado os usuários a se aperfeiçoarem, empregando técnicas mais sofisticadas, principalmente na manipulação artesanal de remédios (FARIA, 1998).

Estes especialistas funcionam como verdadeiros “médicos populares”, pois através dos sintomas relatados a eles e do histórico do paciente (pressão, diabetes, asma, sexo, idade, etc), detectam o provável mal (doença), e prescrevem os remédios (plantas) e tratamentos, com a indicação do uso (dosagem, frequência, modo de preparo e forma de uso), e ainda dão indicações para uma “vida saudável” (prevenção do mal), tais como alimentação e exercícios (FARIA, 1998).

Mota (1997) afirma que a relação paciente-raizeiro é uma relação, na maioria das vezes de confiança. O usuário de plantas medicinais tem meios de aferir o grau de conhecimento e de eficácia do tratamento efetuado por este especialista. Depositando algumas vezes confiança total e irrestrita, acatando todas as suas determinações, o raizeiro não se torna apenas um comerciante. Este tipo de curandeiro que ainda trata boa parte da população do mundo adota abordagens diferentes, holísticas em diferentes graus, e usa uma variedade de técnicas terapêuticas. O que a maioria delas tem em comum é que não se restringem a fenômenos físicos, há o envolvimento de rituais e cerimônias que tentam influenciar a mente do paciente.

A medicina popular possui uma vantagem em relação à convencional, a primeira é mais abrangente, pois considera o paciente como um todo; enquanto que a segunda tem-se especializado e centrado-se em partes doentes e não num organismo integral que encontra-se desequilibrado (FARIA, 1998).

Com relação ao conhecimento sobre os “remédios”, o Sr. Pedro possui um cuidado na coleta e fabricação:

“Para trabalhar com a planta não é necessário só conhecer ela, tem que saber qual a parte utilizada que pode fazer, qual a quantidade que vai usar, a higiene quando vai fazer o remédio; pois para curar uma pessoa você não pode dar um remédio que vai acabar de matar ela.”

Com relação à procura dos especialistas pela população, ambos relatam que não existe uma frequência maior de homens ou mulheres que os procuram para a indicação dos remédios. Dona Maria diz que entre as mulheres que a procura existe uma quantidade “boa” de mães, que buscam remédios para os seus filhos. O Sr. Pedro diz que muitas pessoas o procuram não apenas em busca de remédios, mas também de orientação pessoal. E todas as pessoas quando os procuram já chegam dizendo os sintomas e que querem um remédio para acabar com os mesmos.

Dona Maria relata que se a pessoa chega nela e pede o remédio para certa doença e ela não o tem preparado, ela fornece as ervas e explica para a pessoa como fazer. Já o Sr. Pedro tenta explicar também como fazer, mas se a pessoa não consegue e retorna a consultá-lo, ele mesmo faz o remédio.

Ambos os especialistas preparam os remédios em casa e seus filhos vêem o processo, mas nenhum tem interesse em aprender. Para Dona Maria, eles tomam o remédio sem fazer nenhuma crítica e completa:

“Acho que esse desinteresse é por causa do trabalho que dá buscar a planta, comprando ou indo no mato, e fazer o remédio. E também nem tentei ensinar porque nenhum mostrou interesse em aprender.”

Em todos os povos é reconhecido o valor universal da herança cultural, adquirida pelos ensinamentos diretos e indiretos dos mais idosos, pais, avós, e/ou líderes que exerçam a função de “educar” os mais jovens, transmitindo seus valores, suas crenças, enfim suas “sabedorias”, adquiridas ao longo do tempo, com experiências, mudanças, adaptações e vivências (FARIA, 1998).

Em seu trabalho, Silva, C. (2007) afirma que um dos pontos percebidos como negativo em relação à transmissão desses saberes importantes na cultura e

identidade de um povo, é o desinteresse dos mais jovens em aprender sobre as rezas, as plantas e os poderes que elas têm. As pessoas que cultivam essas ervas ou que possuem esse saber são em sua maioria os mais idosos que se tornam os guardiões dessa sabedoria.

Faria (1998), relata uma fala de uma especialista: “a maior parte do povo que vem comprar aqui é de idade, as pessoas novas não acredita nas plantas. Quando uma pessoa nova vem comprar é porque a avó ou alguma pessoa mais idosa mandou”.

Uma forma de tentar manter esse conhecimento transmitido a outras pessoas seria realizar parcerias com órgãos diversos, assim como foi feito num povoado perto de Alto Paraíso, Goiás, onde Dona Flor (Florentina Pereira dos Santos), raizeira e parteira do povoado de Moínho, uniu-se com uma médica e outra raizeira local. Essa união promoveu uma parceria com uma Organização Não Governamental que atua no município de Alto Paraíso, na tentativa de vigorar um projeto denominado “farmacinha”. Nesse projeto Dona Flor teria a possibilidade de transmitir seus conhecimentos aos jovens, pouco interessados pela cultura local, mais fortemente voltados para trabalhos remunerados nos núcleos urbanos (ATTUCH, 2006).

Além de produzir remédios, o Sr. Pedro faz também trabalho de benzimento. De acordo com ele muitas pessoas que o procuram dizem que ele tem a aparência jovem, mas de acordo com ele:

“Eu sou católico e só faço as coisas que agradam a Deus e nunca cobreí para benzer. Meus pais e avós benziam e eu também aprendi a benzer. Ainda mais que participo de reuniões carismáticas e sei fazer as orações. Daí eu comecei a benzer também.”

Percebe-se uma interligação entre o conhecimento divinatório e o conhecimento empírico como táticas e estratégias para manter a saúde e afastar os males que a afetam, seja fisicamente ou no campo espiritual. “E esse conhecimento se baseia na oralidade e seu veículo de transmissão e seu acesso é possível a quem tem o dom e demonstre interesse em aprender a prática” (SILVA, G. 2007).

A autora supracitada ainda relata que os benzedores são possuidores de um saber que possibilita a manutenção da vida, estabelecendo uma ligação com a natureza, buscando conhecê-la, extraindo seus produtos terapêuticos.

Quando perguntados a respeito do local de coleta das plantas medicinais no Cerrado (mato), ambos possuem a mesma resposta:

“Não tem mais plantas no campo para coletar. Quando quero fazer um remédio e não tenho a planta aqui em casa vou a Anápolis comprar nas bancas, porque as pessoas lá conhecem também e eu compro ela já pronta. Quando ainda tinha planta no campo eu ia em Ouro Verde coletar. Quando tinha campo eu coletava, laranjinha-do-campo e outras, mas agora não tem mais. Quando as pessoas me pedem o remédio eu cobro doze reais (R\$ 12,00) pelo vidro do xarope ou garrafada. Isso ocorre quando eu tenho que ir em Anápolis comprar as plantas. Ou vou em Anápolis comprar, ou pego no quintal ou não faço”.(Dona Maria)

“Não vou mais ao campo, porque não tem mais as ervas que eu trabalho, daí vou em Anápolis comprar. Vou no Mercado Municipal onde as plantas ficam mais bem guardadas. Pegar plantas na rua ou em locais que passam muitas pessoas não é bom. Pode uma pessoa espirrar perto da planta e ela acabar ficando contaminada, além da sujeira. Tenho vontade de ir em outra cidade coletar algumas plantas, como Leopoldo de Bulhões (próximo a Anápolis), para buscar em uma fazenda, mas por aqui ainda encontra uma ou outra planta como o jatobá, que também é utilizado como medicinal”. Mas quando as pessoas me pedem eu cobro pela garrafada dez reais (R\$ 10,00), isso é para manutenção própria porque gasto gás, compro as plantas”. (Sr. Pedro)

Faria (1998) encontrou em seu trabalho um alto índice de plantas cultivadas em quintais (38%), presumindo o caráter cultivador da população.

Devido a sua localização, Anápolis pode ser considerada como uma cidade distribuidora de plantas medicinais para municípios vizinhos, o que foi evidenciado no presente trabalho. Os especialistas locais entrevistados, sempre quando podem, vão à Anápolis comprar as plantas que servem de matéria-prima para os remédios que eles fabricam. Segundo Dutra (2009), que fez um levantamento junto a população Anapolina (380 entrevistados), 28,77% buscam no comércio as plantas que utilizam.

Esse dado traz uma grande preocupação em relação ao comércio de plantas medicinais na cidade de Anápolis pelos “raizeiros” e “erveiros”, pois as barracas existentes, instaladas e mantidas, encontram-se de forma inadequada, muitas vezes construídas com metais enferrujados, forradas com folhas de jornais e próximas aos bueiros. Os produtos são armazenados em embalagens em péssimas condições, expostos a poeira, sol, chuvas e fumaça dos veículos (DUTRA, 2009).

Tresvenzol *et al.*, (2006) também evidenciaram que os “profissionais” encontrados nas bancas de plantas e preparados medicinais, não são “raizeiros” e nem “erveiros”, na verdade são meros comerciantes trabalhando no local e que informam para que servem algumas plantas, desconhecendo mesmo a origem e a forma de aquisição das mesmas. E que devido ao desemprego várias pessoas com pouca experiência tem sido levadas para esta atividade, descaracterizando-a e gerando pseudo-raizeiros, o que pode levar a indicações incorretas das plantas ditas medicinais e com tradição na fitoterapia popular.

Com relação à importância do trabalho que os especialistas desenvolvem as respostas são semelhantes:

“Quando as crianças estão doentes e saram, aí é bom né? Eu fico muito satisfeita e gosto do que eu faço, e vou continuar fazendo até o dia que eu der conta de cuidar das plantas que tenho aqui. Quando não der mais conta eu paro”. (Dona Maria)

“Gosto do que eu faço, principalmente quando vêm pessoas indicadas por outras pessoas que ficaram boas com meus remédios”. (Sr. Pedro)

Quando perguntados se eles possuem algum método de coleta das plantas, percebe-se uma preocupação com a preservação da espécie em ambas as respostas:

“Eu não tenho preferência para plantas do campo. Eu trabalho com as que eu tenho aqui no quintal mesmo. Se eu precisar vou em Anápolis. Mas quando ia coletar no campo o melhor período é o da manhã e na época da chuva, pois tem maior quantidade de folha. Prefiro trabalhar com as folhas, pois se eu usar a raiz ou o caule acaba arrancando a planta toda e acaba com ela”. (Dona Maria)

Santana (2002), encontrou o mesmo padrão de resposta em Dom Aquino, Mato Grosso, onde o especialista relatou que só coletava as plantas quando o Sol não

estivesse “ativo”, os raios solares prejudicam a ação medicamentosa das plantas, coletando antes do nascer ou depois do pôr do Sol.

“A melhor lua para coletar as plantas para fazer remédio é a minguante. Você quer fazer o remédio para a doença diminuir, então se fizer na lua forte (cheia) a doença também fica forte, na lua minguante o remédio vai minguando a doença”. (Dona Maria)

Análise similar foi encontrada por Somavilla (1998), que pesquisando uma comunidade garimpeira no Mato Grosso verificou que o aspecto “minguante” desta fase da lua foi relacionado a duas situações: na preparação de xaropes, por ser considerada “fraca”, não necessitando de maiores cuidados na quantidade das partes vegetais a ser usada, uma vez que não potencializa a ação do preparado; e com a administração dos remédios preparados nesta lua e a diminuição da doença, ou seja, caso tiver alguma doença, esta vai “minguar”; e por Santana (2002), afirmando que da lua nova até a lua cheia a planta não é boa.

“Eu sigo as instruções dos livros, que recomenda coletar pela manhã, antes do Sol sair. Mas a gente também tem que levar em conta a situação da planta. Se ela estiver doente, o remédio vai sair doente também. Agora com relação à fase da lua, depende muito, porque para cada fase da lua você coleta uma parte: na lua nova, coleta raiz; na lua cheia a folha. Tem lua que a essência do remédio desce para a raiz, em outras luas a essência sobe para os galhos e folhas. Então depende muito. E também não colete nenhuma planta em beiras de estradas, porque pode ter muitas bactérias lá e também para não arrancar ela daquele lugar, senão acaba”. (Sr. Pedro)

A destruição do Cerrado de certa maneira interfere na permanência das práticas culturais voltadas para a utilização de plantas que lá originam com fins medicinais (SILVA, C. 2007). Um exemplo disso foi encontrado por Botrel *et al.*, (2006), que pelos relatos dos 17 moradores do município de Ingaí (MG), verificaram grande perda de vegetação nativa devido ao uso das espécies para diversos fins, o que levantou uma preocupação em relação ao corte seletivo de espécies arbóreas.

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos também possui esse intuito de promover o uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos

benefícios decorrentes do acesso aos recursos genéticos de plantas medicinais e ao conhecimento tradicional associado, além de outros objetivos (BRASIL, 2006).

Para os dois especialistas a dosagem recomendada aos seus “pacientes” é três vezes ao dia, sempre levando em conta a relação entre a idade da pessoa e a quantidade de remédio por dosagem. Se for crianças a dosagem é menor que a de adultos. Concordam em usar água ou vinha nas preparações dos remédios e com a metodologia de usar combinações entre plantas, mas alertam que no máximo três plantas por remédio, e fazem suas ressalvas:

“Tem que tomar o remédio com estômago vazio, porque quando toma o remédio com o estômago cheio pode provocar gases debaixo das costelas e a pessoa pode pensar que é o remédio que está causando isso”. (Dona Maria)

“Pode fazer combinação com as plantas, mas não são todas elas que pode fazer isso. Muitas pessoas acham que se o remédio é feito em casa ela pode beber um balde cheio, e não é assim. E também muita gente faz remédio errado. Você deve ferver a água primeiro para depois colocar a planta, senão o remédio pode sair quando é fervido junto com a água”. (Sr. Pedro)

Isso corrobora com os dados obtidos por Mota (1997), que relata que a quantidade e a dosagem preconizadas pelos raizeiros são idealizadas de acordo com a forma de uso, com a idade do usuário e o tipo de doença.

Añez (1999), em seu trabalho realizado na comunidade do Garcês (Cáceres, MT) relatou uma fala de um dos seus informantes-alvo: “[...] o remédio caseiro, se não fizer bem, mal não faz, só se exagerar, beber demais [...]”

A idéia de que “se é natural não faz mal” é errônea, pois as pessoas não possuem conhecimento acerca da toxicidade das plantas. E muitas das plantas que as pessoas utilizam para fazer seus chás possuem propriedades tóxicas, como encontrado por Veiga Junior, Pinto e Maciel (2005). Para tentar dirimir esse problema é necessário que Políticas Públicas de incentivo à utilização das plantas de uso medicinal estimulem a ciência à caminhar junto com o conhecimento popular. Existem inúmeras plantas que são utilizadas para fins medicinais que ainda não tiveram atenção para aprofundar os estudos acerca das propriedades farmacológicas que possam ter.

Conforme Brandão *et al.* (2001), espécies nativas de uso consagrado na tradição popular foram sendo esquecidas pela destruição de seus habitats, pela coleta predatória ou pela falta de interesse das novas gerações. Este dado corrobora com o presente estudo e mostra a necessidade urgente do desenvolvimento de atividades de educação ambiental voltadas para o conhecimento dos elementos da flora do Cerrado, esclarecendo também suas possibilidades de uso, principalmente junto à comunidade escolar. Espera-se que a promoção do conhecimento do potencial econômico da flora em nível local possa auxiliar na valorização do bioma pela comunidade como um todo.

3.2 Plantas medicinais cultivadas nos quintais e utilizadas pelos especialistas locais

Foram levantadas 38 espécies de plantas medicinais cultivadas nos quintais dos dois especialistas, Sr. Pedro e Dona Maria, distribuídas em 23 famílias botânicas (Tabela 4). Do total dessas espécies evidenciou-se um predomínio de espécies nativas ao Brasil (16), seguidas de nativas do Cerrado (11) e exóticas (10).

A grande porcentagem de plantas exóticas neste estudo pode ser interpretada como resultante do contato da população com culturas diferentes das localidades, dos costumes trazidos pelos antecessores e outros migrantes, do aprendizado com parentes e vizinhos, do intercâmbio de plantas e ainda da falta de envolvimento com a flora do local.

Das 38 espécies encontradas nos quintais, seis espécies estão entre as mais citadas, doze espécies estão listadas na lista do SUS, nenhuma espécie identificada como ameaçada de extinção e apenas cinco espécies descritas na farmacopéia.

Na Figura 9 são apresentadas algumas espécies encontradas nos quintais dos especialistas em Campo Limpo de Goiás, GO.

Tabela 4 – Espécies medicinais cultivadas nos quintais e citadas pelos especialistas em Campo Limpo de Goiás, GO. **B** – Nativas do Brasil; **C** – Nativas do Cerrado; **E** – Exóticas ao Brasil; **1** – Sr. Pedro; **2** – Dona Maria; **a** - Espécies mais citadas nesse estudo; **b** – Espécies listadas no SUS; **c** – Espécies descritas na farmacopéia.

Nome Científico	Origem	Nome Popular	Uso Medicinal
ACANTHACEAE			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. – 2,b	C	Anador	Febre
ALISMATACEAE			
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch. - 1	C	Chapéu-de-couro	Infecção, reumatismo, artrose e artrite
APIACEAE			
<i>Coriandrum sativum</i> L. – 2,c	E	Coentro	Dor de barriga
ASTERACEAE			
<i>Ageratum conyzoides</i> L. – 1,a	B	Picão-branco	Hepatite, infecção
<i>Artemisia vulgaris</i> L. - 1	E	Erva de São João	Gastrite
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. – 2,b,c	C	Carqueja	Fígado, estômago
<i>Bidens pilosa</i> L. – 1,a,b	B	Picão	Hepatite
<i>Mikania glomerata</i> Spreng. – 1,b	C	Guaco	Tosse, rouquidão, perda de voz, fraqueza sexual, reumatismo
<i>Solidago chilensis</i> Meyen - 1, 2	B	Marcelinha	Cólicas, dores de barriga, diarreia
<i>Vernonia condensata</i> Baker – 1,b	B	Boldo	Estômago, gastrite
<i>Vernonia polyanthes</i> Less. – 1,b	C	Assa peixe branco	Bronquite, tosse
BIGNONIACEAE			
<i>Arrabidaea chica</i> (Bonpl.) B. Verl. - 1	C	Crajerú	Leucemia, infecção
CAPRIFOLIACEAE			
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl. - 1, 2	B	Sabugueiro, sabugeuirinha	Laxante, gripe, varicela
CHENOPODIACEAE			
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. – 1,a,b	B	Erva de Santa Maria	Infecção, verme
EUPHORBIACEAE			
<i>Phyllanthus niruri</i> L. – 1,c	B	Quebra-pedra	Infecção, pedra nos rins
FABACEAE - CAESALPINIOIDAE			
<i>Bauhinia forficata</i> Link - 1	C	Pata de vaca	Rins
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	C	Bálsamo	Estômago
LAMIACEAE			
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill. - 1	E	Alfazema	Calmante
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br. - 1	E	Cordão de frade	Infecção, doenças respiratórias
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit. - 1,2	B	Erva cidreira de folha	Calmante, dor de cabeça, stress, nervos
<i>Ocimum gratissimum</i> L. - 1	B	Alfavacão	Gripe, febre, tosse

...continua

Nome Científico	Origem	Nome Popular	Uso Medicinal
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. - 1,2	E	Hortelão gordo	Manchas na pele, gripe
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews – 2,b	E	Sete dores	Fígado, estômago
MORACEAE			
<i>Dorstenia asaroides</i> Gardn. - 2	C	Carapiá	Gripe
MYRTACEAE			
<i>Eugenia uniflora</i> L. - 2	B	Pitanga	Febre
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril. & Perry – 1,c	E	Cravo	Dor de cabeça, stress
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> L. – 1,a	B	Guiné	Estômago
PIPERACEAE			
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq. - 1	C	Pariparoba	Ansiedade
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> L. – 2,b	B	Transagem	Rins
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf. - 1, 2,a,c	E	Capim cidreira, erva cidreira	Calmante, dor de cabeça, stress, infecção de urina, nervos
POLYGONACEAE			
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx. – 1,b	B	Erva de bicho	Cérebro, hemorróidas
ROSACEAE			
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart. - 1	C	Amora	Emagrecer, infecção de garganta
RUTACEAE			
<i>Citrus medica</i> L. - 1	E	Limão cidra	Gripe
<i>Ruta graveolens</i> L. – 2,a	E	Arruda	Conjuntivite
SOLANACEAE			
<i>Solanum cernuum</i> Vell. - 1	C	Panacéia	Dor de cabeça, doenças dos rins
<i>Solanum paniculatum</i> L. – 2,b	B	Jurubeba	Fígado
TROPAEOLACEAE			
<i>Tropaeolum majus</i> L. - 1	B	Capuchinha	Bronquite, tosse
ZINGIBERACEAE			
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw. – 1,b	B	Cana-do-brejo	Rins, infecção de urina, dor de cabeça

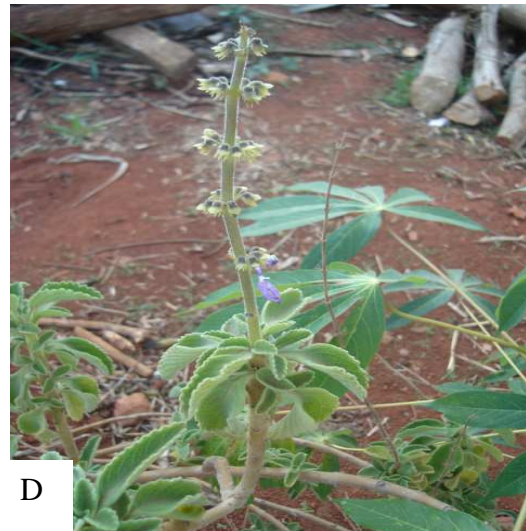


Figura 9 – Espécies medicinais encontradas nos quintais dos especialistas na Cidade de Campo Limpo de Goiás, GO. **A** – *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.; **B** – *Plantago major* L.; **C** – *Ruta graveolens* L.; **D** – *Plectranthus barbatus* Andrews; **E** - *Coriandrum sativum* L.; **F** – *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.

4. CONCLUSÕES

O levantamento das informações e a participação junto aos especialistas proporcionaram a formulação das seguintes conclusões:

✓ Nenhum de seus descendentes tem interesse em aprender sobre as plantas medicinais, mas utilizam quando prescrito;

✓ Os dois especialistas concordam na questão de utilizar o sinergismo entre plantas, na dosagem dos remédios (3 vezes ao dia) e no período de coleta (matutino);

✓ Os especialistas não vão mais ao campo coletar ervas medicinais, pelo fato de não encontrarem mais espécies nativas perto do município;

✓ A maioria das espécies cultivadas nos quintais é de origem nativa ao Brasil (28), sendo que existe uma grande quantidade de espécies exóticas ao Brasil (10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. M. S.; CAMARGO, A.J.A. (Org.). **Cerrado: ecologia e caracterização**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados. 2004. 249 p.

AGUIAR, L.M.S.; MACHADO, R.B.; MARINHO-FILHO, J. A Diversidade Biológica do Cerrado. In: AGUIAR, L.M.S.; CAMARGO, A.J.A. (Org.) **Cerrado: ecologia e caracterização**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, p. 17- 40, 2004.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro rápido, 2004. 189p.

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1998. 464 p.

ALMEIDA, S. P. As plantas, a Saúde e as Alternativas Econômicas nas Comunidades do Cerrado, In: **Plantas Medicinais do Cerrado: Perspectivas Comunitárias para a Saúde, o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável**. Anais do Workshop Plantas Medicinais do Cerrado. Mineiros, Goiás. p. 209-236.1999.

ALONSO. J.R. **Tratado de fitomedicina: bases clínicas y farmacológicas**. ISIS Ediciones SRL. p.238-254, 1998.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1998. (Série Botânica).

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Basílica**, v.16, n.2, p. 189-203, 2002.

AÑEZ, R.B.S. **O uso de plantas medicinais na comunidade do Garcês (Cáceres, Mato Grosso)**. 1999. 142 fl. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1999.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Farmacopéia Brasileira. Disponível em: http://anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeia/saiba_mais_farmacopeia.htm. Acesso em 03 de março de 2009.

APG II. Angiosperm Phylogeny Group II. An update of Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal Linnean Society**, v. 141, n. 4, p. 399- 436. 2003.

ARANTES, A.A.; CALDAS, E.R.; SILVA, K.G.A. O uso de plantas medicinais no município de Itumbiara, Goiás, Brasil. **Práxis**, n.3, jan-dez., p. 43-56, 2003.

ARAÚJO, F.D.; OLIVEIRA, L.E. O programa de Plantas no Nordeste – sucessos alcançados e potencial. In: FONSECA, V.S.; SILVA, I.M.; SÁ, C.F.C. **Etnobotânica: Bases para conservação**. I Workshop Brasileiro de Etnobotânica e Botânica Econômica. Nova Friburgo- RJ. Editora Universidade Rural, 1998. 131 p.

ARRAIS, P.S.D.; COELHO, H.L.L.; BATISTA, M.C.D.S.; CARVALHO, M.L.; RIGHI, R.E.; ARNAU, J.M. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**. v. 31, n. 1, janeiro, p. 71-77, 1997.

ATTUCH, I.M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**. 2006. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília. Brasília – DF.

AZEVEDO, S.K.S.; SILVA, I.M. Plantas Medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 20, n. 1, p. 185-194, 2006.

BARROS, M.A.G. **Avaliação da ação antrópica sobre as plantas do Cerrado com potencial econômico**. Contribuição ao conhecimento ecológico do Cerrado. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ecologia, p.257-261, 1997.

BECK, H. T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotánico de la comunidad Awá en el Ecuador. In: RIOS, M.; H.B. PEDERSEN (Eds.). **Uso y manejo de Recursos Vegetales**. Memoriais Del II Simpósio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Econômica, Quito, 1997. p.176.

BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, p. 90-102. 2000.

BERTOLOTTO, I.M.; GUARIM NETO, G. Conservação da natureza em uma escola rural do distrito de Albuquerque (Corumbá, Mato Grosso do Sul): uma abordagem para a educação no contexto da etnobotânica. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v.7, n. 11, jan.-jun., p. 25-41, 1998.

BORBA, A.M. **Plantas medicinais e suas relações com a saúde bucal em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso**. 2003. 118fl. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 2003.

BORBA, A.M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 20, n. 4, p. 771-782. 2006.

BORGES FILHO, H. C.; FELFILI, J. M. Avaliação dos níveis de extrativismo da casca de barbatimão [*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville] no Distrito Federal, Brasil. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 27, n. 5, p. 735-745, 2003.

BOTREL, T.R.; RODRIGUES, L.A.; GOMES, L.J.; CARVALHO, D.A. e FONTES, M.A.L. Uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 20, n. 1, p. 143-156, 2006.

BRANDÃO, M.G.L.; OLIVEIRA, P.; MOREIRA, R.L.; ALVES, R.M.S.; VIEIRA, M.T.; CAMPOS, L.M.M. Qualidade de amostras comerciais de plantas medicinais e produtos fitoterápicos: drogas inscritas na farmacopéia brasileira. **Infarma**, v. 13, p. 60-61, 2001.

BRANDÃO, M.G.L.; GOMES, C.G e NASCIMENTO, A.M. Plantas Nativas na Medicina Tradicional Brasileira: Uso Atual e Necessidade de Proteção. **Revista Fitos**. v.2, n.3, dez., p. 24-29, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. 1ª edição. Brasília – DF: MS, 2006. 60 p.

BRASIL, Ministério da Saúde – SUS (Sistema Único de Saúde). **CID: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10^a Revisão. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/webhelp/cid10.htm>. Acesso em fevereiro de 2008a.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Instrução Normativa**. nº 6 de 23 de setembro de 2008b, 55 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS). Disponível em : http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalhes&id_area=124&CO_NOTICIA=10001. Acesso em 10 de março de 2009.

BUENO, N.R.; CASTILHO, R.O.; COSTA, R.B.; POTT, A.; POTT, V.J.; SCHEIDT, G.N.; BATISTA, M.S. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Acta Botânica Brasílica**. v.19, n.1, p. 39-44. 2005.

CALIXTO, J.S.; RIBEIRO, A.E.M. O Cerrado como fonte de plantas medicinais para uso dos moradores de comunidades tradicionais do alto Jequitinhonha, MG. In: **II Encontro nacional de Pós graduação em Ambiente e Sociedade**, Indaiatuba, 2004.

CANIGUERAL, S.; VILA, R. La fitoterapia racional. In: VANACLOCHA, B.V.; FOLCARÁ, S.C. (org.) **Fitoterapia**: Vademécum de prescripción. 4.ed. Barcelona: Masson, p. 15-27, 2003.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M.I.S.; NORDINI, N.; MARQUES, J.G.W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na estação ecológica de Jataí, Município de Luís Antônio SP: Uma abordagem Etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n.1, p.51-60, 2000.

CASTRO, E. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: DIEGUES, A.C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME EDITORA. 2000, 290 p.

CNMAF. Conferência Nacional de Medicamentos e Assistência Farmacêutica 1. 2003. **Relatório final preliminar**. Brasília: Ministério da Saúde.

COELHO, M.F.B.; SILVA, A.C. Plantas de uso medicinal nos municípios de Pontes e Lacerda e de Comodoro, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Agricultura Tropical**. Cuiabá, v.7, n.1, dez., p. 53-66, 2003.

DIAS, B.F.S. Cerrados: uma caracterização. In: B.F.S. Dias (coord.). **Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis**. Fundação Pró-Natureza, Brasília. pp. 11-25, 1996.

DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p.230.

DOURADO, E.R.; DOCA, K.N.P.; ARAÚJO, T.C.C. Comercialização de Plantas Mediciniais por “Raizeiros” na Cidade de Anápolis-GO. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 2, n. 2, p.67-69, 2005.

DUTRA, M.G. **Plantas Mediciniais, Fitoterápicos e Saúde Pública: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, GO. 2009.

EITEN, G. Vegetação do Cerrado. In: PINTO, M.N. (Coord.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. 2. ed. Brasília: UnB/Sematec. p. 09-65. 1994.

FARIA, A.P.O.C. **O Uso de Plantas Mediciniais em Juscimeira e Rondonópolis, Mato Grosso: um estudo etnoecológico**. 1998. 189fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1998.

FARMACOPÉIA BRASILEIRA. 1998-1996. 4.ed. São Paulo: Atheneu.

FELFILI, J.M.; RIBEIRO, J.F.; BORGES-FILHO, H.C.; VALE, A.T. Potencial econômico da biodiversidade do Cerrado: estágio atual e possibilidades de manejo sustentável dos recursos da flora. In: AGUIAR, L.M.S.; CAMARGO, A.J.A. (Eds.). **Cerrado: ecologia e caracterização**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2004. 249 p.

FIDELIS, A.T.; GODOY, S.A.P. Estrutura de um Cerrado *stricto sensu* na gleba cerrado Pé-de-gigante, Santa Rita do Passa Quatro, SP. **Acta Botânica Brasileira**. v. 17, n.4, p.531-539, 2003.

FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FRANCO, E.A.P; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Botucatu, v.8, n.3, p. 78-88, 2006.

GRANDI, T.S.; TRINDADE, J.A.; PINTO, M.J.F.; FERREIRA, L.L.; CATELLA, A.C. Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.3, n.2, p.185-224, 1989.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botânica Brasileira**, v. 17, n.4, p. 561-584, 2003.

GUIMARÃES, L.D.; SANTOS, S.O. Composição Faunística do Cerrado, Biogeografia e Implicações para a Conservação. In: GUIMARÃES, L.D.; SILVA, M.A.D.; ANACLETO, T.C. (Org.). **Natureza Viva Cerrado**. Goiânia. GO: Editora da UCG. p. 47-90, 2006.

HIRUMA-LIMA, C.A.; GUIMARÃES, E.M.; SANTOS, C.M.; DI STASI, L.C. Commelinidae medicinais. In: DI STASI, L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. (org.) **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2.ed. São Paulo: UNESP, p. 41-63, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Censo 2000. Disponível em: <<http://www.portalfederativo.gov.br/bin/genpdf/Inicio/InformacoesDemograficas520485?pdftoclevels=0>> Acesso em 20 de outubro de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Censo 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat,topwindow.htm?1>. Acesso em 30/novembro/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas>. Acesso em 30/julho/2008.

JORGE, S.S.A.; MORAIS, R.G. Etnobotânica de Plantas Medicinais. In: COELHO, M.F.B; JÚNIOR, P.C.; DOMBRESKI, J.L.D. (Org.). **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá. MT, p.89-98, 2003.

KLINK, C.A.; MACHADO, R.B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 147-155. 2005.

LAPA, A.J.; SOUCCAR, C.; LIMA-LANDMAN, M.T.R.; GODINHO, R.O.; NOGUEIRA, T.C.M.L. Farmacologia e Toxicologia de produtos naturais. In: SIMÕES, C.M.O.; SHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. (org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5. ed. Porto Alegre/Florianópolis. Editora da UFRGS/Editora da UFSC, p.247-262, 2003.

LARAIA, R.B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. RJ. Editora: Jorge Zahar Editor. 12. ed., p. 25, 1999.

LEITZKE, R.C.Z. **Plantas usadas na medicina tradicional na cidade de Sorriso, MT, Brasil**. 2003. 85 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 2003.

MACEDO, M.; FERREIRA, A.R. Plantas hipoglicemiantes utilizadas por comunidades tradicionais na Bacia do Alto Paraguai e Vale do Guaporé, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 14, suplemento 1, p. 45-47, 2004.

MACIEL, M.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém, v. 2, n. 3, p. 61-77, set-dez, 2006.

MALTY, L.S. **Velha do Cerrado: a personificação de um arquétipo em busca da sustentabilidade cultural no Cerrado**. 89fl. Dissertação apresentada no Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília – DF. 2006.

MARONI, B.C.; DI STASI, L.C.; MACHADO, S.R. **Plantas Medicinais do Cerrado de Botucatu**. Guia Ilustrado. São Paulo. Editora UNESP, 2006, 194 p.

MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas Medicinais**. Viçosa: Ed. UFV, 2003, 220 p.

MATOS, F.A. **História das plantas medicinais**. Disponível em: http://www.achetudoeregiao.com.br/historia_de_plantas_medicinais.htm. Acesso em 10 de outubro de 2004.

MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R.H.P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ. Brasil. **Acta Botânica Brasileira**. v. 18, n. 2, p. 391-399, 2003.

MENDONÇA, R.C.; FELFILI, J.M.; WALTER, B.M.T.; SILVA JÚNIOR, M.C.; REZENDE, A.V.; FILGUEIRAS, T.S.; NOGUEIRA, P.E. Flora Vascular do Cerrado. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. (Eds.) **Cerrado: ambiente e flora**. Embrapa Cerrados, Planaltina, 1998. 556 p.

MENDONÇA, R.C.; FELFILI, J.M.; WALTER, B.M.T.; JÚNIOR, M.C.S.; REZENDE, A.V.; FIGUEIRAS, T.S.; NOGUEIRA, P.E.; FAGG, C.W. Flora Vascular do Cerrado: Checklist com 12356 espécies. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: Ecologia e flora**. Embrapa Cerrados. Brasília-DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. 1279 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo, Editora HUCITEC. 2004. 269 p.

MING, L.C. **Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica**. Editora UNESP, 2006. 160 p.

MONTANARI JUNIOR, I. Exploração econômica de plantas medicinais da Mata Atlântica. In: SIMÕES, L.L.; LINO, C.F. (Org.) **Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais**. São Paulo, Editora SENAC, p. 35-54, 2002.

MORAIS, R.G. **Plantas medicinais e representações sobre saúde e doença na comunidade de Angical (Rosário Oeste, MT)**. 2003. 153 fl. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT. 2003.

MORAIS, R.G; JORGE, S.S.A. Etnobotânica e plantas medicinais: um enfoque sobre medicina tradicional. In: COELHO, M.F.B; JÚNIOR, P.C.; DOMBRESKI, J.L.D. (Org.) **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá. MT, p. 89-98, 2003.

MORAIS, I.C.; SILVA, L.D.G.; FERREIRA, H.D.; PAULA, J.R.; TRESVENZOL, L.M.F. Levantamento sobre Plantas Medicinais Comercializadas em Goiânia: uma abordagem popular (raizeiros) e abordagem científica (levantamento bibliográfico). **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 2, n. 1, p. 13-16, 2005.

MOTA, M.G.F. de L.C. **Plantas medicinais utilizadas por raizeiros: Uma abordagem etnobotânica no contexto da saúde e doença**. Cuiabá, Mato Grosso. 1997. 252 fl. Dissertação apresentada no Programa em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1997.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; KENTS, J. Biodiversity hotspot for conservation priorities. **Nature**, London, v. 403, p. 853- 858, 2000.

NOLLA, D.; SEVERO, B. M. A.; MIGOTT, A. M. B. **Plantas medicinais**. 2 ed. Passo Fundo, RS: UPF. 2005. 72 p.

NUNES, G.P.; SILVA, M.F.; RESENDE, U.M.; SIQUEIRA, J.M. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.13, n.2, p. 83-92, 2003.

OLIVEIRA, M.J.R.; SIMÕES, M.J.S.; SASSI, C.R.R. Fitoterapia no Sistema de Saúde Pública (SUS) no Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v.8, n. 2, p. 39-41, 2006.

PAIVA, P.H.V. A reserva da biosfera do Cerrado: fase II. In: CAVALCANTI, T.B. & WALTER, B.M.T. **Tópicos atuais em Botânica**: Palestras Convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Sociedade Botânica do Brasil, p. 332-334, 2000.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; NETO, G.G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasílica**. v. 19, n.2, p. 195-207. 2005.

PEREIRA, Z.V.; GOMES, C.F.; LOBTCHENKO, G.; GOMES, M.E.S.; SIMÕES, P.D.A.; SARUWATARI, R.P.S.; RIGO, V.F.; CORDEIRO, W.P. Levantamento das Plantas Medicinais do Cerrado *sensu stricto* da Fazenda Paraíso – Dourados, MS. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre. v. 5, supl. 1, jun., p. 249-251, 2007.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PREFEITURA DE CAMPO LIMPO DE GOIÁS. **Histórico e informações**. 2008. Disponível em: < <http://www.campolimpo.go.gov.br> > Acesso em 20 de outubro de 2008.

RAI, L.K.; PRASAD, P.; SHARMA, E. Conservation threats to some important medicinal plants of the Sikkim Himalaya. **Biological Conservation**, v. 93, p. 27-33, 2000.

RAMOS, M.A.; ALBUQUERQUE, U.P.; AMORIM, E.L.C. O comércio de plantas medicinais em mercados públicos e feiras livres: um estudo de caso. In: ALBUQUERQUE, U.P.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; MARTINS, J.F.A. **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas**. Recife – PE: Editora Livro Rápido, 2005. 286 p.

RATES, S.M.K. Promoção do uso racional de fitoterápicos: uma abordagem no ensino de farmacognosia. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. n.11, p. 15-19, 2001.

RATTER, J.; BRIDGEWATER, S.; RIBEIRO, J.F. Analysis of the floristic composition of the Brazilian Cerrado vegetation. III: comparison of the woody vegetation of 376 areas. **Edinburgh Journal of Botany**. v. 60. n. 1, p. 57-109, 2003.

RIBEIRO, L.M. **Aspectos etnobotânicos numa área rural – São João da Cristina, MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, Rio de Janeiro. 1996.

- RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (Eds). **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA. p. 92-137. 1998.
- RIZZINI, C.T. A flora do Cerrado: análise florística das savanas centrais. In: FERRI, M.G. (Org). **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher LTDA, Editora da Universidade de São Paulo. p. 105-153, 1970.
- RIZZO, J.A.; MONTEIRO, M.S.R.; BITENCOURT, C. Utilização de plantas medicinais em Goiânia. In: **Anais do Congresso Nacional de Botânica**, v. 36, Curitiba (PR), p. 671-614, 1990.
- RIZZO, J.A.; CAMPOS, I.F.P.; JAIME, M.C.; MUNHOZ, G.; MORGADO, W.F. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 431-447, 1999.
- RODRIGUES, V.E.G; CARVALHO, D.A. **Plantas Medicinais no Domínio dos Cerrados**. Lavras, 2001a. 180p.
- RODRIGUES, V.E.G.; CARVALHO, D.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais do domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência Agrotécnica**. v.25, n.1. p. 102-123, 2001b.
- RUIBERDAN, R. e AUGUSTO, R. **Mapa Político e Rodoviário Didático do Estado de Goiás**. Goiânia: Editora Cartográfica do Centro Oeste, 2007.
- SALGADO-LABORIAU, M.L. **História Geológica da Terra**. São Paulo, SP. Editora Edgard Blücher, 1994. p.130.
- SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: Embrapa-Cerrados, 1998. 556 p.
- SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: Ecologia e flora**. Embrapa Cerrados. Brasília-DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. vol. 2. 1279 p.

SANTANA, S.R. **Plantas usadas na medicina tradicional em Dom Aquino, Mato Grosso, Brasil.** 2002. 119 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá - MT. 2002.

SANTOS, L. M. **Uso Popular de Plantas Medicinais na Comunidade de Avoadeira (Voadeira), Barra do Garças, Vale do Araguaia – MT.** 2002. 78 fl. Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT.

SCHARDONG, R.M.F.; CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica do Paraná**, Curitiba, v. 29, n.1,2,3,4, p. 187-217. 2000.

SCHEFFER, M.C; MING, L.C. ARAÚJO, A.J. Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais. In: QUEIROZ, M.A.; GOEDERT, C.O.; RAMOS, S.R.R. (Eds.) **Recursos Genéticos e Melhoramento de Plantas para o Nordeste Brasileiro.** (On line). Petrolina-PE: Embrapa semi-Árido. Brasília-DF. Recursos Genéticos e Biotecnologia, nov. 1999. Disponível em: <<http://www.cpatia.embrapa.br>>

SCHWENK, L.M. e SILVA, C.J. A etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. In. **Anais do III Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal.** Corumbá – MT. p. 1-27, 2000.

SHELDON, J.H.; BLICK, M.J.; LAIRD, S.A. **Medical Plants:** can utilization and conservation coexist? New York: New York Botanical Garden, 1997. 104p.

SHEPHERD, G.J. **Conhecimento e diversidade de plantas terrestres do Brasil.** Brasília, DF, 2000. 53 p.

SILVA, C.S.P. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil:** uma abordagem etnobotânica. 2007. 153 fl. Dissertação (Mestrado em Botânica), Universidade de Brasília, Brasília - DF. 2007.

SILVA, G.S. **Um cotidiano partilhado entre práticas de representações de benzedeiros e raizeiros (Remanescentes de Quilombo de Santana da Caatainga –**

MG/ 1999-2007). 186 fl. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Universidade de Brasília, Brasília – DF. 2007.

SILVA, C.S.P.; PROENÇA, C.E.B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 22, n. 2, p. 481-492, 2008.

SILVA, S.R.; BUITRÓN, X.; OLIVEIRA, L.H.; MARTINS, M.V.M. **Plantas Medicinais do Brasil**: aspectos gerais sobre legislação e comércio. Brasília. TRAFFIC, 2001.

SIMIELLI, M.E. **Geoatlas**. São Paulo. Ed. Ática, 30 ed., 2002.

SOMAVILLA, N.S. **Utilização de plantas medicinais por uma comunidade garimpeira do sudeste matogrossense, Alto Coité – Poxoréo - MT**. 1998. 104 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato. Cuiabá - MT. 1998.

SOUZA, L.F. **Estudo Etnobotânico na Comunidade de Baús**: o uso de plantas medicinais (Município de Acorizal, Mato Grosso). 1998. 165 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1998.

SOUZA, S.F. **Plantas medicinais**: conhecimento e experiências do seu uso junto aos alunos da 1ª a 4ª série da Escola Professora Dila de Campos Maciel, comunidade de Tarumã, município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. 2003. 83 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato. Cuiabá - MT. 2003.

SOUSA, G.C. **O uso de plantas medicinais no Yle Axé Omo Odara Ode em passagem da Conceição, Várzea Grande – Mato Grosso**: um estudo de caso. 2003. 77 fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato. Cuiabá – MT. p. 2003.

SOUZA, L.F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (Comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Botucatu, v. 9, n. 4, p. 44-54, 2007.

SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. Etnobotânica do cerrado sentido restrito na fazenda Horta em Cavalcante, GO. **Boletim do Herbário Ezechias Paulo Heringer**, Brasília, v. 12, p. 57-71, dezembro, 2003.

SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

SOUZA, V.C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**: Guia Ilustrado para Identificação das Famílias de Fanerógamas Nativas e Exóticas no Brasil, baseado em APG II. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Odessa. Instituto Plantarum, 2008, 704 p.

THE INTERNATIONAL PLANT NAME INDEX. 2005. Disponível em <http://www.inpi.org>. Acesso em março de 2008.

TRESVENZOL, L.M.; PAULA, J.R.; RICARDO, A.F.; FERREIRA, H.D.; ZATTA, D.T. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

TRIDENTE, R.D. **O Uso de Plantas Medicinais na Cidade de Porangatu, Estado de Goiás**. 48 fl. Dissertação apresentada ao Mestrado em Biologia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO. 2002.

VALENTE, C. R. Caracterização geral e composição florística do Cerrado. In: GUIMARÃES, L.D.; SILVA, M.A.D.; ANACLETO, T.C. (Org.). **Natureza Viva Cerrado**: caracterização e conservação. Goiânia, GO: Editora da UCG. 2006, 211 p.

VEIGA JÚNIOR, V.F; PINTO, A.C.; MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**. v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Checklist das plantas medicinais do Cerrado. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 13-36, 2000.

VILA VERDE, G.M; PAULA, J.R.; CARNEIRO, D.M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.13, supl., p. 64-66, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Traditional medicien strategy 2002-2005**. Genova: World Health Organization. 2002.

ZENI, A.L.B.; BOSIO, F. Medicinal plants used in the Nova Russia, Brazilian Atlantic Rain Forest. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.8, p.167-171, 2006.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro para as entrevistas semi-estruturadas

Dados pessoais

Sexo:

Idade:

Local de nascimento:

Grau de escolaridade:

1. Nome popular da planta.
2. Parte(s) usada(s) e indicação de uso.
3. A planta pode ser misturada com outra?
4. Como é preparado o remédio caseiro?
5. Qual a dosagem e quantas vezes ao dia o remédio pode ser tomado?
6. Esta planta tem contra-indicação? A planta pode fazer mal se tomada por muito tempo ou em grande quantidade?
7. É utilizado algum critério para coletar a planta? (altura; idade; planta mais vigorosa; em alguma estação da lua; na época seca; na época chuvosa; em algum horário do dia).
8. Há quanto tempo trabalha com plantas medicinais?
9. Quem te ensinou a lidar com plantas medicinais?
10. O(a) Sr(a). ensina o que sabe aos descendentes?
11. Os filhos têm interesse em aprender? Qual sua opinião?
12. O(a) Sr(a). indica mais espécies cultivadas no quintal ou espécies coletadas no campo?
13. Quando a pessoa te procura, ela fala sobre o problema de saúde que tem ou vai direto pedindo a planta?
14. Quem te procura mais: homens ou mulheres, jovens ou idosos?
15. São utilizados sempre os mesmos locais de coleta? Quais espécies você tem mais dificuldade em encontrar atualmente no mato?
16. O que pensa a respeito da sua função? Sente-se realizado(a)? Gosta do que faz?
17. As pessoas que te procuram, pagam alguma quantia pelo remédio?

Apêndice 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não participará da pesquisa e não será penalizado de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: CONHECIMENTO TRADICIONAL E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM CAMPO LIMPO DE GOIÁS, BRASIL: IMPLICAÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO.

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Mirley Luciene dos Santos

Pesquisadores participantes: Acadêmicos do Curso de Biologia da UniEvangélica: Valéria Vieira Machado de Oliveira, Michelle Augusta dos Santos, Mestrando Marcos Rodrigo Beltrão Carneiro e Pesquisadora Cristiane Soares Pereira da Silva.

Telefones para contato: 3310-6620, 3310-6705 e 3310-6682

Objetivo: O estudo objetiva levantar o conhecimento e o uso das plantas medicinais nativas do cerrado de Campo Limpo, GO utilizadas pela população.

Metodologia: Os informantes selecionados serão entrevistados pelos membros da equipe acima mencionada. As entrevistas consistirão em perguntas que dizem respeito as características sócio-econômicas dos informantes e o conhecimento sobre as plantas do Cerrado utilizadas.

Benefícios: As informações colhidas por meio dos questionários serão utilizadas entre outras finalidades para gerar apontamentos que visem à exploração de forma sustentada da flora medicinal na região, com o intuito de promover a conservação dessas espécies que apresentam importância para a população local e regional. Toda a população de Campo Limpo poderá ser beneficiada à medida que estas informações possam ser utilizadas de forma a elencar as espécies efetivamente utilizadas e que, portanto, sofrem maior pressão, buscando assim, estimular a realização de novos estudos e projetos que promovam a sua propagação, manejo e efetiva conservação.

Anápolis, 15 de março de 2007,

Profa. Mirley Luciene dos Santos
Pesquisadora Responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG nº _____, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo acima descrito, como sujeito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP-UniEVANGÉLICA (fone 3310 6682), caso me sinta lesado ou prejudicado. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi uma cópia deste documento.

Anápolis, ____ de _____ de 2008,

Assinatura do sujeito.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Apêndice 3: Espécies de uso medicinal na Região Centro Oeste do Brasil. **a)** Mato Grosso; **b)** Mato Grosso do Sul; **c)** Goiás;; **C)** Nativas do Bioma Cerrado; **B)** Nativas do Brasil; **E)** Exóticas ao Brasil; **1)** SOMAVILLA, 1998; **2)** SANTANA, 2002; **3)** SOUZA, 2003; **4)** BORBA, 2003; **5)** LEITZKE, 2003; **6)** SCHWENK, e SILVA, 2007) **MORAIS**, 2003; **8)** MOTA, 1997; **9)** AÑEZ, 1999; **10)** SOUZA, 1998; **11)** SOUSA, 2003; **12)** COELHO e SILVA, 2003; **13)** PASA; SOARES e NETO, 2005; **14)** BUENO *et al*, 2005; **15)** NUNES *et al*, 2003; **16)** SCHARDONG e CERVI, 2000; **17)** FARIA, 1998; **18)** MACEDO e FERREIRA, 2004; **19)** SANTOS, 2002; **20)** TRIDENTE, 2002; **21)** SILVA, 2007; **22)** VILA VERDE; PAULA e CARNEIRO, 2003; **23)** SOUZA e FELFILI, 2003; **24)** SOUZA e FELFILI, 2006; **25)** RIZZO *et al* , 1999; **26)** ATTUCH, 2006; **27)** TRESVENZOL *et al*, 2006; **28)** ARANTES; CALDAS e SILVA, 2003; **29)** MACIEL e GUARIM NETO, 2006 e **30)** BORBA e MACEDO, 2006.

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
ACANTHACEAE						
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq. - a,c	C	Anador, comel, novalgina, trevo, dipirona	Folha, caule, toda a planta	Cicatrizante	XIX	1
				Febre, tosse, dor de cabeça	XVIII	1,2,5,7,8,10,11,12, 17,19, 20,29
				Dor no corpo, dor na coluna	XIII	2,11,17
				Dor de dente	XI	4
				Gripe, resfriado	X	7,11,19,20
<i>Peristrophe angustifolia</i> Nees. - c	E	Comel	Toda a planta	Gripe	X	20
				Febre, dor de cabeça	XVIII	20
ADIANTACEAE						
<i>Adiantum cappilus</i> Sw. - c	B	Avenca	Folha	Gripe	X	28
<i>Adiatum capillus veneris</i> L. - b	B	Avenca	Toda a planta	Distúrbios respiratórios	X	16
<i>Adiatum raddianum</i> C. Presl. - a	B	Avenca	Toda a planta	Tosse	XVIII	7
				Reumatismo	XIII	8
				Bronquite, asma	X	17
				Menstruação	XIV	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Adiantum serrato-dentatum</i> Wild. – a	B	Samambainha preta	Folha	Hemorróidas	IX	5
ADOXACEAE						
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltl. - a,c	B	Sabugueiro	Folha, flor, caule	Depurativo do sangue	III	5
				Tosse, febre	XVIII	5,7,20,25
				Sarampo	I	5,7,20,21,25
				Constipação	VII	5
				Gripe, resfriado	X	5, 20,21,25
				Reumatismo	XIII	21
<i>Sambucus nigra</i> L. - a,b,c	B	Sabugueiro	Flor, folha, raiz, caule	Sarampo, caxumba, rubéola, purgante, catapora, erisipela	I	1,2,3,4,8,9,11,12, 16,17,24,28,30
				Gripe, pneumonia, bronquite, resfriado	X	1,2,8,12,17,19,24,28
				Ácido úrico	XIV	17
				Depurativo do sangue, câimbra de sangue	III	1,17
				Gota, diabetes	IV	17
				Pressão alta	IX	17
				Febre, tosse, dor de garganta, hipertermia	XVIII	1,2,3,8,11,12,19,28,30
				Inflamação de parto	XV	1
				Nascer de dente, estômago	XI	4, 10
				Dermatite, escarlatina	XII	8,24
				Feridas	XIX	12
				Calmente	V	28
AGAVACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Agave americana</i> L. - a	E	Pitera, agave	Folha	Pressão baixa Intoxicação Purgante	IX XIX I	17 17 17
<i>Herreria salsaparrilha</i> Mart. - a	B	Salsaparrilha	Raiz	Depurativo do sangue Reumatismo Sífilis, verme Ferida no corpo	III XIII I XIX	2,19 5,19 5 5
AIZOACEAE						
<i>Tetragonia expansa</i> Murr. - a	E	Espinafre	Folha	Dor de rins	XIV	12
ALLIACEAE						
<i>Allium cepa</i> L. - a,b,c	E	Cebola, cebola branca	Folha, raiz, caule	Gripe, bronquite Palpitação no coração, pressão alta Corrimento Nascer de dente, infecção intestinal Tosse	X IX XIV XI XVIII	1,2,12,28 1,7,16 2 4,9,30 19,28
<i>Allium sativum</i> L. - a,c	E	Alho	Folha, raiz, caule	Vermífugo Gripe, asma, bronquite Dor de dente Machucaduras, picada de inseto Tosse, dor de garganta, febre Hipertensão, pressão baixa, arterosclerose Hipercolesterolemia	I X XI XIX XVIII IX III	1,2,5,17,25,29 1,3,5,7,8,9,12,17,19,20,28 2,3 3,17,28 4,5,9,17,19,25,28,29,30 5,8,12,17 8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Queda de cabelo	XII	10
				Reumatismo	XIII	10
				Diurético	XIV	17
				Diabetes	IV	17
				Dor de ouvido	VIII	28
ALISMATACEAE						
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Micheli - a,c	C	Chapéu-de-couro, congonha-do-campo	Folha, toda a planta	Depurativo do sangue, hipercolesterolemia	III	11,21,2
				Pele	XII	11
				Transtorno do rim	XIV	21,27
				Reumatismo, artrite	XIII	21,24,27
				Sífilis	I	24
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kuntze.) Micheli - a,b,c	C	Chapéu-de-couro	Folha	Dores nos rins, infecção de urina	XIV	1,2,5,8,9,10,15,17, 19,20, 28,29
				Dor na coluna, reumatismo, dor muscular	XIII	1,2,5,8,15,17,20,25
				Sífilis	I	1,15
				Fígado	XI	1,15
				Gripe	X	2,19
				Depurativo do sangue	III	5,8,15,25,28
				Furúnculos, acne, pele	XII	8,17
				Colesterol	IV	12,17
				Dor de cabeça	XVIII	20
AMARANTHACEAE						
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze - a	C	Terramicina	Folha	Gripe	X	2,7
				Garganta, febre, dor de barriga, dor de cabeça	XVIII	2,7,10,12,25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Diarréia, verme	I	2,9
				Machucadura, cicatrizante, feridas	XIX	2,4,7,10,12,19
				Inflamação de dente	XI	4, 30
				Infecções genitais	XIV	10
<i>Alternanthera brasiliana</i> var. <i>villosa</i> (Moq.) Kuntze - c	C	Perpétua-branca	Flor	Coração	IX	21
<i>Alternanthera dentata</i> (Moench.) Scheygr. - c	C	Terramicina, penicilina	Toda a planta, folha	Gripe	X	20,28
				Febre, dor de cabeça	XVIII	20
				Cistite, infecção urinária	XIV	21,28
				Ferimentos	XIX	21
<i>Alternanthera ficoidea</i> R. Br. - c	B	Magnospirol, Anador, Doril	Folha	Gripe	X	20
				Febre, dor de cabeça	XVIII	20
<i>Altenanthera tenella</i> Colla - a,c	B	Anador, terraciclina,, catinga-de-mulato, mulatinha, cheiro-de-mulata	Folha, toda a planta	Febre, dor de cabeça	XVIII	9, 10
				Disenteria	I	10
				Dores no corpo	XIII	10
				Gripe	X	12
				Machucadura, picadas de insetos	XIX	12
				Coceira	XII	12
				Dor de ouvido	VIII	20
				Olhos	VII	20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Amaranthus spinosus</i> L. - c	B	Caruru	Caule	Útero, escorrimento	XIV	20
<i>Amaranthus viridis</i> L. - a,c	B	Caruru, carirú	Folha	Anemia	III	20
				Desnutrição	IV	17
				Fígado	XI	17
				Afecções cutâneas	XII	21
<i>Beta vulgaris</i> L. - a	E	Beterraba	Raiz, folha	Anemia	III	2,5,17
				Verme	I	5
				Recaída de parto	XV	5
				Impotência	V	5
				Intestino, fígado	XI	17
				Artrite	XIII	17
<i>Celosia argentea</i> L. - c	B	Suspiro	Flor	Coração	IX	21
<i>Celosia cristata</i> L. - a	B	Crista-de-galo, suspiro	Flor, folha	Sinusite, asma	X	17
				Cefaléia	VI	17
				Problemas intestinais	XIV	17
				Aftas, úlcera	XI	17
				Coqueluche, sífilis	I	17
				Cicatrizante	XIX	17
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. - a,c	B	Mastruço, mentruz, Erva-de-Santa-Maria	Folha, semente, toda a planta	Estimulante	V	17
				Diurético, infecção de útero e ovário	XIV	17,21
				Vermífugo, infecção, lombrigueiro, parasitose, tuberculose, diarreia	I	1,2,3,5,7,8,9,10,11,12,13,17,19,20,21,24,25,28,29
				Depurativo do sangue, anemia	III	3,7,17,28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Hemorróidas	IX	17
				Feridas, quebras, cicatrizante, machucados, fraturas	XIX	1,2,3,4,5,9,10,11,12,17,19,20,21,25,28,30
				Abcessos	XII	17
				Tumores	II	7,17
				Gripe, expectorante	X	1,5,8,12,24
				Estomacal, inflamação de dente, hepatite, gastrite	XI	1,4,7,13,28,30
				Tosse, dor abdominal	XVIII	5,8
				Constipação	VII	8
				Reumatismo	XIII	10,12
<i>Gomphrena celosoides</i> Mart. - b	C	Perpétua	Toda a planta	Coração	IX	16
<i>Gomphrena globosa</i> L. - a,c	B	Perpétua-roxa, perpétua	Toda a planta, flor, folha	Tosse, febre	XVIII	2,17,28
				Gripe, problemas respiratórios	X	2,17,28
				Coração, pressão alta	IX	7,9,10,17,21
				Coqueluche	I	28
<i>Gomphrena officinalis</i> Mart. - a,c	C	Paratudinho-do-campo	Raiz, caule, flor	Dentição nova	XI	7
				Diarréia	I	7
				Reumatismo, dor no pé	XIII	9
				Febre, tosse	XVIII	22,24,25
				Bronquite, gripe, asma	X	22,24,25
				Depurativo do sangue	III	22
				Picada de cobra	XIX	22,24
<i>Pfaffia jubata</i> Mart. - c	C	Macela, sabugueirinho	Folha	Estômago	XI	25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Spinacia oleraceae</i> L. - a	E	Espinafre	Folha	Dor de barriga, vômito, febre	XVIII	25
				Diarréia	I	25
				Diurético, cálculos renais, inflamações urinárias	XIV	17
				Inflamações digestivas, fígado	XI	2,17
				Cérebro, nervos	VI	17
				Anemia	III	17
				Arterioclerose	IX	17
ANACARDIACEAE						
<i>Anacardium humile</i> St. Hil. - a,b,c	C	Cajuzinho, cajuí	Raiz, caule, folha	Estômago, infecção de esôfago, dor de dente	XI	2,3,4,5,7,16,30
				Rins, infecção vaginal e útero	XIV	5,22,28
				Reumatismo	XIII	5
				Tosse, dor de garganta	XVIII	5,26
				Depurativo do sangue	III	5
				Diabetes, hipoglicemia	IV	8,18
				Diarréia, purgativo, desintéria	I	8,26
<i>Anacardium nanum</i> St.Hil. - a	C	Cajú	Folha, caule	Manchas de pele	XII	26
<i>Anacardium occidentale</i> L. - a,b,c	C	Cajú, cajú vermelho	Caule, raiz, fruto, folha	Hipoglicemia	IV	18
				Diarréia, disenteria	I	1,4,8,16,17,20,28,30
				Câimbra de sangue, anemia	III	2,19
				Dor e extração de dente, gastrite, estômago	XI	1,4,12,19,20,25,30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott. - a,c	C	Gonçaleiro, Gonçalo-alves	Caule, folha	Picadas de insetos, machucados	XIX	5,7,12
				Infecção vaginal, diurético, rins, útero	XIV	5,12,17,23,28
				Diabetes	IV	8,10,17
				Rouquidão, inflamação de garganta, febre	XVIII	11,12
				Dor de cabeça, febre	XVIII	9,11
				Inchaço nas pernas, dores nos membros	XIII	21
<i>Mangifera indica</i> L. - a,b,c	E	Mangueira	Folha, caule	Diarréia	I	23
				Hemorróidas	IX	23
				Úlceras de pele	XII	23
				Gripe, resfriado, bronquite	X	1,2,3,5,7,10,12,16, 19, 20,25,28,29
				Tosse, rouquidão, dor de garganta, dor de cabeça, febre	XVIII	1,2,4,5,9,10,11,19, 20,21, 25,30
				Dor de dente	XI	1
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl. - a,b,c	C	Aroeira	Caule, folha	Pressão alta, hemorróidas	IX	5,12
				Depurativo	III	5
				Rim, vagina, leucorréia	XIV	5,10,12,28
				Feridas, rachaduras no pé	XIX	5
				Diarréia	I	28
				Quebradura, cicatrizante, fraturas	XIX	2,5,6,7,9,10,11,23, 24,25, 26
Gripe, bronquite	X	2,5,17				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Inflamação ginecológica, rins	XIV	6,9,11,24,26
				Tosse	XVIII	6
				Deficiência vitamínica, obesidade	IV	6, 10
				Estômago, gases, gastrite, inflamação de gengiva, dor de dente	XI	7,10,11,14,24,26
				Diarréia, sarna	I	5,9
				Dores no corpo, reumatismo	XIII	10,13,17
				Depurativo	III	19
				Pele	XII	25
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi. - c	C	Aroeira	Caule	Expectorante	X	28
				Estômago	XI	28
				Sangue	III	28
<i>Spondias dulcis</i> G. Forst - a	B	Cajá-manga	Folha	Vermes	I	13
				Infecção intestinal	XI	13
<i>Spondias lutea</i> L. - a	B	Acaiá	Caule	Hepatite	XI	10
				Distúrbios circulatórios	IX	10
				Distúrbios urinários	XIV	10
<i>Spondias purpurea</i> L. - a	C	Siriguela, jacote	Folha	Pressão alta	IX	7
				Diabetes	IV	7
				Gripe	X	29
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl. - c	C	Pau-pombo	Folha	Pele	XII	24
ANNONACEAE						
<i>Annona coriacea</i> Mart. - b	C	Araticum	Folha, raiz, caule	Dor de ouvido	VIII	14

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Annona crassiflora</i> Mart. - a,c	C	Articum, graviola, araticum, marolo, quaresma	Folha, fruto, semente	Câncer	II	5,26
				Aids, diarreia	I	5,23,26
				Coração	IX	5
				Menstruação, cólicas	XIV	26
				Reumatismo	XIII	26
				Feridas	XIX	26
				Úlceras	XI	26
<i>Annona dioica</i> St. Hil. - a	C	Ata do mato, araticum, ata	Folha, raiz	Diabetes	IV	8
				Dores na coluna	XIII	17
				Rins	XIV	17
<i>Annona montana</i> Macfad. - c	C	Araticum-do-mato	Folha	Picada de inseto	XIX	21
<i>Annona muricata</i> L. - a,c	B	Graviola, ateira	Folha, fruto	Diabetes, obesidade	IV	8,28,29
				Picada de cobra	XIX	19
				Bronquite	X	19
				Câncer de próstata	II	21
				Rins	XIV	25
				Anemia, depurativo do sangue	III	13
				Reumatismo	XIII	13
<i>Annona squamosa</i> L. - a	B	Pinha ou ata	Folha	Bronquite	X	19
<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schltl. - c	C	Pimenta-da-costa	Semente	Bronquite, sinusite	X	21
				Dismenorréia	XIV	21
				Gases	XI	21

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff. - a,c	C	Pinha, sofre-de- rim-quem-quer, beladona	Raiz, folha, toda a planta	Infecção nos rins	XIV	1,2,19,24,25,27
				Dores na coluna	XIII	1
				Estomacal	XI	1
				Calmanete	VIII	24
<i>Xylopia aromatica</i> Mart. - a,c	C	Pimenta-de- macaco, Bananinha-do- mato	Fruto, folha, caule, semente	Pressão alta	IX	2
				Dores na coluna, dores no corpo	XIII	17,23
				Pele	XII	7
APIACEAE						
<i>Coriandrum sativum</i> L. - a,c	E	Coentro, coentro- do-Pará, unguento-do- reino	Folha, caule, semente, raiz, toda a planta	Vermífugo, tétano, erisipela	I	1,17,20
				Digestivo, gases	XI	17,20,21
				Cólica de recém nascido	XVI	12,28
				Machucadura, cicatrizante	XIX	1
				Diabetes	IV	1
				Rins, cólicas	XIV	28
				Dor de barriga	XVIII	28
<i>Daucus carota</i> L. - c	B	Cenoura	Folha	Rins	XIV	28
<i>Eryngium foetidum</i> L. - a	B	Chicória	Toda a planta	Febre	XVIII	7
				Estômago, dentição nova	XI	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Foeniculum dulce</i> Mill. - c	E	Funcho	Foha, toda a planta	Gripe, bronquite, resfriado	X	28
				Calmante	V	28
				Estômago	XI	28
				Rins	XIV	28
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. - a,c	E	Funcho, erva-doce	Semente, folha, raiz, fruto	Dores no peito	XIII	28
				Prisão de ventre, dor de estômago, febre	XVIII	5,25
				Estômago, gases, digestivo	XI	5,7,17,21,24
				Infecção do rim, diurético, cólica	XIV	8,17,24
				Abcesso	XII	8
				Verminose, diarreia	I	19,21
				Gripe	X	21
				Calmante	V	25
				Infecção de útero, leucorréia, rins, bexiga	XIV	21,25
				Infecção de ouvido	VIII	29
Hepatite	XI	29				
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nyman ex A.W.Hill. - a,c	E	Salsa	Raiz	Nascer de dente, hepatite, digestão	XI	4,5,20,30
				Menopausa, pós parto	XV	5, 20
<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm. - a,c	E	Salsa	Folha, raiz, toda a planta	Anemia	III	5
				Diurético, rins, inflamação do útero	XIV	5,12,20,25,28
				Amarelão, verme	I	5, 20
				Pressão alta	IX	1

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Pimpinella anisum</i> L. - a,c	E	Erva-doce	Folha, semente, fruto	Feridas, cicatrizante	XIX	20,28
				Estimulante	V	28
				Estômago, nascer de dente, intestino	XI	2,3,4,9,10,12,20,25,28,30
				Cólica	XIV	3
				Anemia	III	5
				Prisão de ventre, dor de barriga, febre	XVIII	1,5,9,20,29
				Regulador de pressão	IX	1
				Gripe	X	20
Cólica de bebê	XVI	28				
APOCYNACEAE						
<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> (Müll.) Arg. - a	C	Peroba-rosa	Caule	Úlcera	XI	6
<i>Aspidosperma polyneuron</i> (Müll.) Arg. - a	C	Peroba branca, guatambú	Caule	Úlcera	XI	6
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart. - c	C	Guatambu	Caule	Diabetes, colesterol	IV	8,17
				Diabetes, colesterol	IV	25
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart. - c	C	Guatambu	Folha, caule	Pressão alta	IX	28
<i>Catharanthus roseus</i> G. Don. - c	E	Boa-noite	Flor	Diabetes, colesterol	IV	28
				Estômago	XI	28
				Reumatismo, bursite	XIII	20
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez - a,c	C	Mangaba, mangava, fruta-de-doente	Raiz, caule, folha	Digestão, úlcera, gastrite	XI	2,8,10,17,19
				Sífilis, gonorréia, micose, pneumonia, diarreia	I	8, 10,20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson - a,c	C	Tiborna, angélica, burra-leiteira, pau-de-leite	Caule, folha, raiz	Micoses, pele, verruga	XII	8,26
				Cãimbras	XIII	10,22
				Contusões	XIX	10,24,26
				Hipoglicemia, diabetes, obesidade	IV	18,26,28
				Dor no estômago, fígado	XVIII	20,26
				Afecções pulmonares	X	22,26
				Cólica menstrual, rins	XIV	24,26,28
				Hipertensão	IX	24
				Engravidar	XV	1
				Verme, doenças venéreas	I	7,8
				Anemia, depurativo do sangue	III	7,12,25
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8, 10,25
				Dermatoses, verruga	XII	10,11,25
				Feridas	XIX	10
Distúrbios circulatórios	IX	10				
Dor de cabeça	XVIII	11				
Câncer	II	23				
<i>Macrosiphonia petraea</i> Kuntze. - a	C	Velame-branco	Raiz	Inflamação da mulher	XIV	1
<i>Macrosiphonia velame</i> Müll. Arg. - a,c	C	Velame-branco, velame, barbado, jalapa-branca	Raiz, folha, caule	Depurativo do sangue	III	2,5,7,8,17,19,24,26,27
				Febre	XVIII	2,24
				Inflamação de dente, úlcera, gastrite, intestino	XI	4,22,24,30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Cicatrizante, feridas	XIX	4,5,7,10,17,30
				Tumor	II	5
				Hemorróidas, doença circulatória	IX	5,8,10
				Corrimento, doenças do rim, útero	XIV	7,8,10,19,25,26
				Transtornos da pele	XII	8,17,25
				Reumatismo, coluna	XIII	8,17,24
				Micoses, sífilis, doenças venéreas, erisipela, gonorréia, diarreia	I	8,10,17,19,22,24,25,26
<i>Mandevilla velutina</i> (Mart. Ex Stadelm.) Woodson - c	C	Batata inflável	Raiz	Impotência sexual	V	22
<i>Nerium oleander</i> L. - a	E	Espirradeira	Folha	Depurativo do sangue	III	22
				Sinusite	X	17
				Feridas	XIX	17
				Câncer	II	17
				Doenças de pele, coceira, micoses	XII	17
<i>Peltastes peltatus</i> (Vell.) R.E.Woodson. - c	C	Precata-de-Nossa-Senhora	Folha	Inflamação de útero, leucorréia	XIV	21
<i>Plumeria lancifolia</i> Müll. Arg. - a	B	Agoniada	Caule, raiz	Fraturas ósseas	XIX	21
<i>Rauvolfia selowii</i> Müll. Arg. - c	C	Casca de anta	Caule	Infecção no útero	XIV	2,17
<i>Thevetia ahouai</i> A. DC. - c	B	Joelho-de-Nossa-Senhora , Chapéu-de-Napoleão	Semente	Hipotensor	IX	24
				Digestivo	XI	24
				Nascer de dente	XI	20
<i>Thevetia peruviana</i> Merr. - a	B	Embú-da-horta	Fruto	Ferida braba	XIX	1

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
AQUIFOLIACEAE						
<i>Ilex paraguayensis</i> Hook. - a,b	C	Erva mate	Folha, caule	Estômago	XI	5
				Cicatrizante	XIX	5
				Aumentar o leite	XV	16
ARACEAE						
<i>Arum esculentum</i> L. - c	E	Taioba	Folha	Osteoporose	XIII	28
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott. - a	E	Taioba	Folha, raiz	Movimento do intestino	XI	2
				Hemorroidas, pressão alta	IX	8,13
				Doença do sangue, anemia	III	8,13,17
				Constipação	VII	8
				Transtornos da pele, urticária	XII	8,13
				Ácido úrico	XIV	13
				Reumatismo	XIII	13
				Cicatrizante	XIX	17
<i>Dieffenbachia parvifolia</i> Engl. - a	B	Comigo-ninguém-pode	Folha	Reumatismo	XIII	1
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl. - c	C	Cipó-imbé	Raiz, flor, caule	Reumatismo, dores no corpo	XIII	21
				Erisipela	I	28
<i>Philodendron imbe</i> Schott. - a	C	Cipó-imbé, banana-de-bugre, imbé	Folha, raiz, caule	Reumatismo	XIII	2,17,19
				Coração	IX	7
				Infecção de ovário e útero, rins, próstata	XIV	17
<i>Philodendron selloum</i> K. Koch. - c	C	Cipó-imbé	Folha	Feridas externas	XIX	20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott. - a	C	Milho de cobra	Raiz	Erisipela Transtornos da pele	I XII	20 8
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott - c	B	Taioba	Folha, raiz	Doença do sangue	III	21
<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott. - a	B	Taioba	Raiz	Hemorróidas Osteoporose Úlcera	IX XIII XI	21 21 1
ARALIACEAE						
<i>Didymopanax morototoni</i> Decne. & Planch. - b	B	Mandiocão	Raiz, folha, caule	Menstruação irregular	XIV	14
<i>Didymopanax vinosum</i> Marchal - a	C	Palminha	Folha	Nervosismo	V	5
ARAUCARIACEAE						
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze. - a	B	Pinhão	Caule	Verme Bronquite	I X	5 5
ARECACEAE						
<i>Acrocomia aculeata</i> Lodd. ex. Mart. - a,c	C	Bocaiúva, macaúba	Fruto, raiz	Bronquite Tuberculose Hemorróidas Rins, infecção urinária Úlcera	X I IX XIV XI	3,21 3 7 9, 10,21 10
<i>Cocos nucifera</i> L. - a,c	B	Coco da Bahia	Fruto, flor	Infecção nos rins Verme, desintéria Anemia Derrame	XIV I III VI	1,8,10 5,7,10,20 5 12

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Infecção do intestino, hepatite	XI	20,28
<i>Mauritia flexuosa</i> Linn. - c	C	Buriti, miriti, palmeira-dos-brejos	Fruto	Vermífugo	I	24
				Queimaduras, cicatrizante	XIX	24
				Reumatismo	XIII	24,26
<i>Orbignya oleifera</i> Burret. - a	B	Babaçu	Fruto, caule, raiz	Tosse	XVIII	6,7
				Bronquite, resfriado, asma	X	6,17
				Colírio	VII	6
				Pressão alta, celulite, varizes	IX	7,17
				Feridas, traumatismos	XIX	17
				Úlceras, intestino	XI	17
				Leucemia	II	17
				Anemia	III	17
				Obesidade, tireóide	IV	17
				Calmanete	V	17
				Reumatismo	XIII	17
				Epilepsia	VI	17
				Leishmaniose, elefantíase, tuberculose	I	17
<i>Syagrus comosa</i> Mart. - a	C	Gueroba	Caule	Estômago	XI	5
ARISTOLOCHIACEAE						
<i>Aristolochia brasiliensis</i> Mart. & Zucc. - b,c	C	Cipó-milombre, papo-de-galo, crista-de-galo	Toda a planta, raiz	Dor abdominal	XVIII	14
				Doenças venéreas	I	21
				Pedra na vesícula	XI	21

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc. - c	B	Milhona	Caule	Dores no corpo	XIII	21
				Sistema nervoso	VI	24
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze - a,c	C	Abutua, milhomem, papo-de-peru	Caule, raiz	Infecção dos rins, inflamação do útero e ovário	XIV	6,8
				Fígado, estômago	XI	6,8,25
				Amarelão, malária, desintéria	I	6,25
				Acne	XII	8
				Complicação do parto	XV	8
				Febre	XVIII	25
<i>Aristolochia gigantea</i> Mart. & Zucc. - a	C	Cipó mil homens	Caule	Menopausa	XV	5
				Afrodisíaco	V	5
				Diarréia	I	5
				Fígado, gastrite	XI	5
				Cólica de rim	XIV	5
				Dor de cabeça	XVIII	5
				Infecção dos rins, amenorréia	XIV	6, 10
				Fígado, estômago	XI	6
				Amarelão, malária	I	6
				Abortivo	XV	10
<i>Aristolochia ridicula</i> N. E. Brown. - a	B	Abutua, bútua	Caule, raiz	Picadas, feridas	XIX	17
				Reumatismo	XIII	17
				Febre	XVIII	17
				Digestivo, apendicite	XI	17
				Cólicas	XIV	17
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham. - a	B	Cipó-mil-homens, cassau	Caule, raiz	Picadas, feridas	XIX	17
				Reumatismo	XIII	17
				Febre	XVIII	17
				Digestivo, apendicite	XI	17
				Cólicas	XIV	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Vermífugo	I	17
				Abortivo	XV	17
ASPHODELACEAE						
<i>Aloe arborescens</i> Mill. - a,c	E	Babosa, babosinha-do-câncer	Folha	Hemorróida	IX	1
				Vermífugo	I	1
				Machucadura	XIX	1
				Úlcera	XI	1
				Câncer	II	21
<i>Aloe barbadensis</i> Mill. - c	E	Babosa	Folha	Câncer	II	20
				Hemorróidas	IX	20
				Prisão de ventre, tosse	XVIII	20
				Cicatrizante, queimadura	XIX	20
<i>Aloe succotrina</i> Lam. - a	E	Babosa, aloés	Raiz, folha	Piolho, pele, acne, caspa	XII	9,17
				Cicatrizante, feridas	XIX	17
				Hemorróidas	IX	17
				AIDS	I	17
				Câncer	II	17
<i>Aloe vera</i> L. - a,c	E	Babosa	Folha	Hemorróida, circulação	IX	2,12,21,25,28
				Câncer	II	2,7,24,28
				Queimadura, feridas, cicatrização	XIX	2,4,7,12,21,24,25,28,30
				Dor de barriga	XVIII	3
				Gastrite, úlcera, estômago	XI	7, 10,12,28
				Queda de cabelo, piolho	XII	10,12,25
				Reumatismo, coluna	XIII	11,28
				Coqueluche, verme	I	12

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Bronquite, gripe	X	28
				Depurativo	III	28
				Rins	XIV	28
ASTERACEAE						
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze. - a,c	B	Carrapicho-de-ovelha, carrapichinho, carrapicho	Raiz, toda a planta	Quentura na urina, corrimento, infecção urinária	XIV	1,7,21
				Hepatite, cistite, infecção intestinal	XI	1,21,24
				Hipoglicemia	IV	18
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC. - a,c	B	Carrapicho-de-burro, chifre de garrotinho, carrapicho-de-cigano	Raiz, toda a planta	Tosse	XVIII	1
				Problemas de urina, cálculo renal	XIV	7,8
				Gonorréia, malária	I	8, 20
				Hepatite, fígado, dor de dente	XI	11,20,21
				Dores reumáticas	XIII	21
<i>Achillea millefolium</i> L. - a,b,c	E	Mil-em-gramas, novalgina, mil folhas, sabugueirinho	Folha, toda a planta	Machucados, feridas, contusões, cicatrizante	XIX	2,5,17,24
				Vômitos, febre	XVIII	5,20,21,25,28
				Urina	XIV	5
				Distúrbios respiratórios, gripe, resfriado	X	16, 20,28
				Dengue, diarreia	I	17, 20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Achyrocline alata</i> DC. - b	C	Jataí-kaá	Folha, raiz	Dor de dente, intestino, úlceras	XI	17, 20,24,25
				Varizes	IX	24
				Manchas na pele	XII	24
				Estômago, fígado, apendicite, gases	XI	15
				Diurético, inflamação de próstata e útero	XIV	15
				Labirintite	VIII	15
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. - a,b,c	C	Marcelinha, macela	Toda a planta, flor, folha	Bronquite	X	15
				Dor de barriga, febre, vômito, tosse, dor abdominal, insônia	XVIII	1,2,5,8,13,15,17,21,28,30
				Pressão alta	IX	2
				Bexiga, rins, cólica menstrual, útero	XIV	4,5,15,17,24,28
				Estômago, dor de dente, fígado, indigestão, nascer de dente	XI	1,4,5,8,9,13,14,15,17, 24,28
				Gripe, sinusite, resfriado	X	5,15,24,28
				Depurativo	III	5
				Diarréia	I	1,8,15,17,28
				Cólica de bebê	XVI	15,17
				Enxaqueca	VI	15
				Reumatismo, espasmos	XIII	14,24
				Calmante	V	17, 30
				Manchas na pele	XII	17
				Ferimentos	XIX	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Ageratum conyzoides</i> L. - a,c	B	Mentrasato	Raiz, folha, toda a planta	Inchaço de mulher grávida, dor de gravidez	XV	1,5,7,8
				Cólica menstrual, inflamação do útero e ovário, amenorréia, cólica, dismenorréia	XIV	1,2,3,8,10,12,17,19,20,21,25,28
				Diarréia	I	1,24,28
				Inchaço nas pernas, reumatismo	XIII	1,8
				Dor de barriga, tosse, dor de cabeça, febre	XVIII	1,2,4,12,17,30
				Indigestão, estômago, úlcera, prisão de ventre, dor de dente, gases	XI	1,2,3,7,17,28
				Gripe, resfriado, sinusite	X	2,8,12,17,21,25,28
				Tônico, depressão, stress	V	17,21,28
<i>Anthemis nobilis</i> L. - b,c	E	Artemisia, marcelinha	Toda a planta	Labirintite	VIII	28
				Dor de cabeça, dor de estômago, gases	XVIII	16, 20,25
<i>Arctium lappa</i> L. - a,b	E	Bardana	Raiz, folha	Úlcera, fígado	XI	5
				Rins	XIV	25
<i>Artemisia absinthium</i> L. - a,b,c	E	Losna, norvônica, noz-vômica	Folha, toda a planta	Estomacal, fígado, intestino, gases, enjôo, dispepsia	XI	1,2,5,7,10,11,12,13,16,17,20,21,25,28
				Dor de cabeça, dor de barriga, febre, vômito, insônia	XVIII	1,5,11,13,17,28
				Diabetes	IV	1,28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Intoxicação	XIX	5
				Parasitose, diarreia, vermífugo	I	8,10,17
				Epilepsia	VI	17
				Icterícia	XVI	17
				Diurético, cólicas, menstruação, rins	XIV	17
				Anemia, depurativo do sangue	III	17
				Piolho	XII	17,28
				Inchaço nas pernas	XIII	21
				Labirintite	VIII	28
				Fígado, intestino	XI	28
<i>Artemisia alba</i> Turra. - c	E	Alcanfor	Folha	Quedas, machucados	XIX	20
				Tétano	I	20
<i>Artemisia camphorata</i> Vill. - a,c	E	Acanfor, alcanfor	Folha, toda a planta	Hemoróidas	IX	2
				Cólica menstrual	XIV	12
				Machucadura, pancadas	XIX	12,21
				Gripe, bronquite	X	28
<i>Artemisia elatior</i> Rydb. - a	E	Artimígio	Folha, flor	Cólica menstrual	XIV	12
				Gripe	X	12
<i>Artemisia verlotorum</i> Lamotte. - a,c	E	Artemísia, artemijo, losna	Toda a planta	Menstruação, cólicas, rins	XIV	5,24
				Gripe	X	5, 20
				Febre	XVIII	20
				Fígado	XI	20,24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Artemisia vulgaris</i> L. - a,c	E	Artemisia, artemíjio	Folha, raiz, toda a planta	Limpeza no útero, resfriado no útero, ciclo menstrual, rins	XIV	1,8,11,17,19,28
				Gripe	X	1,2,20,25
				Dor de cabeça, dor de barriga, febre, insônia	XVIII	1,7,11,17,20,25
				Dor nas pernas, reumatismo	XIII	1,11
				Coagular o sangue	III	2
				Estômago, dentição nova, dispepsia, gases, intestino	XI	2,7,8,17
				Diarréia, parasitose	I	7,8,17
				Epilepsia	VI	17
				Nervosismo	V	17
				Icterícia	XVI	17
				Feridas	XIX	17
				Aborto	XV	19
				<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. - b,c	C	Alecrim, alecrim-do-campo
Febre	XVIII	24				
Sistema nervoso	VI	24				
<i>Baccharis genistelloides</i> (Lam.) Person - a	C	Carqueja	Folha	Digestão, fígado, estômago	XI	2,12,17,19
				Diabetes, colesterol	IV	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Baccharis trimera</i> DC. - a,b,c	C	Carqueja	Folha, raiz, caule, toda a planta	Estomacal, úlcera, fígado, dispepsia, digestão	XI	1,5,7,8,13,15,20,21,24,25,28
				Diabetes, obesidade	IV	1,5,8,15,21,28
				Dengue, hanseníase, diarreia	I	1,8,15
				Febre, dor de estômago	XVIII	1,13,15
				Depurativo, anemia, hipercolesterolemia	III	5,8,14,15,21,28
				Diurético, transtornos do rim, cólicas	XIV	5,8,14,28
				Reumatismo	XIII	15
				Gripe	X	20
				Coração	IX	28
				Brotoeja	XII	21
<i>Baccharis trinervis</i> Pers. - c	C	Casadinho	Folha	Fígado, hepatite	XI	5
				Amarelão	I	5
<i>Bidens gardneri</i> Baker. - a	C	Picão	Toda a planta	Anemia	III	5
				Feridas	XIX	5
				Hepatite, fígado, digestivo, vesícula	XI	1,2,3,5,7,8,10,12,17,21,25,28,29
<i>Bidens pilosa</i> L. - a,c	B	Picão, picão preto	Raiz, folha, semente, toda a planta, caule	Anemia, depurativo do sangue	III	1,5,8,11,17,24,25
				Malária, amarelão, dengue, vermífugo	I	1,2,5,11,17,28
				Dificuldades renais, retenção urinária	XIV	2,5,7,8,12,28
				Dor de ouvido	VIII	3

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Feridas	XIX	5,17
				Icterícia	XVI	7,8,10,11,12,17,19, 21,24,25,28
				Diabetes	IV	17,24
				Hemorróidas	IX	17
				Dor de garganta	XVIII	17
<i>Brickellia brasiliensis</i> B.L. Rob. - a	B	Arnica-do-campo	Folha, toda a planta	Machucadura, fraturas, ferimentos	XIX	1,4,8,10,17,30
				Reumatismo, transtornos musculares	XIII	1,8,17
				Inflamação de dente	XI	4, 30
				Taquicardia	IX	8, 10
				Anemia	III	10
				Derrame	VI	10
				Gripe, sinusite	X	10
				Diurético, próstata	XIV	17,29
<i>Calendula officinalis</i> L. - a	E	Calêndula	Toda a planta	Distúrbios respiratórios	X	12
				Hepatite	XI	17
				Aborto	XV	17
				Feridas, cicatrizante	XIX	17,24
				Furúnculos, verrugas	XII	17
<i>Carduus benedictus</i> Steud. - c	E	Cardo-santo	Folha	Febre	XVIII	24
				Icterícia	XVI	24
				Depurativo	III	24
<i>Cetratherum punctatum</i> Cass. - a	B	Ventre-livre	Folha	Circulação	IX	2
				Febre, dor de cabeça	XVIII	2
				Cicatrizante	XIX	2
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert. - c	E	Camomila, matracaria	Flor	Estômago, digestão	XI	20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burkart. - a	C	Arnica	Folha	Quebradura, machucadura	XIX	5
<i>Chaptalia mutans</i> (L.) Polack. - b	C	Arnica I	Folha	Machucadura	XIX	16
<i>Chrysanthemum cinerariaefolium</i> Vis. - a	B	Camomila	Folha, flor	Febre, dor de cabeça	XVIII	7
<i>Chrysanthemum parthenium</i> Bernhadi - a	B	Artemísia	Folha	Gripe	X	7
				Dentição nova	XI	7
				Febre	XVIII	4, 30
<i>Cichorium endivia</i> L. - c	E	Almeirão	Folha	Dor de dente	XI	4, 30
				Calmante	V	30
				Circulação	IX	20
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist. - a	B	Voadeira	Folha, raiz	Diabetes	IV	20
				Transtornos do rim	XIV	8
<i>Coreopsis grandiflora</i> Nutt. ex. Chapm. - c	E	Falsa camomila, camomila	Flor	Traumatismo	XIX	8
				Estômago, digestão	XI	20
<i>Cynara scolymus</i> L. - a	E	Alcachofra	Folha	Colesterol, obesidade	IV	17
				Diurético	XIV	17
<i>Eclipta alba</i> (L.) Hassk. - c	B	Erva-de-bicho-do- mato	Toda a planta	Hemorroidas	IX	21
				Hepatite	XI	21
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less. - a	B	Macela galega	Folha	Estômago	XI	12
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth - a,c	B	Safaiá-de-cavalo, fumo-bravo	Toda a planta, folha	Gripe, bronquite	X	7,21
<i>Eupatorium odoratum</i> L. - a	B	Arnicão, cruzeirinha, cruzinha	Folha	Malária, sarampo, disenteria, sarna	I	5,6,10
				Dores no corpo	XIII	6

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Coceira, piolho	XII	6, 10
				Antisséptico	XIX	10
<i>Eupatorium squalidum</i> DC. - c	B	Assa-peixe	Folha	Estômago, fígado, má digestão	XI	20
<i>Gochnatia polymorpha</i> Herb. Berol ex DC. - b	C	Candeia	Caule	Garganta	XVIII	15
<i>Helianthus annuus</i> L. - a	E	Girassol	Semente, folha	Derrame, nervos	VI	1,12,17
				Pneumonia, tosse comprida, solitária	I	2,17
				Bronquite, pulmões	X	8,17
				Coração	IX	17
				Febre	XVIII	17
				Estômago	XI	17
<i>Heterothalamus brunioides</i> Less. - B c	B	Alecrim-do-campo	Folha	Coração	IX	22
<i>Lactuca sativa</i> L. - b,c	E	Alface	Folha, raiz	Calmante	V	16,25
				Pressão alta	IX	25
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart. - c	C	Arnica	Folha, toda a planta	Contusões, machucados, picadas de insetos	XIX	24,25,27
<i>Matricaria chamomilla</i> L. - a,c	E	Camomila	Folha, flor	Dor de barriga, febre, dor de cabeça, vômito, tosse, insônia	XVIII	1,2,4,5,9,24,25,30
				Diarréia	I	1
				Intestino, estomacal, nascer de dente, azia	XI	1,4,25,28,29
				Gripe	X	1,28
				Hipotensor, pressão alta	IX	1,24
				Dor no corpo	XIII	2
				Calmante	V	24,25,28,30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Matricaria recutita</i> L. - a	E	Camomila	Folha, flor	Diarréia, vermes	I	8,12,13,17
				Dor abdominal, flatulência	XVIII	8,13
				Estômago	XI	12,13,17
				Gripe	X	12,17
				Enxaqueca	VI	17
				Infecção dos olhos	VII	17
				Pele	XII	17
<i>Matricaria vulgaris</i> Gray. - a	E	Camomila amarga	Folha, flor	Dispepsia, transtornos do fígado	XI	8
<i>Mikania glomerata</i> Spreng. - a,c	C	Guaco	Folha	Gripe, bronquite, asma	X	2,5,8,10,17,21,24
				Tosse, inflamação de garganta	XVIII	4,5,17,24,30
				Ácido úrico	XIV	5
				Reumatismo, dor muscular	XIII	5,17
				Coqueluche	I	8
				Arritmia cardíaca	IX	8
				Nevralgia	VI	17
				Picada de cobra	XIX	17
				Gripe, bronquite, pneumonia	X	28
				Dor de cabeça	XVIII	7
<i>Mikania laevigata</i> Sch. Bip. ex Baker - c	C	Guaco	Folha	Doença do sangue, anemia	III	8,13
				Transtornos do rim	XIV	8
				Furúnculo	XII	8
<i>Orthopappus angustifolius</i> Gleason - a	E	Safaiá-de-cavalo, sissuaiá	Folha			

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Pectis jangadensis</i> S. Moore - a	C	Erva-de-carregador, cintista	Toda a planta	Reumatismo	XIII	13
				Pressão alta	IX	7
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> Baker. - c	C	Coração-de-negro, assa-peixe-branco	Caule, folha, flor	Cãimbras	XIII	10
				Calmente	V	10
				Catapora, sífilis	I	23
<i>Pluchea quitoc</i> DC. - a,c	B	Quitoco	Folha, flor	Bronquite, gripe	X	23
<i>Pluchea sagitalis</i> (Lam.) Cabrera - a,c	B	Quitoco	Folha, toda a planta	Corrimento, infecção de útero e ovário	XIV	1,25
				Transtornos do fígado e estômago, gases	XI	8,17,21
				Reumatismo	XIII	17
				Varizes	IX	17
				Tosse	XVIII	17
				Bronquite, gripe	X	17
				Feridas	XIX	17
				Dismenorréia	XIV	21
				Hepatite	XI	8, 10
				<i>Porophyllum ruderale</i> Cass. - a,b	C	Picão branco, arnica-preta
<i>Pseudobrickellia brasiliensis</i> (Spreng.) R. M. King & H. Rob. - a	C	Arnica-do-campo	Folha, caule	Anemia	III	10
				Quebradura	XIX	16
				Dores no corpo	XIII	19
				Machucados	XIX	19

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Solidago chilensis</i> Meyen. - a,b,c	B	Arnica, erva lanceta, sabugueiro-amarelo	Folha, flor, raiz	Quebradura, machucadura, traumatismos, queda	XIX	2,8,12,16,17,20,21, 28
				Reumatismo, transtornos musculares	XIII	2,8,17,28
				Furúnculos	XII	12
				Gripe	X	28
<i>Solidago microglossa</i> DC. - b	B	Arnica-do-campo	Raiz	Distúrbios renais	XIV	14
<i>Soliva pterosperma</i> (Juss.) Less. - c	B	Marcelinha	Folha	Diarréia	I	21
<i>Sonchus oleraceus</i> L. - c	B	Serralha	Folha, raiz	Transtornos gástricos	XI	21
				Doença do sangue, depurativo	III	21,28
				Transtorno do fígado, digestivo	XI	21,28
				Infecção urinária	XIV	21
				Ferimentos	XIX	21
				Calmante	V	28
				Erisipela	I	28
<i>Spilanthes acmella</i> Murr. - a	B	Jambú, trememete	Folha	Estomacal, fígado, dor de dente	XI	1
<i>Tagetes minuta</i> L. - b	B	Cravo-de-defunto	Folha	Diurético	XIV	16
<i>Tagetes patula</i> L. - a,c	B	Cravo-de-defunto	Toda a planta, folha	Piolho	XII	17
				Parasiticida, vermífugo	I	17
				Infecção do útero	XIV	17
				Bronquite, asma, gripe	X	17,28
				Tosse	XVIII	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Tanacetum parthenium</i> Sch. Bip. - c	E	Artemíjio, artimijo	Flor, folha	Calmante	V	17
				Diarréia	I	21
<i>Tanacetum vulgare</i> L. - a	E	Catinga-de-mulata	Folha, flor	Dismenorréia	XIV	21
				Digestivo, fígado	XI	17
				Menstruação	XIV	17
				Vermífugo	I	17
<i>Taraxacum officinale</i> Weber - a,c	E	Dente-de-leão	Raiz, folha	Machucados	XIX	29
				Infecção urinária	XIV	17
				Fígado	XI	17
				Depurativo, anemia	III	17,28
				Escorbuto, diabetes	IV	17
				Cérebro	VI	17
				Olhos	VII	17
				Feridas	XIX	17
				Calmante	V	28
				Osteoporose	XIII	28
				<i>Vernonia brasiliiana</i> Druce. - a	C	Assa-peixe
<i>Vernonia condensata</i> Baker. - c	B	Boldo, assa-peixe	Folha	Quebradura	XIX	5
				Estômago, fígado	XI	20,21,25,28
<i>Vernonia ferruginea</i> Less. - a,c	C	Assa-peixe, assa-peixe-branco	Folha, caule, raiz, flor	Dor de cabeça	XVIII	25
				Gripe, bronquite, pneumonia, pulmão, asma	X	1,3,8,10,12,13,17,21, 22, 24
				Tosse, febre, rouquidão	XVIII	2,3,4,10,11,13,17,30
				Feridas, machucados	XIX	3,8,17,24
				Dor no corpo	XIII	3,17
				Hemorróidas	IX	9,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Vernonia polyanthes</i> Less. - a,c	C	Caferana, assa-peixe	Folha	Pneumonia	I	1,12
				Diurético	XIV	17
				Icterícia	XVI	17
				Depurativo do sangue	III	24
				Dor de estômago, vômito, tosse, febre	XVIII	2,3,5,7,13,28,30
				Fígado, nascer de dente	XI	2,4,5,10,13
				Ofensa de cobra	XIX	2
				Piolho	XII	5
				Diarréia, disenteria	I	5, 10
				Dor no sangue	III	9
				Derrame	VI	9
				Obesidade	IV	10
				Gripe, bronquite	X	28
				Reumatismo	XIII	28
<i>Vernonia scabra</i> Pers. - a,b	B	Assa-peixe	Raiz	Abortiva	XV	29
				Rouquidão	XVIII	7
				Bronquite	X	7,16
				BALSAMINACEAE		
<i>Impatiens balsamina</i> L. - a,c	E	Beijo, beijo-branco, bálsamo-de-jardim	Flor, folha	Diarréia	I	12
				Infecção de útero e ovário	XIV	21
				Olhos	VII	25
				Ouvido	VIII	25
				Estômago	XVIII	25
BEGONIACEAE						
<i>Begonia aconitifolia</i> A.D.C. - c	B	Begônia	Flor	Corrimento vaginal	XIV	29

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
BIGNONIACEAE						
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex Souza - a,b,c	C	Verga-teso, catuaba, alecrim do cerrado	Raiz, caule, folha	Corrimento, diurético	XIV	1,10,15
				Afrodisíaco, impotência, ansiedade	V	5,8,15,17,19,22,24, 25
				Anemia	III	5
				Hipertensão	IX	8
				Fadiga, febre, insônia	XVIII	8,11,25
				Enxaqueca, sistema nervoso	VI	11,17,24,25
				Dores no corpo, dor na coluna	XIII	11,16
<i>Anemopaegma glaucum</i> Mart. ex D.C. - a	C	Alecrim do campo fêmea, vergatesa	Folha, raiz	Doenças venéreas	I	22
				Impotência	V	8,17
				Fadiga	XVIII	8
<i>Arrabidaea chica</i> (Humb & Bonpl.) Verl. c	C	Anemia	Folha	Sistema nervoso	VI	17
				Leucemia	II	21
<i>Crescentia cujete</i> L. - a	B	Coité, cabaça- coite	Caule, folha	Anemia	III	21
				Abortivo	XV	10
				Gripe, resfriado	X	13
				Febre, tosse, dor de barriga	XVIII	13
				Intestino, prurido anal	XI	13
Depurativo do sangue	III	13				
Tuberculose, verme	I	13				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Cybistax antisiphylitica</i> Mart. - a	C	Pé-de-anta, mão-de-anta	Raiz, folha, caule	Enxaqueca	VI	6
				Inflamação dos rins	XIV	6
				Dor de cabeça, hipertermia	XVIII	7,8,10
				Resfriado, bronquite, alergia respiratória	X	8,17
				Nervoso, irritação	V	10
				Doença circulatória, pressão alta	IX	10
<i>Jacaranda caroba</i> DC. - b	C	Carobinha	Raiz	Dores nas costas	XIII	13
				Depurativo do sangue	III	15
				Diabetes, colesterol	IV	15
				Fígado	XI	15
				Reumatismo	XIII	15
				Pressão alta	IX	15
				Inflamação na próstata e ovário	XIV	15
				Sífilis, sarna	I	15
				Derrame	VI	15
				Hipercolesterolemia, sangue	III	8,16
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart. - a,b	C	Carobão	Raiz	Hipertensão	IX	8
				Furúnculo, acne	XII	8
				Coração, hipertensão	IX	2,8,10,17
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham. - a,c	C	Carobinha, carovinha	Raiz, caule, folha	Coceira, furúnculo, acne, pele	XII	2,8,17,19

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Lepra, doença venérea, ameba, giárdia	I	2,12,16
				Sangue, hipercolesterolemia, anemia, depurativo	III	2,7,8,13,17,19,27,29
				Diabetes	IV	8
				Reumatismo	XIII	8,13,22
				Transtornos do fígado	XI	8
				Cicatrizante, feridas	XIX	10,17
				Pedra nos rins, infecções ginecológicas	XIV	13,27
<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso. - a	C	Carobinha	Caule	Verme, sífilis, leishmaniose	I	5
				Doenças de pele, coceira	XII	5
				Dores reumáticas	XIII	5
				Feridas	XIX	5
<i>Jacaranda semisserrata</i> Cham. - a	B	Carobinha	Caule, raiz	Depurativo do sangue, hipercolesterolemia	III	1,8
				Coceira, furúnculo, acne	XII	1,8
				Nascer de dente, fígado	XI	1,8
				Ferida no corpo	XIX	1
				Diabetes	IV	8
				Hipertensão, hemorróidas	IX	8, 10
				Reumatismo	XIII	8
				Diurético, inflamação de útero e ovário	XIV	13
<i>Jacaranda ulei</i> Bureau & K. Schum. - a,c	C	Carovinha-mirim, carobinha, carabo-de-goiás	Caule, folha, raiz	Inflamação vaginal	XIV	7
				Feridas	XIX	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Depurativo	III	25
				Coceira	XII	25
<i>Memora nodosa</i> Miers. - c	C	Carobinha	Caule	Sarna	I	24
<i>Pyrostegia venusta</i> Miers - a	C	Cipó de são joão	Flor	Dor de ouvido	VIII	5
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) S. Moore - a	C	Paratudo/caraíba	Raiz, caule	Pneumonia, gripe	X	2
				Febre, tosse	XVIII	2,7
				Anemia	III	4,8,13,30
				Gastrite, úlcera, hepatite, dor de dente	XI	5,8
				Verme	I	7,8
				Icterícia	XVI	8
				Reumatismo	XIII	13
<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb. - b	C	Ipê-roxo	Caule	Tuberculose	I	14
				Febre	XVIII	14
<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau - a	C	Para-tudo, craíba, ipê-amarelo	Caule	Tosse,rouquidão	XVIII	1, 10
				Bronquite, resfriado	X	1,11
				Estômago, úlcera	XI	3,12
				Anemia	III	3,10,11
				Machucaduras	XIX	3,29
				Verme, bacteriose	I	10,11,12
				Reumatismo	XIII	12
				Útero	XIV	29
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo - a	C	Ipê-roxo	Caule	Reumatismo, coluna	XIII	1,2,5
				Inflamação de dente, úlcera, estômago	XI	4,17,30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Depurativo	III	5,17,19
				Câncer	II	5,13,17
				Diarréia, doenças venéreas, infecção	I	5,19
				Machucados, cicatrizante, feridas	XIX	5,17
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8,17,29
				Diabetes	IV	17
				Pulmão	X	29
				Tosse	XVIII	29
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Toledo - a	C	Ipê	Caule	Gastrite	XI	6
<i>Tabebuia ochracea</i> (Mart.) Standl. - a,c	C	Paratudo, ipê-amarelo, ipê-tabaco	Caule, flor	Parasitose, vermífugo, sífilis	I	8,17,23
				Anemia	III	8,17
				Hepatite	XI	8
				Icterícia	XVI	8
				Câncer	II	13
				Tosse	XVIII	17
				Sinusite	X	17
				Cabelo	XII	17
<i>Tabebuia roseo-alba</i> (Ridl.) Sandwith - a	C	Pertinga	Caule, raiz	Estômago	XI	6
<i>Tabebuia serratifolia</i> Nicholson - a	C	Piúva-amarela, pau-d'arco	Caule, raiz, flor	Gastrite	XI	6
				Sífilis	I	23
<i>Tynanthus elegans</i> Miers - a	C	Cipó cravo	Raiz	Digestivo, gases	XI	17
				Afrodisíaco	V	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Tosse	XVIII	17
				Sífilis	I	17
<i>Tynanthus fasciculatus</i> Miers. - a	B	Cipó-cravo	Caule	Afrodisíaco	V	12
<i>Zeyhera digitalis</i> (Vell.) Hochn. - c	C	Bolsa-de-pastor	Caule	Sífilis, blenorragia	I	24
BIXACEAE						
<i>Bixa orellana</i> L. - a, b, c	B	Urucum	Folha, flor, semente, raiz, fruto	Nascer de dente, extração de dente	XI	1,14
				Colesterol	IV	2,5,10,11
				Coração, hipertensão, hemorróidas	IX	2,7,8,13,17,28
				Queimadura	XIX	2
				Bronquite, asma, resfriado, pneumonia	X	2,4,5,11,12,17,28
				Febre, infecção de garganta, tosse	XVIII	2,21,30
				Anemia, depurativo do sangue	III	5,13,28
				Problemas de pele	XII	10
				Coluna	XIII	12
				Sarampo, tuberculose	I	12,17
				Ácido úrico, rins	XIV	13,28
<i>Cochlospermum insigne</i> A. St.-Hil. - c	C	Algodão do campo	Raiz	Problemas ginecológicos	XIV	28
<i>Cochlospermum regium</i> Pilger - a, b, c	C	Algodãozinho-do-mato	Folha, raiz	Dor de bexiga e urina, corrimento, inflamação de útero, próstata	XIV	1,2,8,10,15,22,24,27
				Anti-acne, inflamação da pele	XII	1, 10,15
				Depurativo do sangue	III	1,2,3,15,17,19,25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Ferida, antisséptico	XIX	2, 10,15
				Reumatismo	XIII	2
				Gonorréia, infecção, purgativo, diarreia	I	8,19,22,24,25
				Intestino, úlcera, gastrite	XI	10,17,27
				Inflamação pós-operatória	XV	10
				Distúrbios circulatórios	IX	10
				Colesterol	IV	15
BORAGINACEAE						
<i>Cordia glabrata</i> A.D.C. - a	C	Louro	Caule, folha	Reumatismo, dores na coluna	XIII	8
				Tosse	XVIII	11
<i>Cordia insignis</i> Cham. - a	C	Calção-de-velho	Raiz	Dor nos rins	XIV	7, 10
				Hemorróidas, pressão alta	IX	8, 10
				Artrite, reumatismo	XIII	10
				Contusões	XIX	10
				Gases intestinais, gastrite	XI	10
				Icterícia	XVI	10
				Obesidade	IV	10
<i>Heliotropium indicum</i> L. - a	B	Crista-de-galo, carrapicho	Folha	Gripe	X	2
				Feridas	XIX	7
				Problemas do coração	IX	19
				Micoses	I	19
<i>Symphytum asperrimum</i> Donn - c	E	Confrei	Folha	Cicatrizante	XIX	20,25
				Pele, caspa	XII	25
<i>Symphytum officinale</i> L. - a,b,c	E	Confrei	Folha	Gripe	X	1

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Machucados, picada de insetos, cicatrizante, queimaduras	XIX	2,5,7,8,12,16,17,25,28
				Cólica, corrimento, inflamação do útero, rins	XIV	1,5,8,17,19
				Câncer, câncer de boca	II	2,4,12,17,28,30
				Úlcera, estômago	XI	2,5,17,28
				Diabetes	IV	2,17
				Depurativo do sangue	III	7,8,13,17
				Reumatismo	XIII	7
				Hemorróidas, pressão alta	IX	7,13
				Dor de barriga	XVIII	12
				Abcesso	XII	17
				Erisipela	I	17
BRASSICACEAE						
<i>Brassica integrifolia</i> O.E. Schulz. - a	E	Mostarda	Semente	Derrame	VI	12
<i>Brassica oleracea</i> L. - a,c	E	Couve-branca, couve	Folha, semente	Úlcera, gastrite	XI	2,5,8,17,20
				Doenças respiratórias	X	17
				Anemia	III	17
				Feridas, cicatrizante	XIX	17
				Vermífugo	I	17
<i>Brassica rapa</i> L. - c	E	Couve	Folha	Úlcera, gastrite	XI	28
				Anemia	III	28
<i>Capsella bursa-pastoris</i> Medik. - c	E	Panacéia	Folha	Disenteria	I	24
<i>Cleome spinosa</i> Jacq. - a	E	Quicendê	Flor	Estômago	XI	7
				Vômito	XVIII	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Lepidium virginicum</i> L. - a	B	Agrião, mastruz	Folha	Gripe Fígado Dor na urina	X XI XIV	1,9 1 9
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br. - a,b,c	E	Agrião	Folha, caule, raiz, toda a planta	Fígado, hepatite Tireóide, colesterol Gripe, bronquite Lepra, leishmaniose, tuberculose Tosse Cérebro Cabelo Anemia	XI IV X I XVIII VI XII III	2,5,17,21,25 2,17 5,12,16,17,21,27 5 5,25 17 17 17
BROMELIACEAE						
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. - c	C	Abacaxi	Folha, fruto	Gripe Febre, dor de garganta	X XVIII	20 20
<i>Ananas sativus</i> Schult. - a	B	Abacaxi	Fruto, folha	Gripe, bronquite Tosse, dor de garganta, dor de barriga Verme	X XVIII I	3,17 3,17,19 19
<i>Bromelia balansae</i> Mez. - a	C	Gravatá	Folha, fruto	Bronquite, asma Pneumonia Tosse, inflamação de garganta Depurativo do sangue Rins Abortivo	X I XVIII III XIV XV	3,8,17 8 17 17 17 17
BURSERACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Protium heptaphyllum</i> March. - a	C	Amescla, pau de breu, amesca	Fruto, caule, folha	Vitamina	IV	6
				Tosse, dor de cabeça, febre	XVIII	6,10,11,13
				Dores no peito, reumatismo	XIII	6,12
				Bronquite, sinusite	X	8,13
				Depurativo do sangue	III	12
CACTACEAE						
<i>Cereus giganteus</i> Engelm. - c	B	Mandacaru	Caule	Bronquite, gripe	X	28
<i>Cereus jamacaru</i> D.C. - a	C	Mandacaru	Caule	Gripe, asma, bronquite	X	17
				Tosse	XVIII	17
				Reumatismo, gota	XIII	17
				Furúnculos, abscessos, verrugas	XII	17
				<i>Cereus peruvianus</i> (L.) Mill. - a	C	Merunbeva, cactus
<i>Discocactus heptacanthus</i> Britton & Rose - a	C	Croatá-de-frade, coroa de frade	Caule	Coração	IX	17
				Digestivo	XI	17
				Sinusite, bronquite	X	7, 10
				Furúnculo	XII	8
CANNABACEAE						
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg. - c	B	Esporão-de-galo, esporão	Folha, raiz	Rins, infecção urinária	XIV	21
<i>Celtis pubescens</i> (Kunth.) Spreng. - a	B	Cruzeirinho	Folha	Febre	XVIII	9
				Disenteria	I	9
				Inflamação dos rins	XIV	9

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Celtis spinosa</i> Spreng. - a	B	Grupiá, gurupiá	Fruto	Rins	XIV	6
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume - a	B	Periquiteiro	Caule	Disenteria	I	10
CANNACEAE						
<i>Canna indica</i> L. - c	B	Embiri	Raiz	Rins	XIV	21
				Reumatismo	XIII	21
CARICACEAE						
<i>Carica papaya</i> L. - a,c	E	Mamoeiro	Folha, fruto, semente, flor	Estomacal, digestivo, inflamação de dente, hepatite	XI	1,4,9,10,12,17,19,20, 28, 29,30
				Vermífugo	I	1,5,9,10,17,20,29
				Gripe, bronquite	X	1,5,12,19,28
				Derrame	VI	2
				Tosse, dor no estômago, dor de cabeça, garganta, vômitos	XVIII	2,5,12,19,28
				Diabetes, colesterol	IV	2,17,28
				Feridas	XIX	5
				Infecção de útero, dor de urina, diurético	XIV	5,7,28
				Icterícia	XVI	7
				Pressão alta	IX	7,10,17
				Verruga, pele	XII	17,29
				Labirintite	VIII	28
CARYOCARACEAE						
<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil. - a,c	C	Pequi	Folha	Inchaço nas pernas, reumatismo	XIII	1,8
				Tosse	XVIII	4, 10,30
				Bronquite, resfriado, pulmão	X	5, 20,26,28
				Feridas	XIX	19

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm - c	C	Pequi	Fruto, folha	Diabetes	IV	25,28
				Coceiras	XII	25
				Menstruação	XIV	26
				Bronquite, gripe	X	23,24
				Tumores	II	23,24
				Regulador menstrual	XIV	23
CELASTRACEAE						
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.ex Reissek. - a, b,c	C	Cancerosa, espinheira-santa	Folha, toda a planta	Afta, gastrite, úlcera, gases, estômago	XI	4,8,9,17,24,30
				Feridas, cicatrizante	XIX	4,14,17,24
				Neoplasmas, câncer	II	8,29
				Doença do sangue	III	8,17
				Hemorróidas	IX	8
				Pele	XII	8,17
				Fadiga, hipertermia, dor abdominal	XVIII	8,14
				Infecção urinária	XIV	8
<i>Salacia crassifolia</i> (Mart.) G. Don. - Bc	B	Bacupari-do-cerrado	Folha	Tumores	II	26
				CLUSIACEAE		
<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess. - a	C	Guanandi	Folha	Pressão alta, hemorróidas	IX	13
				Ácido úrico	XIV	13
				Depurativo do sangue, anemia	III	13
				Reumatismo	XIII	13
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. - a,c	C	Pau-santo, pau-doce	Caule, raiz	Dor de barriga	XVIII	1,2
				Olhos	VII	23,24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Dor de dente	XI	23
				Vermífugo	I	23,24
<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess. - c	C	Pau-santo	Caule, raiz	Olhos	VII	23
				Disenteria, verme	I	23
<i>Rheedia brasiliensis</i> Planch. & Triana - a	B	Bacuri	Folha	Inflamação da pele	XII	13
				Feridas	XIX	13
COMBRETACEAE						
<i>Buchenavia reticulata</i> Eichler - a	B	Pioneira	Folha	Hemorróidas	IX	5
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler - a	C	Tarumarana	Folha	Feridas	XIX	13
				Inflamação da pele	XII	13
<i>Terminalia argentea</i> Mart. - a,c	C	Capitão, macruá	Caule	Tosse	XVIII	2,7
				Gripe	X	2,19
				Coluna	XIII	23
				Purgativo	I	23
COMMELINACEAE						
<i>Commelina nudiflora</i> L. - a	B	Trapoeira-roxa	Caule	Bexiga	XIV	2
<i>Dichorisandra hexandra</i> Standley - a	C	Cana-de-macaco	Raiz	Infecção nos rins	XIV	6
				Febre	XVIII	6
				Icterícia	XVI	6
<i>Tradescantia zebrina</i> Bosse. - a	B	Trapoeira rocha	Folha	Diurético, infecção urinária	XIV	5
CONNARACEAE						
<i>Connarus suberosus</i> Planch. - c	C	Bico de louro	Folha	Intestino	XI	23
CONVOLVULACEAE						
<i>Evolvulus pterygophyllus</i> Mart. - a	C	Algodãozinho	Raiz	Hemorróidas	IX	5
				Inflamação no útero e ovário	XIV	5

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir. - a,b,c	B	Batata-doce	Folha	Tumor	II	5
				Queda de cabelo, furúnculo	XII	1,28
				Dor estomacal, dor de dente	XI	1,4,5,7,10,12,16,17, 28,30
				Cólica de rins	XIV	1
				Ferida, picada de insetos	XIX	5
				Dor de ouvido	VIII	5
				Colesterol	IV	5
				Erisipela	I	12
				Garganta	XVIII	17
				Dores nas pernas	XIII	17
				Tumores	II	17
<i>Ipomoea operculata</i> Mart. - c	B	Batata de purga	Raiz	Vermífugo	I	27
<i>Ipomoea palmato-pinnata</i> Benth.& Hook. - c	C	Amaroleite, maroleite	Raiz	Depurativo do sangue	III	27
<i>Operculina alata</i> (Ham.) Urb. - a	C	Batata-amareloite, batata-de-Tiú	Raiz	Purgativa, vermífugo, doenças venéreas	I	1,7,8,17
				Depurativo	III	1
				Hemorróidas	IX	8
				Furúnculos, acne	XII	8,17
				Reumatismo	XIII	8,17
				Picada de cobra	XIX	8,17
				Infecção de garganta	XVIII	17
				Depurativo do sangue, doença do sangue	III	2,8,17,19,21
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb. - a,c	C	Amaro-leite, jalapa, batata-de-purga	Raiz			

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Pneumonia, gripe	X	2,19
				Verme, doenças venéreas, prevenção de meningite	I	2,8,17,19
				Constipação	VII	8,17
				Hemorroidas, pressão alta	IX	8, 10
				Acne, furúnculos	XII	8
				Intestino	XI	10
				Reumatismo	XIII	17
				Infecção do útero e ovário	XIV	21
COSTACEAE						
<i>Costus arabicus</i> L. - a	C	Cana de macaco	Toda a planta, caule	Diurético, insuficiência renal, rins	XIV	2,5,8,17,19
				Gonorréia, sífilis	I	8,17
				Tumores	II	17
				Coração	IX	17
<i>Costus spicatus</i> Sw. - a,c	B	Cana do brejo, cana-de-macaco, caninha azeda	Folha, caule	Gonorréia, sífilis	I	8,17,21
				Insuficiência renal, menstruação, pedra nos rins	XIV	1,8,9,17,21,24,27
				Feridas, contusões	XIX	17,24
				Dor de barriga	XVIII	1
<i>Costus spiralis</i> Roscoe - a,c	C	Cana-do-brejo, caninha-do-brejo, pracovar	Caule, folha, flor, sementes, toda a planta	Inflamação do útero, rins, diurético	XIV	7,11,20,28
				Dores, reumatismo	XIII	7,27
				Fígado, gastrite	XI	20,28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Gripe	X	28
				Diabetes	IV	28
CRASSULACEAE						
<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb. - a	E	Folha da fortuna	Folha	Bronquite, asma	X	8,17
				Transtornos do rim, cálculos renais	XIV	8,17
				Infecção de pele, frieiras	XII	8,17
				Picada de inseto, feridas	XIX	8,17
				AIDS	I	17
				Tosse	XVIII	17
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken - a,c	E	Fortuna, folha da fortuna, folha-santa	Folha	Erisipela	I	7
				Distúrbios respiratórios, bronquite, faringite	X	11,21
				Conjuntivite	VII	21
				Queimaduras	XIX	21
<i>Cotyledon orbiculata</i> L. - c	E	Bálsamo	Folha	Úlcera, gastrite, estômago	XI	28
				Dor do ouvido	VIII	28
				Olhos	VII	28
				Ferimentos	XIX	28
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln. - c	E	Folha-santa	Folha	Câncer	II	20
				Gripe	X	20
				Dor de cabeça	XVIII	20
				Cicatrizante	XIX	20
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess - a,c	E	Folha-santa, saião	Folha	Dor de barriga, dor de cabeça	XVIII	1,2
				Câimbra de sangue	III	1

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Infecção ocular	VII	1
				Dor de dente, estômago, gastrite	XI	1,28
				Cicatrizante	XIX	2
				Dor do ouvido	VIII	5
				Infecção	I	19
				Gripe	X	28
				Rins, útero	XIV	28
<i>Kalanchoe gastonis-bonnierei</i> Raym. Hamet & H. Perrier - a	E	Saião	Folha	Pulmão	X	12
CUCURBITACEAE						
<i>Cayaponia tayuya</i> Cogn. - a,c	C	Batata-de-Taiuiá, taiuiá, toiá	Raiz, folha, fruto	Depurativo do sangue, doença do sangue	III	17,21
				Digestão, fígado	XI	17
				Malária, sífilis, vermífugo, tênia	I	17,21
				Diabetes	IV	17
				Pele	XII	17
				Dores reumáticas	XIII	21
<i>Cayaponia trilobata</i> Cogn. - a	B	Abóbora D'anta	Folha	Anemia	III	17
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad. - a,b	E	Melancia	Semente	Pneumonia	X	1
				Cólicas menstruais, bexiga	XIV	14, 17
				Vômito	XVIII	14
				Vermífugo	I	17
				Pressão alta	IX	17
<i>Cucumis sativus</i> L. - a	E	Pepino	Fruto	Pressão alta	IX	29
<i>Cucurbita citrullus</i> L. - b,c	E	Melancia	Semente, folha	Pneumonia	X	16
				Febre	XVIII	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne - a	E	Abóbora	Semente	Verminose	I	11
<i>Cucurbita odorifera</i> Vell. - a	E	Melão croá	Semente	Pneumonia, bronquite	X	17
<i>Cucurbita pepo</i> L. - a,c	E	Abóbora, jerimum	Caule, semente, folha, flor	Verme, erisipela	I	2,3,5,9,13,17,19,20
				Cólica menstrual, diurético	XIV	2,5,17
				Febre	XVIII	17
				Infecção intestinal, gases	XI	3,13
				Cicatrizante	XIX	17
				Bronquite	X	28
<i>Luffa operculata</i> Cogn. - a,c	C	Buchinha, cabacinha, chuchu	Fruto, folha	Sinusite	X	1,2,5,7,8,12,17,25, 27,28
				Dor de cabeça	XVIII	7,19
				Malária	I	17
				Aborto	XV	17
				Pressão alta	IV	25
				Útero	XIV	28
<i>Momordica charantia</i> L. - a,c	E	Melão-de-São-Caetano	Folha, toda a planta, fruto, semente	Dengue, malária, verme, desintéria, gonorréia, vermífugo, diarreia	I	1,2,3,5,6,7,8,9,10, 11,17, 19,21,25,29
				Coceira, piolho	XII	2,6,8,9,10
				Dor de cabeça, tosse, febre	XVIII	3,6,11,17,25
				Machucados, queimaduras, feridas	XIX	6,17,19
				Estômago, fígado, cirrose	XI	7, 10,12,21,28
				Gripe	X	12
				Hipoglicemia, diabetes	IV	17,18
				Menstruação, leucorréia	XIV	17,21

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Sechium edule</i> Sw. - a,c	B	Chuchu	Folha, fruto	Tumores	II	17
				Hemorróidas	IX	17
				Abortivo	XV	28
				Pressão alta, hemorróidas	IX	1,2,17,28,29
				Diurético	XIV	17
				Obesidade	IV	17
				Gastrite	XI	17
<i>Sicana odorifera</i> Naudin - c	B	Croá	Semente	Depressão	V	28
				Derrame	VI	21
				Pneumonia, bronquite, efisema	X	21
				CYPERACEAE		
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clark - a,c	C	Capim-barba-de-bode	Folha, raiz, toda a planta	Nascer de dente	XI	4
				Dores na coluna, reumatismo	XIII	7,8
				Insuficiência renal, bexiga	XIV	8,25
				Gripe, resfriado	X	11,22,30
<i>Bulbostylis paradoxa</i> (Spreng.) Lindm. - c	C	Barba de bode	Folha	Dor de cabeça, febre	XVIII	11,22
				Gripe	X	24
<i>Bulbostylis spadiceus</i> (H.B.K.) Kuk. - a	B	Capim-barba-de-bode	Folha	Febre	XVIII	24
<i>Cyperus rotundus</i> Kunth.- c	B	Tiririca	Toda a planta	Gravidez	XV	9
				Diarréia	I	28
				Diurético	XIV	28
				Dor articular	XIII	28
				Sangue	III	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
DILLENIACEAE						
<i>Curatella americana</i> L. - a,c	C	Lixeira, sambaíba	Caule, folha, flor, fruto	Cólica menstrual, rins	XIV	3, 10,13,28
				Diarréia, doenças venéreas	I	3,13
				Dor de barriga, tosse, febre	XVIII	7,9,17
				Dores musculares	XIII	8, 10
				Bronquite, resfriado, asma, gripe	X	9,17,24
				Congestão, úlceras	XI	10,24
				Hipoglicemia	IV	18
				Enxaqueca	VI	23
				Feridas, cicatrizante	XIX	23,24
<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil. - a,c	C	Lixinha, sambaibinha	Folha, fruto, raiz	Dores musculares	XIII	8
				Ferimentos	XIX	23
				Hemorróidas	IX	23
<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitzki - a	C	Lixeirinha, lixinha	Folha,caule	Veneno de cobra, feridas	XIX	5,9
				Diarréia, tuberculose, verme	I	5,13
				Dor de dente, prurido anal	XI	5,13
				Dores musculares	XIII	8
				Depurativo do sangue	III	13
				Dor de barriga	XVIII	13
				Estimulante	V	19
EQUISETACAE						
<i>Equisetum arvense</i> L. - a	E	Cavalinha	Folha	Hipercolesterolemia, depurativo do sangue	III	8,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Infecção urinária, rins, próstata	XIV	8,17
				Reumatismo, dores nas costas	XIII	8
				Digestivo	XI	17
				Câncer	II	17
				Tuberculose	I	17
<i>Equisetum giganteum</i> L. - b	E	Cavalinha	Folha	Rins, bexiga	XIV	15
				Fígado	XI	15
				Olhos	VII	15
				Depurativo do sangue	III	15
ERIOCAULACEAE						
<i>Paepalanthus speciosus</i> (Bong.) Koern. - a	C	Canela-de-ema	Caule, folha	Fígado, estômago	XI	9
ERYTHROXYLACEAE						
<i>Erythroxylum anguifugum</i> Mart. - a	C	Lixeirinha, brinco-verde	Raiz	Machucadura	XIX	7
<i>Erythroxylum suberosum</i> A. St.-Hil. - a,c	C	Cabelo-de-negro, mercúrio-do-campo	Caule	Abortivo	XV	1
				Cicatrizante	XIX	23
EUPHORBIACEAE						
<i>Chamaesyce caecorum</i> (Boiss.) Croizat. - a	C	Sete sangrias, ponta-lívia	Toda a planta	Icterícia	XVI	5
				Amarelão	I	5
				Colesterol	IV	5
				Gripe	X	29
				Calmente	V	29

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millsp. - a,c	C	Sete-sangria, erva-cidreira, leiteira, erva-de- Santa-Luzia	Caule, folha	Ferida	XIX	1
				Gripe	X	20
				Disenteria	I	21
<i>Croton adenodontus</i> Müll. Arg.- c	C	Alcaforeira	Raiz, folha	Olhos	VII	24
				Má digestão	XI	24
<i>Croton antissiphiliticum</i> Mart. - a	B	Curraleira	Raiz, folha	Inflamação de dente	XI	4,3
				Corrimento, inflamação do útero e ovário	XIV	7,8,10
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart. - a,c	C	Carijó, pé-de- perdiz, alcanforeira	Folha, raiz, caule	Doenças venéreas, sífilis	I	9,22
				Reumatismo	XIII	22
				Depurativo	III	25
				Infecção ginecológica	XIV	27,28
				Gripe	X	28
				Ferimentos	XIX	28
				Feridas	XIX	16
<i>Croton floribundus</i> Spreng. - b	C	Sangra-d'água	Caule, semente	Corrimento, útero, ovário	XIV	1, 10,17
				Úlcera	XI	1,17
<i>Croton salutaris</i> Casar. - a	C	Sangra-d'água	Semente, caule	Cicatrizante, feridas	XIX	1, 10,17
				Doenças venéreas	I	10
				Anemia	III	13
				Reumatismo	XIII	13
				Tumores	II	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Croton urucurana</i> Baill. - a,c	C	Sangra-d'água, urucurana-do-brejo	Caule	Ferida no útero, corrimento, ovário	XIV	2,7,19,21,24
				Afta, gastrite, úlcera	XI	2,4,7,21,25,28,30
				Mioma, câncer	II	2,24
				Feridas, cicatrizante	XIX	2,7,19,21,27
				Coceira	XII	2
				Anemia	III	7
				Hanseníase	I	7
<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L. - a	B	Sete-sangria	Folha, toda a planta	Hemorroidas	IX	21
				Nascer de dente, gastrite, úlcera	XI	4,7,30
				Pressão alta, coração, arteriosclerose	IX	7,8,17
				Dor no olho	VII	7
				Hipercolesterolemia, depurativo do sangue	III	8,17
				Doença do cérebro vascular	VI	8
				Rins	XIV	17
				Doenças venéreas	I	17
				Colesterol	IV	17
				<i>Euphorbia tirucalli</i> L. - a	B	Cancerosa-macho, jungo, avelós
Inflamação pós-operatória	XV	7				
Afrodisíaco	V	7				
Asma	X	17				
Vermífugo, sífilis	I	17				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Jatropha curcas</i> L. - a,c	B	Pinhão, pinhão-branco	Caule, folha	Verruga	XII	17
				Cólica	XIV	28
				Dor de barriga, febre	XVIII	7, 20
				Doenças venéreas, erisipela	I	11
				Feridas	XIX	11
<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl.) Oken. - a,b	C	Batata-de-tiú, purga de lagarto, jalapa	Raiz	Gripe	X	20
				Furúnculos, verruga	XII	21
				Reumatismo no sangue	III	1,8,14
				Mordida de cobra, feridas	XIX	1,2,3,7
				Doenças venéreas, purgativo	I	1, 10
				Hemorroidas, coração	IX	5,8,10,14
				Transtornos da pele, coceira	XII	8,9
				Intestino	XI	10
				Diabetes	IV	14
				Derrame	VI	14
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. - a,c	C	Pinhão-roxo	Folha, caule, semente	Dor de estômago	XVIII	14
				Ferida, ferimentos múltiplos	XIX	1,2,8,9,10
				Dor de dente	XI	1
				Vermífugo	I	1
				Derrame	VI	7, 10
				Urticária, verruga	XII	8, 10,21
				Febre	XVIII	9
				Dor no corpo	XIII	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Jatropha multifida</i> L. - c	B	Bálsamo	Folha	Cicatrizante	XIX	20
<i>Jatropha pohliana</i> Müll. Arg. - a	B	Pinhão branco	Caule, semente	Dor de dente	XI	10
				Feridas	XIX	17
				Purgante, vermífugo	I	17
				Constipação	VII	17
<i>Jatropha urens</i> L. - a	B	Cansanção, urtiga-branca	Folha, caule, raiz	Infecção nos rins	XIV	1
				Dor de dente	XI	7
				Reumatismo	XIII	8
<i>Manihot esculenta</i> Crantz. - a,c	C	Mandioca	Raiz, folha	Dor de barriga, febre, insônia	XVIII	2,9,17
				Feridas, picadas de insetos	XIX	5, 10,12
				Problemas de estômago	XI	7,9
				Anemia	III	10,17,20,21
				Furúnculos, manchas na pele	XII	17
				Micoses	I	17
				Desnutrição	IV	17,21,29
				Hemorroidas	IX	17,21
				Calmente	V	17
<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Poit. - a	B	Crave	Caule	Cravo, espinha, piolho	XII	5
<i>Ricinus communis</i> L. - a,c	E	Mamona, carrapateira	Semente, fruto, folha	Purgativo, pneumonia, tétano, vermífugo	I	1,12,17
				Cólica de intestino, intestino preso	XI	2,12,20
				Transtornos respiratórios, gripe, bronquite	X	3,8,10,17,25
				Queimaduras, quebraduras	XIX	5,12

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Infecção vaginal	XIV	5
				Constipação	VII	8
				Alopécia, furúnculo, queda de cabelo, pele	XII	8,11,17,21
				Rouquidão, tosse	XVIII	11,17
				Hemorragia umbilical	XVI	21
FABACEAE - CAESALPINOIDAE						
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. - a,c	C	Jucá, pau ferro	Caule, semente, flor, fruto	Reumatismo, dor na coluna	XIII	5,8,17
				Feridas, ferimentos múltiplos	XIX	8,11
				Depurativo do sangue	III	17
				Diabetes, gota	IV	8,17,28
				Sífilis	I	17
				Bronquite, pneumonia	X	8
				Úlcera gástrica, gastrite, inflamação do útero e ovário	XI	8
				Retenção urinária	XIV	8
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw. - a	B	Barba-de-barata, flaboianzinho	Folha, flor, semente	Infecção de garganta	XVIII	1
				Coração	IX	5
<i>Cassia desvauxii</i> Collad. - a	B	Sene	Folha	Intestino	XI	10
				Purgativo	I	10
<i>Cassia occidentalis</i> L. - a,c	B	Fedegoso	Raiz, folha, caule	Gripe, pulmão	X	1,28
				Malária, disenteria, verminose	I	1, 10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Cassia rugosa</i> G. Don. - c	B	Fedegoso-do-campo	Folha, raiz	Anemia, depurativo do sangue	III	10,24
				Coceira, doença de pele	XII	10,24,28
				Dor de cabeça, tosse	XVIII	10,28
				Dor de dente, intestino, fígado	XI	10
				Cólica de recém nascido	XVI	10
				Diurético	XIV	24
				Gripe	X	22
				Rouquidão	XVIII	22
				Vermífugo	I	22
<i>Cassia uniflora</i> Spreng. - a	B	Sene-grande	Folha	Dor nas pernas	XIII	1
				<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip. - a,c	C	Sena, sene, capim-reis
Verme	I	5				
				Intestino	XI	5
				Resguardo de parto	XV	7
				Reumatismo	XIII	26
<i>Chamaecrista ramosa</i> (Vog.) H.S. Irwi & Barneby - a	C	Mingueirinha	Folha	Falta de ar	X	5
				<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. - a,b,c	C	Copaíba, pau-d'óleo
Verme, pneumonia, doenças venéreas	I	5,12,17				
Bronquite, sinusite, gripe	X	5,6,8,11,14,17,19				
Reumatismo	XIII	5,13				
Feridas, picadas de insetos, machucados, cicatrizante	XIX	5,7,8,17,24,29				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Vômito, inflamação de garganta, tosse, rouquidão	XVIII	5,6,11,17
				Diurético, ácido úrico, rins	XIV	5,13,19
				Estômago, úlcera, gastrite	XI	5,8,17
				Dor de ouvido	VIII	10
				Sangue, anemia	III	13
				Pressão alta, hemorróidas	IX	13
				Câncer, tumores	II	17,24
				Inflamação de pele	XII	8
<i>Copaifera martii</i> Hayne - a	C	Guaranazinho	Fruto	Bronquite	X	19
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth. - a,b,c	C	Barbatimão, barbatimão macho, barmaimão roxo, fava-danta	Caule	Ferida no útero	XIV	7, 10,24
				Ferida na pele , cicatrizante	XII	7,8,17
				Antisséptico, cicatrizante	XIX	10,24
				Câncer	II	10
				Gastrite, úlcera	XI	10,17
				Distúrbios circulatórios	IX	10
				Dor na coluna	XIII	14
				Gonorréia, diarreia	I	17
<i>Hymenaea courbaril</i> L. - a,b,c	C	Jatobá, jatobá da mata	Caule, fruto, semente, folha	Dor de garganta, tosse, rouquidão	XVIII	1, 10,9,11,19,21
				Parasitose, infecção	I	8,19
				Anemia	III	8, 10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) ex Hayne - a,c	C	Jatobá, jatobá do cerrado, jatobá do campo	Caule, fruto	Impotência	V	8
				Doença respiratória, bronquite, gripe	X	1,2,8,10,11,12,14,21, 28
				Inflamação da próstata	XIV	8
				Fadiga	XVIII	8
				Digestivo	XI	14
				Machucadura, quebra-dura, fraturas	XIX	1,2,12,21
				Osteoporose	XIII	21
				Gripe, bronquite, asma, resfriado, pneumonia	X	3,5,7,8,10,17,22,23,26
				Tosse, fadiga	XVIII	1,3,7,8,10,17,29
				Anemia, depurativo do sangue	III	3,5,7,8,10,13,22,24
				Inflamação de dente, fígado, estômago	XI	4,23,26,30
				Cicatrizante, feridas	XIX	5,23,26
				Impotência, fortificante, fertilizante	V	5,8,17
				Reumatismo, dores nas costas	XIII	5,13,26
				Olhos	VII	5
				Verme, diarreia, parasitose, coqueluche	I	7,8,17,23,26
				Pressão alta	IX	7
Cólica, próstata, rins, bexiga, útero	XIV	8,17,23,26,29				
<i>Melanoxylon brauna</i> Schott. - c	C	Braúna	Caule	Diarreia	I	24
				Útero	XIV	24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub. - b	C	Canafistula	Caule	Cicatrizante	XIX	14
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb. - a	C	Mata-pasto, mata-passo	Folha, raiz	Pele	XII	7, 10
<i>Senna desvauxii</i> Collad - a	B	Sene-de-jardim, sena, sene-do-cerrado	Folha, raiz	Verme	I	11,19
				Prisão de ventre, febre	XVIII	17
<i>Senna martiniana</i> (Benth.) Irwin & Barneby - a	B	Mata pasto	Folha	Mancha na pele	XII	17
				Ciclo menstrual irregular	XIV	8
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link. - a,b,c	C	Fedegoso	Raiz, folha, flor, semente, caule, toda a planta	Transtornos da pele	XII	8
				Malária, vermífugo, pneumonia, gonorréia, erisipela, cólera, diarreia	I	2,3,8,9,17
				Gripe, distúrbios respiratórios, sinusite	X	2,12,16,17,19,20,21,25
				Anemia	III	3,7,11
				Nascer de dente, hepatite, fígado, estômago	XI	4,5,8,11,17,25
				Dor de cabeça, dor de estômago, cefaléia, hipertermia, febre, tosse	XVIII	7,8,19,20,21,25,30
				Doenças de pele	XII	17
				Estimulante	V	17
				Menstruação, próstata, infecções urinárias, diurético, cólica	XIV	9,17,30
				Diabetes	IV	8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Tamarindus indica</i> L. - a,c	E	Tamarindo	Fruto, folha	Constipação	VII	8
				Problemas do coração, pressão, arritmia cardíaca	IX	1,8,9
				Dor de cabeça, tosse, febre, hipertermia, dor de barriga	XVIII	1,2,5,7,8,9,20,28
				Bronquite, gripe	X	2,5,20
				Icterícia	XVI	2
				Infecção urinária, rins	XIV	5,13,20
				Doenças venéreas	I	13
				Diabetes	IV	17
				Ansiedade	V	8
				Intestino preso	XI	20
FABACEAE - CERCIDAE						
<i>Bauhinia divaricata</i> L. - c	B	Pata-de-vaca, pé-de-vaca	Folha	Rins	XIV	20,25
<i>Bauhinia forficata</i> Benth. - c	C	Unha-de-vaca	Folha	Chagas	I	20
				Diabetes	IV	25
				Diabetes, obesidade	IV	24,28
				Rins	XIV	24,28
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq. - a	C	Unha-de-vaca, tripa-de-galinha, cipó de macaco	Raiz, folha, caule	Coluna	XIII	24
				Dor nas costas	XIII	1,12
				Diarréia, disenteria, sífilis, cólera	I	6,7,8,17
				Dor de barriga, tosse, dor abdominal	XVIII	6,7,9,17
				Dor de dente, estômago	XI	7,9
				Depurativo do sangue	III	13

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Ácido úrico, diurético, bexiga, rins	XIV	13,17
				Pressão alta, hemorróidas	IX	13,29
				Hipoglicemia, diabetes	IV	14,17
				Feridas	XIX	17
				Bronquite	X	17
				Caspa	XII	17
<i>Bauhinia nitida</i> Benth. - a	C	Pata-de-vaca	Folha	Diabetes, obesidade	IV	6,8
				Hipercolesterolemia	III	8
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud. - a	C	Pata-de-vaca	Folha	Diabetes, colesterol, hipoglicemia	IV	2,6,7,10,18
				Rins	XIV	2,7
				Tosse	XVIII	6
				Derrame	VI	6
				Pressão alta	IX	7
				Resguardo de parto	XV	7
<i>Bauhinia splendens</i> Kunth. - a	B	Pata de vaca	Folha	Diabetes, obesidade	IV	8
				Hipercolesterolemia	III	8
<i>Bauhinia tomentosa</i> L. - c	B	Mororó	Folha	Rins	XIV	20
<i>Bauhinia variegata</i> L. - b,c	B	Açoita-cavalo, unha-de-boi, pata-de-vaca	Folha, flor	Dor na coluna	XIII	16
				Diabetes	IV	16,21
				Hipercolesterolemia	III	21
FABACEAE - FABOIDAE						
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Volgel) Yakovlev - a,c	C	Cinco-folhas, genciana	Raiz, folha	Febre	XVIII	7
				Corrimento	XIV	7
				Dentição nova, estômago	XI	7,23

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yakovlev - a	C	Quina genciana	Raiz	Gripe	X	23
				Parasitose	I	8
				Diabetes	IV	8
				Doença respiratória, gripe	X	8,22
				Transtornos do fígado e estômago	XI	8,17
				Ausência de menstruação, cólicas	XIV	8,17
				Anemia	III	17
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Smith. - a,b,c	C	Imburana, amburana, emburana, cerejeira	Caule, semente, fruto	Reumatismo	XIII	17
				Reumatismo no sangue	III	1
				Gripe, bronquite, sinusite, pneumonia	X	1,9,12,15,19,24,29
				Prisão de ventre, fígado, vesícula	XI	1,24
				Dor nas costelas, dores no corpo, reumatismo	XIII	1,12,15
				Tosse, febre	XVIII	9,12,15
				Úlcera, gastrite, intestino	XI	15,27
				Icterícia	XVI	24
				Intoxicação	XIX	8
				Hipoglicemia	IV	18
<i>Andira anthelminthica</i> Benth. - a	B	Angelim	Caule	Menstruação, amenorréia	XIV	9,12
				Anemia	III	10
				Disenteria, verminose	I	10
				Dor de cabeça, tosse	XVIII	10
				<i>Andira cuyabensis</i> Benth - a	C	Angelim
<i>Andira humilis</i> Mart.ex Benth. - a	C	Quina-genciana	Caule	Menstruação, amenorréia	XIV	9,12
				Anemia	III	10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Dores no corpo	XIII	10
				Gripe	X	10
				Problemas circulatórios	IX	10
<i>Andira inermis</i> (Sw) Kunth. - a	C	Quina	Raiz	Hipoglicemia	IV	18
<i>Arachis hypogaea</i> L. - a	B	Amendoim	Semente	Estimulante sexual	V	7
				Desnutrição	IV	17
				Anemia	III	17
				Pele	XII	17
<i>Bowdichia virgiloides</i> H.B.& Kunth. - a,c	C	Sucupira, sicupira preta	Caule, semente	Anemia, depurativo do sangue	III	1,3,5,8,9,12,13,19
				Dor de garganta, dor de cabeça, hipertermia	XVIII	1,3,8,12,13
				Dor de dente, hepatite, prurido anal	XI	3,4,5,12,13,30
				Gripe, amigdalite, bronquite	X	5,8,12
				Feridas, quebradura	XIX	5
				Malária, micose, sífilis, pneumonia, tuberculose, verme	I	5,8,12,13,23
				Reumatismo	XIII	8,9,10,12,13
				Acne	XII	8
				Inflamação do útero, ácido úrico	XIV	8,13
				Pressão alta, hemorróidas	IX	13
				Hipoglicemia, diabetes	IV	18,23
<i>Cajanus bicolor</i> DC. - c	E	Feijão-andu	Folha, toda a planta	Rins, infecção urogenital	XIV	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Cajanus cajan</i> Druce - a,b	E	Feijão-andú, feijão guandu	Folha	Dente	XI	28
				Resfriado, sinusite, gripe	X	1,16,17,19
				Reumatismo, dores no corpo	XIII	1,2
				Diarréia	I	4, 30
				Estômago, intestino, nascer de dente	XI	4, 10,30
<i>Cajanus indicus</i> Spreng. - a,c	E	Feijão-andu	Folha, semente	Rins	XIV	17
				Tosse	XVIII	17
				Febre, dor de cabeça	XVIII	11,2
				Intestino	XI	11
				Resfriado	X	11
<i>Centrosema bracteosum</i> Benth. - c	C	Rabo-de-tatu, cervejinha	Raiz	Afecções hepáticas, estômago	XI	22,25,27
<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.) Benth. - c	C	Vergateza	Raiz	Estimulante, impotência sexual	V	22,24
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. - a,c	B	Carrapichinho, bálsamo do campo, amor seco, fucinho-de-boi	Caule, folha, fruto, toda a planta	Sistema nervoso	VI	24
				Infecção de rins	XIV	6,7,8,21
				Depurativo do sangue	III	6
				Dor de barriga	XVIII	9
				Ansiedade, insônia	V	8, 10
				Urticária, afecções cutâneas	XII	8,21
				Dores nas costas	XIII	8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Dipteryx alata</i> Vogel - a,c	C	Cumbaru, barú, barujó, feijão-coco, cumbaru, cumaruana	Caule, folha, fruto, semente	Pressão alta	IX	10
				Ferida, antiofídico	XIX	3,6,8,9,10
				Disenteria, diarreia	I	3,7,8,10
				Inflamação de garganta, dor de barriga	XVIII	6,7
<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth. - a	C	Sene	Folha	Reumatismo, dor na coluna, osteoporose	XIII	8,17,21,22,24,26
				Dismenorréia, menstruação	XIV	10,24,26
				Intestino	XI	10
				Inchaço nas pernas	XIII	1
<i>Eriosema platycarpon</i> Micheli - a	B	Bálsamo	Toda a planta	Contusões	XIX	10
<i>Erythrina mulungu</i> Mart. - a,c	B	Mulungu, muxoxo	Caule	Fígado	XI	10
				Problemas urinários	XIV	19
				Problemas respiratórios	X	19
				Hepatite, fígado	XI	28
<i>Erythrina verna</i> Vell. - c	C	Mulungu	Caule	Bronquite	X	24
<i>Galactia glaucescens</i> Kunth - a	C	Três-folhas	Raiz, toda a planta	Fígado, baço	XI	24
				Veneno de cobra	XIX	7, 10
<i>Glycine max</i> Merrill - a	E	Soja	Semente	Dor de cabeça	XVIII	7
				Tônico	V	17
				Diabetes	IV	17
				Doenças da pele	XII	17
				Arteriosclerose	IX	17
				Anemia	III	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Hymenolobium excelsum</i> Ducke - a	B	Angelim	Caule	Malária	I	1
<i>Indigofera anil</i> L. - a	B	Anil	Raiz	Estomacal Infecção do útero, corrimento	XI XIV	1 17
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. - a,c	B	Anil, anilim	Folha	Dor nas pernas Acelera trabalho de parto	XIII XV	1 21
<i>Machaerium aculeatum</i> (Vell.) Stellfeld - a	C	Espinheiro, pau- santo	Caule	Reumatismo	XIII	7
<i>Machaerium acutifolium</i> Vog. - c	C	Jacarandá	Fruto	Diurético	XIV	23
<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stelf. - a	C	Espinheira, espinheira-santa	Caule	Reumatismo	XIII	7
				Tosse	XVIII	7,11
				Bronquite	X	7
				Coqueluche	I	7
				Espinha	XII	11
<i>Myroxylon peruiferum</i> L. - c	C	Bálsamo	Folha	Gripe	X	25
<i>Periandra dulcis</i> Benth. - a	B	Alcaçuz	Raiz	Coração	IX	17
				Dores no corpo	XIII	17
				Diurético	XIV	17
				Digestivo, afta, gases	XI	17
				Feridas	XIX	17
				Coceira, piolho	XII	17
				Bronquite	X	17
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub. - c	C	Alcaçuz	Raiz	Gripe	X	24
				Inflamações urinárias	XIV	24
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel. - a,b,c	C	Sucupira, fava de sucupira	Fruto, caule, folha, semente	Inflamação da garganta, rouquidão	XVIII	15, 20,27,28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Pterodon polygalaeflorus</i> Benth. - a	C	Faveira, sicupira-amarela	Fruto, caule	Dor de ouvido	VIII	15
				Diurético	XIV	15
				Pneumonia, amigdalite	X	15,25
				Intestino	XI	15
				Reumatismo	XIII	15,28
				Verrugas	XII	15
				Hipoglicemia	IV	18
				Ferida	XIX	7
<i>Pterodon pubescens</i> Benth. - a,c	C	Faveira, fava-de-santo-inácio, sicupira branca	Caule, semente	Caspa	XII	7
				Problemas de sangue	III	7
				Dor de dente	XI	7
				Dor de garganta	XVIII	7
				Úlcera, estômago, dor de dente	XI	1,2,9
				Reumatismo, dor no peito	XIII	2,9,8
				Sangue, depurativo, anemia	III	2,8,17,19,30
				Circulação	IX	2
				Picada de cobra, feridas	XIX	5,17
				Dor de cabeça, febre, infecção de garganta, hipertermia	XVIII	8,9,13,19,22,24
				Sífilis, micoses, verminose, elefantíase, esquistossomose	I	8, 10,17,22
Amigdalite, bronquite, gripe, resfriado, pneumonia	X	8,13,22				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Torresea acreana</i> Ducke - a	B	Imbutana	Caule	Inflamação do útero	XIV	8
				Acne, coceira	XII	8,17
				Colesterol, diabetes, gota	IV	17
				Bronquite	X	10
				Congestão	XI	10
<i>Torresea cearensis</i> Allemão - a	B	Amburana, emburana, cerejeira	Semente, caule	Colesterol	IV	2
				Dor no corpo	XIII	2
				Ansiedade	V	8
				Hipertensão	IX	8
				Bronquite, sinusite, pneumonia	X	8,17
				Constipação	VII	8
				Flatulência	XVIII	8
				Cólica	XIV	17
				Indigestão, gases	XI	17
				Tosse comprida	X	2,7
				<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke - a	C	Angelim, gingilim, maleiteira
Malária, purgativo	I	8, 10,17				
Diabetes, obesidade	IV	8, 10,17				
Transtornos do estômago e fígado, hapatite	XI	8, 10,17				
FABACEAE - MIMOSOIDAE						
<i>Acacia adhaerens</i> Benth. - c	C	Puxa-pro-rancho	Flor	Gripe, bronquite	X	21
<i>Acacia paniculata</i> Willd.- c	C	Puxa-pro-rancho	Flor	Gripe, bronquite	X	21
<i>Albizia niopoides</i> (Spr. Ex Benth.) Burkart. - a	C	Angico-branco	Caule	Dores	XIII	6

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan - a,c	C	Angico	Caule	Bronquite, gripe, resfriado	X	2,3,7,12,28
				Tosse	XVIII	2,3,7,19
				Dores	XIII	6
				Feridas	XIX	6
				Estômago	XI	28
<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg. - a,b,c	C	Angico, angico-vermelho	Caule	Cicatrizante, ferida	XIX	5
				Hemorróidas	IX	5
				Sarna, doenças venéreas	I	14,24
				Conjuntivite	VII	14
				Problemas pulmonares	X	22
				Inflamação uterina	XIV	24
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg. - a,c	C	Angico, angico-amarelo	Caule	Bronquite, pneumonia, tuberculose	X	1,6,8,17
				Tosse, rouquidão, inflamação de garganta	XVIII	1, 10,17,25
				Dores	XIII	6
				Antisséptico, cicatrizante, feridas	XIX	11
<i>Calliandra dysantha</i> Benth. - c	C	Ciganinha	Raiz, flor	Regula menstruação	XIV	22
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong - a	C	Orelha-de-macaco	Raiz	Reumatismo	XIII	9
<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth. - a	C	Dorme-dorme, arranha-gato	Caule, raiz, toda a planta	Inflamação de dente, úlceras	XI	4,12,30
				Ansiedade, calmante	V	8,13,30
<i>Mimosa pudica</i> L. - a	B	Dorme-dorme	Toda a planta	Insônia	XVIII	10
<i>Piptadenia colubrina</i> Benth. - a	B	Cambuí	Caule, folha, semente	Bronquite	X	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Aftas, estomatite, gengivite	XI	17
<i>Piptadenia macrocarpa</i> Benth. - a	B	Angico Jacaré	Caule	Febre	XVIII	17
				Tuberculose	I	8
				Bronquite	X	8
<i>Plathymeria reticulata</i> Benth. - a	C	Vinhático	Caule	Inflamação de dente	XI	4, 30
				Machucadura, feridas	XIX	5
				Hemorróidas	IX	5
				Bronquite, asma	X	5
				Coqueluche, diarreia	I	5,8
				Rouquidão	XVIII	5
				Depurativo do sangue	III	12
				Reumatismo	XIII	12
				Infecção do rim	XIV	8
<i>Stryphnodendrom adstringens</i> (Mart.) Coville - a,b,c	C	Barbatimão, barbatimão fêmea	Caule	Infecção de mulher, útero, rins, ferida no útero e ovário	XIV	1,2,5,8,9,10,12,15, 17,19, 26,29
				Cicatrizante, antisséptico, feridas, ferimentos	XIX	1,5,8,10,15,19,24,25, 26,27
				Gastrite, úlcera, fígado, intestino	XI	1,2,5,7,8,9,10,12,15,22,25,26
				Tumor	II	5
				Sífilis, gonorréia, malária, diarreia	I	5,22,26
				Hemorróidas, problemas circulatórios	IX	5, 10
				Dor de garganta, febre	XVIII	5,12,15,22
				Coceira	XII	15
				Escorbuto	IV	26

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Stryphnodendrom barbatimam</i> Mart. - c	C	Barbatimão	Caule	Câncer	II	28
				Erisipela	I	28
				Diabetes	IV	28
GENTIANACEAE						
<i>Tachia guianensis</i> Aubl. - a,c	B	Caferana	Folha	Dor de barriga	XVIII	12
				Abortivo	XV	12
				Fígado	XI	28
HAMAMELIDACEAE						
<i>Hamamelis virginica</i> L. - a	E	Hamamelis	Folha	Oxiúros	I	17
				Hemorróidas	IX	17
IRIDACEAE						
<i>Crocus sativus</i> L. - a	E	Açafrão	Raiz, folha, flor	Febre, rouquidão, garganta	XVIII	1,17
				Sarampo	I	1
				Infecção nos rins	XIV	1,17
				Coração	IX	1,8,17
				Gripe, amigdalite, asma, bronquite	X	1,8,17
				Anemia	III	8
				Digestivo	XI	17
				Estimulante	V	17
				Diarréia	I	21
				Febre	XVIII	24
<i>Eleutherine bulbosa</i> Urb. - c	B	Coqueirinho	Raiz	Resfriado	X	24
				Intestino	XI	24,26
<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng. - c	C	Capim-reis	Folha	Febre	XVIII	24
				Febre	XVIII	24
LAMIACEAE						
<i>Coleus amboinicus</i> Lour. - a	E	Hortelã-grosso	Folha	Dor de barriga, febre, tosse	XVIII	1

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Bronquite, gripe	X	1
				Intestino, fígado, estomacal	XI	1, 10
				Cojuntivite	VII	1
				Dor no corpo	XIII	1
				Menstruação	XIV	1
				Vermífugo	I	1
<i>Coleus barbatus</i> Benth. - a,c	E	Boldo, sete dores	Folha	Estomacal, fígado, indigestão, enjôo, azia	XI	1,2,3,5,8,10,13,17, 19,28
				Diarréia, disenteria, purgativo	I	1, 10,28
				Enfarte, baixar pressão	IX	2,28
				Derrame	VI	2
				Dor de barriga, dor abdominal, dor de cabeça	XVIII	2,8,10,13,28
				Menopausa, rins	XIV	17,28
				Intoxicação	XIX	28
<i>Cunila microcephala</i> Benth. - a,b,c	B	Poejo	Folha, raiz	Gripe	X	1,16,25
				Dor de barriga, febre	XVIII	1,25
				Estomacal	XI	1
				Sarampo	I	25
				Cólica de bebê	XVI	25
<i>Glechoma hederaceae</i> L. - c	E	Erva-terrestre	Folha	Gripe	X	28
				Febre, tosse, dor de garganta e barriga	XVIII	28
<i>Glechon alata</i> Benth. - a	B	Manjeroma	Folha	Câncer	III	9
				Gripe	X	10
<i>Hyptidendron canun</i> (Benth.) Harley - a	C	Hortelã-de-várzea	Raiz, folha	Tosse, febre	XVIII	7
				Incontinência urinária	XIV	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Hyptis cana</i> Pohl. ex Benth. - a	B	Hortelã-do-campo	Folha, toda a planta	Verme	I	7
				Resfriado	X	7
				Verme	I	3,5,8,9
				Anemia	III	3
				Infecção de intestino, dor de dente	XI	5, 10
				Resfriado, gripe, sinusite	X	8, 10
				Dor abdominal, febre, dor de cabeça	XVIII	8,9,10
				Problemas circulatórios	IX	11
				Feridas	XIX	17
				Frieiras	XII	17
<i>Hyptis goyazensis</i> A. St.-Hil. ex. Benth. - a	C	Hortelã-do-brejo	Folha	Febre, tosse	XVIII	13
<i>Hyptis paludosa</i> St. -Hil.ex Benht. - a	C	Alevante	Folha	Gripe, resfriado	X	13
				Dor de cabeça, febre, tosse	XVIII	2,3,9
				Gripe, resfriado	X	2,3,9,12
				Cólica	XIV	9
				Calmante	V	11
				Vermes	I	12
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit. - a	B	Tapera-velha	Raiz, folha	Pressão alta	IX	12
				Dor nas pernas, reumatismo	XIII	1,8
				Hemorragia dental, estômago	XI	1,3,8,9,11
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8, 10
				Complicação do parto	XV	8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill. - c	E	Alfazema	Folha, caule	Verme	I	9
				Gripe, resfriado	X	10,11
				Dor de cabeça	XVIII	10
				Ansiedade	V	21,28
				Hipertensão	IX	21,28
<i>Lavandula officinalis</i> Chaix. - a,c	E	Alfazema	Folha, flor	Gripe, bronquite	X	28
				Menstruação, diurético	XIV	1,17
				Gripe, expectorante, bronquite	X	5,17
				Insônia	VI	17
				Feridas	XIX	17
				Abcessos, piolho	XII	17
				Tumores	II	17
				Dor de cabeça	XVIII	17
				Espasmos	XIII	24
				Hepatite, úlcera	XI	5
<i>Lavandula spica</i> Cav. - a	E	Alfazeminha	Folha	Doença do sangue	III	5
				Fígado, estômago	XI	1, 10,12,17
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br. - a,b,c	E	Cordão-de-São-Francisco, cordão-de-frade	Folha, fruto, flor, toda a planta	Disenteria	I	1, 10,21
				Urina presa, rins, útero	XIV	2,5,7,8,12,17,21
				Asma, bronquite	X	5,17,21
				Aborto	XV	5
				Malária	I	5
				Derrame	VI	5
				Dores no corpo, reumatismo	XIII	7,8,9,21
				Anemia	III	8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Dor de barriga, vômito, tosse	XVIII	16,17,20,21
				Hipoglicemia	IV	18
				Cicatrizante	XIX	17
				Estimulante	V	17
<i>Leonurus japonicus</i> Houtt. - c	E	Mané-turé, rubim, rubinho	Folha	Dispepsia, estômago	XI	21,28
				Infecção de útero e ovário	XIV	21
				Ferimentos, cicatrizante	XIX	21,28
<i>Leonurus sibiricus</i> L. - a,c	E	Macaé, rubim, quitoco	Folha, toda a planta	Estômago, hepatite, úlcera, infecção intestinal	XI	2,5,9,12,17
				Derrame	VI	5
				Dor de barriga, febre	XVIII	9,12,17
				Verme	I	9,12
				Taquicardia, hemorróidas, varizes	IX	17
				Colesterol	IV	17
				Feridas	XIX	17
				Pele	XII	17
				Gripe, resfriado	X	20
<i>Leucas martinicensis</i> Oliv. - c	E	Matinga-de-mulata	Folha	Dor do ouvido	VIII	28
				Sinusite	X	28
				Pressão	IX	28
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> Kuntze - c	C	Alfavaca	Folha	Estimulante	V	24
				Espasmos	XIII	24
<i>Melissa officinalis</i> L. - a,c	E	Aspirina-de-casa, erva cidreira, melissa	Folha	Dor de cabeça, insônia	XVIII	7,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Ansiedade, distúrbio de sono	V	8,17,25,29
				Diurético, menstruação	XIV	17
				Digestivo	XI	17,25
				Inflamação dos olhos	VII	17
				Pressão alta	IX	2
				Resfriado	X	25
				Infecção	I	29
<i>Mentha aquatica</i> L. - c	E	Elevante	Folha	Gripe	X	20
				Febre	XVIII	20
<i>Mentha arvensis</i> L. - a,c	E	Vicky, vique	Folha, toda a planta	Dor de cabeça, febre	XVIII	7, 20
				Gripe	X	7, 20
<i>Mentha crispa</i> L. - a	E	Hortelãzinho	Folha	Gripe, resfriado	X	9, 10,12
				Dor de garganta, febre	XVIII	9, 10
				Disenteria, verminose	I	10,12
				Intestino	XI	10
<i>Mentha piperita</i> L. - a,c	E	Hortelãozinho, hortelã, vick	Folha, raiz, caule	Bronquite, gripe, resfriado	X	1,2,5,7,9,10,19,20, 21,25
				Chiado no peito, dor de barriga, tosse, febre, dor de estômago	XVIII	1,4,7,9,10,13,19,25,30
				Cólica, menstruação	XIV	1
				Vermífugo, diarreia	I	1,2,5,13,24,25,29
				Indigestão, hepatite, dor de dente, digestão	XI	1,5,9,13,20,21,25
				Feridas, picadas de insetos, machucados	XIX	5
				Dores no corpo	XIII	10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Mentha pulegium</i> L. - a,c	E	Poejo, hortelâzinha	Folha, toda a planta, raiz	Hipercolesterolemia	III	21
				Obesidade	IV	21
				Estimulante, calmante	V	24, 30
				Coração	IX	25
				Gripe, resfriado, bronquite, expectorante	X	2,3,4,5,7,8,9,10,11,12,17, 19,20,21,24,28,30
				Tosse, febre, dor de barriga, dor de cabeça, vômito	XVIII	3,4,5,7,8,9,10,11,19, 20,28,30
				Desintéria, verme	I	4,5,7,30
				Nascer de dente, intestino, cólicas intestinais, gases	XI	4,7,11,17
				Menstruação, cólicas	XV	5,28
				Anemia	III	5
				Pressão alta	IX	7
				Dores no corpo	XIII	11
				Calmante	V	28, 30
				Cólica de bebê	XVI	17
				Sistema nervoso, tônico	VI	17,24
<i>Mentha spicata</i> L. - a	E	Vick	Folha	Olhos	VII	28
				Gripe, desobstruente das vias respiratórias, bronquite, sinusite	X	1,2
<i>Mentha villosa</i> Huds. - a,c	E	Hortelã rasteira, hortelã-de-jardim	Folha	Tosse	XVIII	1,2
				Parasitose, vermífugo	I	8,17
				Azia, digestivo, mau hálito	XI	17
				Vômito, tosse, afonia	XVIII	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Ocimum basilicum</i> L. - a,c	B	Alfavaca, manjericão	Folha, toda a planta, raiz	Bronquite, gripe	X	17,25
				Dores musculares	XIII	17
				Insônia	V	17
				Gripe, resfriado	X	1,2,3,4,8,19,25,28, 29,30
				Febre, tosse, rouquidão, hipertermia, prisão de ventre	XVIII	1,2,3,8,19,25,28
				Dor de dente, digestão	XI	1,11,25
				Verme	I	2,28,29
				Falta de sono, ansiedade	V	7,8
				Dores no corpo	XIII	11
				Colesterol	IV	25
				Bexiga	XIV	28
				Pressão alta	IX	28
				Pancadas	XIX	29
<i>Ocimum canum</i> Sims. - a	B	Alfavaca	Folha	Bronquite	X	5
				Pedra nos rins	XIV	5
				Estômago	XI	7
<i>Ocimum gratissimum</i> L. - a,b,c	B	Alfavaca, alfavacão	Folha	Distúrbios respiratórios, gripe	X	16,21
				Gripe	X	13
<i>Ocimum kilimandscharicum</i> Gürke - a	B	Alfavaquinha	Folha	Gripe, sinusite, resfriado	X	1,2,9,10,17,20
<i>Ocimum micranthum</i> Willd. - a,c	C	Alfavacão, tapera-velha, manjericão	Folha, toda a planta	Gripe, sinusite, resfriado	X	1,2,9,10,17,20
				Dor de cabeça, tosse, prisão de ventre, febre	XVIII	1,2,9,10,17,20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Inflamação ginecológica, diurético, rins, próstata	XIV	6,17,20
				Dores	XIII	6
				Feridas	XIX	17
				Abcessos	XII	17
				Digestão	XI	20
<i>Ocimum minimum</i> L. - a	B	Manjericão	Folha	Sinusite, gripe	X	1,4,19,30
				Tosse, febre	XVIII	1,2,19
<i>Origanum majorana</i> L. - a,c	E	Manjerona	Folha	Verme, diarreia	I	2,5
				Machucados	XIX	4, 30
				Intestino, digestivo	XI	5,17
				Asma, gripe	X	5,17,28
				Cólica	XIV	5,17
				Prisão de ventre	XVIII	5
				Estimulante, impotência sexual	V	17
				Reumatismo, músculos	XIII	17
				Cólica de bebê	XVI	17
				Infecção de ouvido	VIII	28
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. - a,c	E	Hortelã-amarga, malva, malvariço	Folha	Estômago	XI	7
				Gripe, resfriado	X	12,20,21
				Pancadas, cicatrizante	XIX	12
				Febre, dor de cabeça	XVIII	20
				Diarreia, verme	I	20
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews - a,b,c	E	Boldo, sete-dores	Fruto, folha	Estômago, hepatite, gastrite, fígado, dispepsia	XI	7,9,11,12,16,20,21, 25
				Dor de cabeça, febre	XVIII	11,12,20,25
				Bronquite, gripe	X	20

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter - a,c	E	Boldo-da-Índia, dipirona, boldo-legítimo	Folha	Cólicas	XIV	20
				Hemorróidas	IX	21
				Ferimentos	XIX	21
				Estômago, fígado, dispepsia	XI	7,21
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. - a,c	E	Alecrim	Folha, caule, toda a planta	Falta de ar, dor de cabeça, febre, fadiga, tosse	XVIII	1, 10,17,28
				Pressão alta, coração	IX	1,2,5,8,9,12,17,19, 20,21, 25,28,29
				Nascer de dente, estômago, aftas, gases	XI	4,7,9,17
				Sinusite, gripe, bronquite	X	5,12,17,20,28
				Feridas, cicatrizante	XIX	9,17,20,28
				Dores no corpo, dores reumáticas	XIII	17,21
				Diurético, menopausa, cólica	XIV	17,28
				Coceiras, piolho	XII	17
				Calmante	V	25,28,30
				Depurativo do sangue	III	28
				Diabetes	IV	28
				Menopausa	XV	5
				<i>Salvia officinalis</i> L. - a,c	B	Sábida, sálvia
Anemia	III	5				
Circulação	IX	28				
Gripe	X	29				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Salvia splendens</i> Ker Gawl - a	B	Alfafa	Folha	Próstata	XIV	17
<i>Stachys byzantina</i> K. Koch. - a	B	Pulmonária	Toda a planta	Pneumonia, bronquite	X	5
				Feridas	XIX	5
<i>Vitex agnus-castus</i> L. - a	B	João-da-costa	Folha	Prisão de ventre	XVIII	7
<i>Vitex cymosa</i> Bert.ex Spregn. - a	B	Tarumã, cinco folhas	Caule, fruto, folha, raiz	Menopausa	XV	5,17
				Depurativo	III	5,17
				Diurético, infecção uterina, inflamação de útero	XIV	5,8,17
				Pressão alta	IX	5,7,10,17
				Dor de barriga, dor de garganta, insônia, febre	XVIII	2,7,10,11,17
				Câncer	II	2
				Diabetes	IV	8
				Ansiedade	V	10
				Hepatite	XI	10
				Pele	XII	17
LAURACEAE						
<i>Cinnamomum camphora</i> T. Nees & C.H.Eberm - c	B	Cânfora	Folha	Estimulante	V	24
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyne - a,c	B	Canela	Caule, folha	Reumatismo	XIII	24
				Gripe, bronquite, asma, resfriado	X	1,2,5,12,17,20,21,25, 28
				Tosse, rouquidão, febre	XVIII	1,4,5,9,17,30
				Verme, infecção	I	5,19,29
				Afrodisíaco, impotência	IV	5,17
				Anemia	III	5
				Pressão baixa	IX	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Laurus nobilis</i> L. - a,c	E	Louro	Folha	Cólicas	XIV	17,28
				Digestão	XI	17,25
				Piolho	XII	17
				Calmanete	V	25
				Excitante	V	17
				Digestivo, gases, estômago	XI	17,28
				Cólicas, menopausa	XIV	17
				Afecções da pele	XII	17
				Nevralgias	VI	17
				Reumatismo	XIII	17
<i>Persea americana</i> Mill. - a,c	B	Abacateiro	Folha, semente	Rins, pedra nos rins, problemas renais	XIV	1,2,5,7,8,9,10,12,17,19,20,25
				Fígado, hepatite	XI	2,5,17
				Verme	I	2
				Reumatismo	XIII	5
				Feridas, picada de inseto	XIX	5
				Sinusite, gripe	X	9, 20
				Mancha na pele	XII	19
				Rins	XIV	28
				Afta	XI	28
				Ferimentos	XIX	28
LECYTHIDACEAE <i>Bertholletia excelsa</i> O. Berg. - a	B	Castanha-do-Pará	Semente	Desnutrição	IV	17
				Anemia	III	17
				Tuberculose	I	17
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze - c	C	Bingueiro, jequitibá	Caule	Infecção de útero e ovário, leucorréia	XIV	21,24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers - C a		Jequitibá	Caule	Afecções cutâneas	XII	21
				Doenças venéreas, diarreia	I	24
				Angina	IX	24
				Afecções na boca	XI	24
				Inflamação de garganta	XVIII	24
				Ferida no útero e ovário, corrimento, rins	XIV	1,2,7,8,10,17
				Reumatismo	XIII	2,12,13
				Inflamação de dente, gastrite, úlcera, gengiva	XI	4,13,17,30
				Anemia, doenças do sangue	III	5,7,12,13
				Feridas	XIX	5,7
				Câncer	II	7
Inflamação de garganta	XVIII	9,17				
LILIACEAE						
<i>Lilium candidum</i> L. - a,c	E	Açucena branca, lírio	Folha	Bronquite, gripe	X	12,28
LOGANIACEAE						
<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil. - a,c	C	Quina, falsa-quina, quina-do-cerrado, casca-aromática	Caule	Má circulação, pressão alta	IX	1, 10
				Vermífugo, amarelão, malária	I	1,2,5,7,8,10,25,26
				Anemia, sangue, depurativo do sangue	III	1,2,3,7,8,9,10,17,19,20,24,27
				Fígado, estômago, baço	XI	1,2,5,7,8,10,17,24, 26

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Feridas, cicatrizante	XIX	5
				Dor de cabeça, fadiga, hipertermia, febre, tosse	XVIII	7,8,10,17,25,26
				Sinusite, gripe	X	8, 10
				Amenorréia, cólicas, fertilidade	XIV	10,17,24
				Nervosismo, tônico, afrodisíaco	V	10,17,24,26
				Diabetes	IV	17
				Queda de cabelo	XII	17
LORANTHACEAE						
<i>Psittacanthus calyculatus</i> G. Don. - a	B	Erva de passarinho	Folha	Doença respiratória	X	8
LYTHRACEAE						
<i>Cuphea balsamona</i> Cham. & Schltidl - a	B	Sete-sangria	Toda a planta	Nascer de dente	XI	9
				Coceira	XII	9, 10
				Ansiedade	V	10
				Derrame	VI	10
				Pneumonia	X	10
				Pressão alta	IX	10
				Rins	XIV	10
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J,F.Macbr. - a,c	C	São-Pedro, sete-sangrias	Toda a planta	Disenteria, diarreia	I	21,29
<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil. - a,b,c	C	Pacari, mangava-brava, piúna, jarrinha	Caule, fruto, folha	Úlcera, estomacal, gastrite, dor de dente	XI	1,4,5,7,8,9,10,12,21,30
				Ferida de cirurgia, cicatrizante	XIX	1,2,7,8,10,22,24
				Deputativo	III	1,19

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl. - a	C	Goiabinha	Folha, fruto	Coceiras, urticária, afecções cutâneas	XII	1,4,8,10,19,21
				Obesidade	IV	8, 10
				Inflamação do útero	XIV	8
				Pneumonia	X	14
				Sapinho, infecção	I	13,19
				Diarréia	I	5
<i>Punica granatum</i> L. - a,b,c	E	Romã	Fruto, raiz, caule, folha	Infecção intestinal, vaginal	XIV	5
				Pulmão	X	5
				Dor de garganta	XVIII	5
				Inflamação da garganta, febre, dor de barriga, amígdalas	XVIII	1,2,3,5,7,9,12,16,17,19,20,25,28
				Diarréia, verme, solitária	I	1,5,9,17,20
				Anemia, câibra de sangue	III	1,5
				Ferida no útero e ovário, corrimento, cólica, rim, menstruação	XIV	1,2,7,8,9,12,13,19, 20,21, 25,28
				Gripe, amigdalite, faringite	X	3,8,20,21,28
				Nascer de dente, cólica intestinal, fígado	XI	4,7,11,17,28,30
				Hemorroidas	IX	8
				Derrame	VI	10
<i>Rotala ramosior</i> Koehne - b	B	Sete-sangrias	Raiz, folha	Machucados	XIX	12
				Reumatismo	XII	28
				Regular menstruação	XIV	15
				Depurativo do sangue	III	15

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Pressão alta e baixa	IX	15
				Reumatismo	XIII	15
				Infecções cutâneas	XII	15
MALPIGHIACEAE						
<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A. Juss.) B. Gates - c	C	Cipó-prata	Folha	Urina escura, rim	XIV	21,25
				Obesidade	IV	21
				Cicatrizante	XIX	21
<i>Bunchosia glandulosa</i> DC. - a	B	Cerejinha-do-campo	Folha	Estômago	XI	9
<i>Byrsonima crassa</i> Nied. - c	C	Murici, murici-cascudo	Fruto	Diarréia, disenteria	I	23,26
				Diurética	XIV	26
				Febre	XVIII	26
<i>Byrsonima verbascifolia</i> Rich. ex Juss. - c	C	Murici	Fruto	Diarréia	I	24
<i>Camarea affinis</i> A. St.-Hil. - c	C	Pé-de-perdiz	Folha	Inflamações uterinas	XIV	24
				Parto	XV	24
<i>Camarea ericoides</i> St. Hil. - a	C	Arnica-caseira, arnica do campo	Folha, raiz	Infecção nos rins	XIV	1
				Machucadura, traumatismos	XIX	2,4,7,8,10
				Inflamação de dente	XI	4,7,9,30
				Diarréia	I	7
				Coração	IX	7
				Dor de cabeça, tosse	XVIII	7
				Gripe	X	7
				Pele	XII	7
<i>Galphimia brasiliensis</i> A.Juss. - a	C	Quininha	Folha, raiz, caule	Machucadura	XIX	2

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> Machado - a,c	C	Nó-de-cachorro, erva-de-cão, raiz Santo Antonio	Raiz, toda a planta	Pneumonia	X	2
				Febre	XVIII	2
				Fígado, estômago	XI	10,19
				Mordida de cobra	XIX	1
				Dor de barriga, fadiga	XVIII	1,8,11,19
				Sangue, anemia, depurativo	III	3,5,8,9,10,22
				Reumatismo, dor no corpo	XIII	3,7,8,10
				Impotência, afrodisíaco	V	5,8,9,10,11,17,19,22, 27
				Estômago	XI	5
				Pedra nos rins, próstata, inflamação de útero e ovário	XIV	5,7,8,10,11,17
				Disenteria	I	7,17
				Perda visual	VII	8
				Problemas circulatórios	IX	10
				Hipoglicemia	IV	18
Sistema nervoso	VI	17				
<i>Malpighia glabra</i> L. - a,b,c	E	Acerola	Fruto	Gripe	X	2,3,7,10,20
				Pressão alta	IX	9
				Sangue	III	16
<i>Malpighia puniceifolia</i> L.- c	E	Acerola	Folha, fruto	Gripe	X	28
				Anemia	III	28
<i>Peixotoa cordistipula</i> A. Juss. - a	C	João-da-costa	Raiz	Coluna	XIII	2

MALVACEAE

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Abelmoschus esculentus</i> Moench. - a	E	Quiabo	Semente	Ofensa de cobra	XIX	2,5
				Asma, bronquite	X	5,7
				Tosse	XVIII	7
<i>Apeiba tibourbou</i> Aublet - a	B	Jangada	Caule	Verme	I	9
<i>Byttneria melastomifolia</i> A.St. Hil. - a	B	Raiz de bugre, roseta	Raiz, caule, folha	Micoses	I	8
				Impotência	V	8
				Amigdalite, resfriado, afonia	X	8, 10
				Urticária	XII	8
				Reumatismo	XIII	8
				Rouquidão, tosse, garganta	XVIII	7,17
				Estômago, gengiva, úlcera	XI	7,17
				Colesterol	IV	7
				Depurativo do sangue	III	2,7,8,17
				Taquicardia	IX	10
				Útero, ovário, corrimento	XIV	17
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.Hil.) Ravenna - c	B	Barriguda, paineira	Caule, flor	Hipercolesterolemia	III	21
				Doença do coração	IX	21
				Gripe	X	21
<i>Eriotheca candolleana</i> (K. Schum.) A. Robyns - b	B	Catuaba	Raiz	Reumatismo	XIII	14
				Nervosismo	V	14
<i>Gossypium barbadense</i> L. - a	B	Algodão	Folha	Infecção no útero	XIV	5
				Ferida, rachadura, picada de inseto	XIX	5

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Gossypium herbaceum</i> L. - a,c	B	Algodãozinho-do-mato	Folha, semente, raiz	Pneumonia, sinusite	X	5,12
				Machucadura, cicatrizante	XIX	1, 20
				Limpa a urina, infecção de útero, ovário	XIV	1,2,7,11,13,17,25,28
				Tosse, rouquidão, febre, vômito, dor de barriga	XVIII	1,7,9
				Gripe	X	1,28
				Dente inflamado, digestivo	XI	1,4,17,30
				Parto	XV	7,11
				Diarréia, infecção	I	7,19,29
				Acne, pele	XII	9,17
				Sangue	III	9
				Pressão alta	IX	25
				Icterícia	XVI	28
				<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam. - a,c	C	Chico magro, mutamba
Úlcera, gastrite, fígado	XI	8,25				
Infecção da pele, cabelo	XII	2,8,13,17,25				
Bronquite, asma	X	6,25				
Queimadura, feridas	XIX	7, 10,13				
Erisipela, disenteria	I	7,21				
Tosse, vômito	XVIII	17,21				
Hipercolesterolemia	III	21				
Febre	XVIII	9				
<i>Helicteres guazumifolia</i> H.B.& K. - a	C	Saca-rolha	Caule, folha			
				<i>Helicteres sacarrolha</i> A. Juss. - a	C	Rosquinha
Inflamação do ovário, amenorréia	XIV	8, 10				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Hibiscus esculentus</i> L. - a,c	B	Quiabo	Folha, fruto, semente	Ansiedade	V	10
				Dor de cabeça	XVIII	10
				Distúrbios circulatórios, pressão alta	IX	10
				Malária	I	17
				Sangue	III	9
				Disenteria	I	9
<i>Hibiscus mutabilis</i> L. - a	B	Idiária	Folha	Asma, bronquite, pneumonia	X	17,20,21
				Calmante	V	17
<i>Luehea divaricata</i> Mart. - c	B	Açoita cavalo	Caule, folha, flor, raiz	Pele	XII	5
<i>Luehea paniculata</i> Mart. - a	B	Açoita cavalo	Caule, folha	Coluna, reumatismo	XIII	23
				Diarréia, blenorragia	I	23
				Leucorréia	XIV	23
				Tumores	II	23
				Bronquite	X	23
				Depurativo do sangue	III	23
<i>Malva sylvestris</i> L. - a	E	Malva Branca	Folha	Hemorroidas	IX	8,9,10
				Bronquite	X	8
<i>Malvastrum coramandelianum</i> Garcke - c	C	Malva	Folha	Afta, gengivite	XI	8
				Amigdalite	X	8
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8
				Queimaduras	XVIII	8
				Gripe	X	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zuc.) A. Robyns - a	B	Barbosa	Flor	Tosse	XVIII	28
				Dor de garganta	XVIII	5
<i>Sida cordifolia</i> Forssk. - a	B	Malva branca	Folha	Gripe	X	5
				Dor de cabeça	XVIII	7
				Corrimento	XIV	7
<i>Sida micrantha</i> A.St. -Hil. - a	B	Malva-branca	Toda a planta	Mal estar	XI	7
<i>Sida rhombifolia</i> L. - c	B	Vassoura-branca	Folha	Erisipela	I	21
				Afecções cutâneas	XII	21
<i>Sterculia striata</i> A. St. -Hil.& Naudin - a	C	Manduvi, xixá	Fruto, folha	Deficiência vitamínica	IV	6
				Corrimento	XIV	2
<i>Theobroma grandiflorum</i> Schum. - a	B	Cupuaçu	Fruto	Fortificante	V	29
<i>Waltheria americana</i> L. - a	B	Malva do campo, malva-branca	Folha, fruto, raiz	Amigdalite	X	8
				Queimaduras, picadas de insetos	XIX	8,17
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8
				Gastrite	XI	7
				Sangue	III	2
				Amigdalite	X	8
				Gonorréia	I	17
<i>Waltheria indica</i> L. - a,c	B	Malva, malva branca, vassoura-branca	Toda a planta	Cicatrizante, feridas	XIX	10
				Inflamação do útero	XIV	10
				Inflamação pós-parto	XV	10
				Erisipela	I	21

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Waltheria matogrossensis</i> J.G. Saunders. - a	C	Malva do campo	Folha, raiz	Afecções cutâneas	XII	21
				Pressão alta	IX	5
				Depressão	V	5
				Gripe	X	5
				Feridas	XIX	5
				Dor de barriga	XVIII	5
MARTYNIACEAE						
<i>Craniolaria integrifolia</i> Cham. - a	B	Cumba	Folha, fruto, raiz	Picada de cobra	XIX	7,9
MELASTOMATACEAE						
<i>Mouriri elliptica</i> Mart. - a	C	Coroinha, coroa-de-frade	Caule, folha	Dor no estômago	XVIII	7
				Pressão alta, hemorróidas	IX	13
				Ácido úrico, infecção de mulher	XIV	13,19
				Depurativo do sangue	III	13
MELIACEAE						
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. - b	C	Cajarana	Caule	Distúrbios de pele	XII	14
<i>Carapa guianensis</i> Aubl. - c	B	Andiroba	Caule	Vermífugo, herpes	I	24
				Ouvido	VIII	24
				Sinusite	X	24
<i>Cedrela fissilis</i> Vell. - a,b	C	Cedro-rosa, cedro	Caule, folha	Dores no corpo	XIII	6,9
				Úlcera	XI	6
				Febre, dor de cabeça	XVIII	9,14
				Gripe	X	14
<i>Cedrela odorata</i> L. - a	C	Cedro	Caule	Inflamação de dente	XI	4, 30
				Reumatismo	XIII	5

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Bronquite	X	5
				Malária	I	29
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer - a	C	Caiarana	Caule	Impotência	V	7
				Sangue ruim	III	7
<i>Melia azedarach</i> L. - a	E	Santa bárbara, cinamomo, atrativo	Caule	Feridas	XIX	5
				Reumatismo	XIII	8
				Dermatose	XII	10
				Corrimento	XIV	10
<i>Trichilia catigua</i> Adr. Juss. - c	C	Catuaba	Caule	Estimulante	V	27
MENISPERMACEAE						
<i>Cissampelos ovalifolia</i> D.C. - a	C	Buta	Raiz	Congestão, fígado	XI	12
<i>Cissampelos pareira</i> L. - c	B	Bútua	Raiz	Menstruação	XIV	25
MONNIMACEAE						
<i>Peumus boldus</i> Molina - a	E	Boldo-da-Índia, boldo-do-Chile	Folha	Estômago, digestão, dispepsia, fígado	XI	2,5,8,17,19,24
				Dor abdominal	XVIII	8
				Menopausa	XIV	17
MORACEAE						
<i>Artocarpus integrifolius</i> L. - a,b,c	E	Jaqueira	Folha	Rins, útero	XIV	2,16,28
				Gripe	X	20
				Pressão alta	IX	28
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc. - a,c	C	Algodãozinho, mama-cadela, inharé	Raiz, folha, caule, fruto	Doenças venéreas, sarna, lepra, vermífugo, micoses	I	1,2,8
				Inflamação estomacal, úlcera, intestino	XI	1,2,23

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Depurativo do sangue	III	2,3,5,9,11,17,19,22,24,27
				Infecção no útero, amenorréia, menopausa, rins	XIV	2,8,10,25,28
				Acne, vitiligo, dermatite	XII	8,11,22,23,24,25,27,28
				Transtorno respiratório, bronquite	X	8,22,28
				Transtornos circulatórios	IX	8, 10
				Impotência sexual	V	17
				Sistema nervoso	VI	17
				Coluna	XIII	24
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C.Berg - a	C	Majijum	Raiz	Dor de barriga	XVIII	9
<i>Dorstenia asaroides</i> Gardner. - a	C	Carapiá, caiapiá	Raiz	Dor de barriga, dor abdominal, hipertermia, tosse	XVIII	2,8,17
				Dor de dente	XI	4,7,30
				Bronquite, sinusite, gripe, pneumonia	X	8,17
				Inflamação do útero e ovário, amenorréia, cólicas	XIV	8, 10,17
				Ansiedade	V	10
				Conjuntivite	VII	10
				Dores no corpo, reumatismo	XIII	10,17
				Problemas circulatórios	IX	10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. - a,b	C	Carapiá	Raiz	Derrame	VI	19
				Tosse, febre	XVIII	1,11
				Coqueluche	I	1
				Gripe, pneumonia	X	11,16
<i>Dorstenia vitifolia</i> Gardner - c	B	Carapiá	Raiz	Inflamação pós-parto	XV	1
				Sinusite	X	21
				Cisto no ovário, dismenorréia	XIV	21
<i>Ficus brasiliensis</i> Link. - a	B	Figo	Folha	Fígado	XI	12
<i>Ficus carica</i> L. - a,c	B	Figo	Fruto, folha	Dor de garganta	XVIII	12
				Bronquite, asma, gripe, resfriado	X	5,21
<i>Ficus gardneriana</i> (Miq.) Miq. - a	C	Figueira	Caule	Tosse, febre	XVIII	5,28
				Estômago	XI	20
				Cicatrizante, veneno	XIX	10
<i>Ficus insipida</i> Willd. - b	C	Figueira	Caule, folha	Problemas circulatórios	IX	10
				Cicatrizante	XIX	14
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) Don. ex Steud. - a,b,c	B	Moreira, taiúva-amarela	Folha, caule	Reumatismo	XIII	14
				Reumatismo	XIII	6,7
<i>Morus alba</i> L. - c	E	Amora	Folha	Dor de dente, úlcera	XI	2,6,14,20
				Câncer	II	20
				Rins	XIV	28
				Diarréia	I	28
				Dor de garganta	XVIII	28
<i>Morus nigra</i> L. - a,c	E	Amora	Semente, folha, caule, raiz	Reumatismo	XIII	28
				Úlcera	XI	1
				Problemas renais	XIV	1,2,25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaud. - a	C	Cancerosa, cancerosa-do-rio	Folha	Gripe	X	2
				Coluna	XIII	2
				Pressão alta	IX	7, 10,19
				Diabetes	IV	7
				Disenteria	I	10
				Menopausa, climatério	XV	21
				Infecção de garganta	XVIII	25
				Câncer	II	7
<i>Sorocea tinctoria</i> (L.) D.Dun. ex Steud.- b	B	Moreira	Folha, fruto	Calmante	V	10
				Gastrite	XI	10
				Úlcera	XI	16
MUSACEAE						
<i>Musa paradisiaca</i> L. - a,b,c	E	Bananeira, banana-nanica	Folha, fruto, caule	Hemorróida	IX	1
				Queimadura, feridas, picada de cobra, cicatrizante	XIX	2,5,12,14,28
				Problemas da gengiva, sapinho	XI	3,4,30
				Disenteria, coqueluche, vermífugo	I	5,12,17
				Bronquite, asma, gripe	X	3,5,8,17,19
				Infecção vaginal	XIV	5
				Pele	XII	9
				MYOPORACEAE		
<i>Capraria biflora</i> L. - c	B	Chá-da-índia	Folha	Menorragia	XIV	21
MYRISTICACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Myristica fragrans</i> Houtt. - a,c	E	Noz moscada	Semente, fruto	Afrodisíaco Constipação Dispepsia, digestiva, gases Flatulência, fadiga, dor no estômago Anemia Dor nas costelas, reumatismo, dores musculares Cólica de bebê	V VII XI XVIII III XIII XVI	5,17 8 8,17,28 8, 20 19 1,17 17
MYRSINACEAE						
<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz & Pav.) Mez - b	B	Pororoca	Folha	Caxumba	I	14
<i>Rapanea guianensis</i> Aubl. - b	B	Pororoca	Folha	Depurativo do sangue	III	16
MYRTACEAE						
<i>Campomanesia rufa</i> (Berg.) Nied. - a	C	Guavira	Folha	Dores de gravidez	XV	1
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook. - c	E	Eucalipto	Folha	Resfriado, gripe	X	25
<i>Eucalyptus globulis</i> Labill. - a	E	Eucalipto	Folha	Gripe, resfriado, sinusite, bronquite, asma Tosse, febre Feridas, cicatrizante Nevralgia Catapora, sapinho	X XVIII XIX VI I	2,5,7,8,10,17,19 5,7,10,17 17 17 4,17,30
<i>Eugenia biflora</i> DC. - a	C	Garrafinha	Raiz, toda a planta	Dismenorréia	XIV	10
<i>Eugenia cauliflora</i> O. Berg. - a	B	Jabuticaba	Fruto	Cãibra de sangue Diarréia	III I	5 5
<i>Eugenia dysenterica</i> DC. - c	C	Cagaita	Folha, fruto, caule	Intestino, hepatite	XI	20,22,25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Rins, menstruação, bexiga	XIV	23,26
				Machucados, cicatrizante	XIX	23,26
				Problemas cardíacos	IX	23
				Desintéria	I	26
<i>Eugenia jambolana</i> Lam. - a	B	Jamelão	Folha	Malária	I	1
<i>Eugenia jambosa</i> Crantz - c	B	Jambo	Folha	Diabetes	IV	28
<i>Eugenia pitanga</i> (O.Berg. ex Mart.) Kiaesrk. - a	B	Pitanga	Folha	Diarréia	I	9
				Tosse, dor de garganta	XVIII	9
<i>Eugenia uniflora</i> L. - a,b,c	B	Pitanga	Raiz, folha, caule	Fígado, azia	XI	5, 10,17
				Disenteria, diarréia	I	5,8,14,17,29
				Feridas, picadas de insetos	XIX	5
				Infecção de rim, cólica	XIV	8,17
				Pressão alta, pressão baixa	IX	11,17,20,29
				Dor de estômago, febre	XVIII	14,17
				Nervos	VI	17
				Calmanete	V	17
				Gripe	X	28
				Diabetes	IV	28
<i>Myrcia albo-tomentosa</i> DC. - a	C	Tim-martim	Caule	Dor de dente	XI	7
<i>Myrcianthes pungens</i> (O. Berg.) D. Legrand - b	C	Guavira-guaçu	Caule	Dor abdominal	XVIII	14
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg. - a,c	B	Jabuticaba	Folha	Diarréia	I	28,29
				Sangue	III	28
				Gripe	X	29
<i>Myrciaria truncifolia</i> O.Berg. - c	B	Jaboticabeira	Caule	Dor de barriga	XVIII	25

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Psidium araça</i> Raddi. - a	C	Goiabinha	Caule	Inflamação vaginal	XIV	10
<i>Psidium guajava</i> L. - a,b,c	B	Goiabeira	Caule, fruto, folha	Cicatrizante, ferida na boca Disenteria, diarreia, cólera	XIX I	1,28 1,2,5,7,8,10,11,12, 14,16,17,19,20,25,28, 29,30
				Hemorróida, coração, varizes	IX	2, 10,17
				Dor de barriga, vômitos, tosse, dor de barriga	XVIII	3,5,7,9,10,11,12,14,17,28
				Nascer de dente, fígado, estômago	XI	4,7,10,17,28
				Cãibra de sangue	III	5
				Inflamação vaginal, rins, útero	XIV	5, 10,28
				Ansiedade	V	10
				Reumatismo	XIII	12
				Bronquite	X	17
<i>Psidium myrsinoides</i> Berg. - c	C	Araçá	Fruto	Disenteria, diarreia	I	23,24
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.)Merr. & L.M.Perry - a,c	E	Cravo-da-índia	Semente, folha	Bronquite, gripe, resfriado	X	17, 20,28
				Tosse	XVIII	17
				Halitose, gases, dor de dente	XI	17
				Estimulante	V	17
				Pressão alta	IX	20
				Infecção	I	29
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels - a,c	E	Jambo, jabolão	Folha, caule, fruto	Colesterol, diabetes	IV	2,9,28
				Queimadura	XIX	2

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Syzygium jambolanum</i> DC. - a	E	Jamelão, jambo vermelho	Semente, raiz, caule, folha	Coração	IX	28
				Inchaço nas pernas	XIII	28
				Diabetes	IV	2,8,17
				Diarréia	I	8
				Problemas pulmonares	X	17
				Prisão de ventre	XI	17
				Corrimento	XIV	17
NYCTAGINACEAE						
<i>Boerhavia coccinea</i> L. - c	E	Pega-pinto	Folha	Infecção uterina	XIV	28
<i>Boerhavia diffusa</i> L. - a,b,c	E	Pega-pinto, marra-pinto, erva-tostão	Raiz, folha	Estômago	XI	28
				Infecção urinária, quentura na urina, soltar a urina, rins	XIV	1,8,9,17,20,28
				Dor de barriga	XVIII	1
				Hepatite, dor de dente	XI	1, 10
				Distúrbios circulatório	IX	10
				Impotência	V	17
				Diarréia	I	28
<i>Boerhavia hirsuta</i> Willd. - a	E	Erva-tostão, pega-pinto	Folha, raiz	Infecção nos rins	XIV	2,12
<i>Mirabilis jalapa</i> L. - a	B	Maravilha	Semente, raiz, flor	Infecção	I	19
				Dor de ouvido	VIII	17
				Purgante, sífilis, herpes	I	17
				Leucorréia, cólicas	XIV	17
				Depurativo do sangue	III	17
				Espinhas, sardas, manchas na pele	XII	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
OCHNACEAE						
<i>Ouratea hexasperma</i> (St. -Hil.) Baill. - a,c	C	Bico-de-tucano, bálsamo	Raiz, caule	Inflamação de dente, baço Ferida no útero Cicatrizante	XI XIV XIX	7, 10 10 23
OLEACEAE						
<i>Jasminum pubescens</i> Willd. - a	E	Jasmim-branco	Folha, flor	Feridas	XIX	9
ONAGRACEAE						
<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H. Raven. - a	B	Algodãozinho	Folhas	Asma	X	5
ORCHIDACEAE						
<i>Vanilla palmarum</i> Lindl. - a	C	Baunilha, bonilha	Fruto	Dor de cabeça Ansiedade Taquicardia	XVIII V IX	7 8 8
<i>Vanilla planifolia</i> Andrews - c	B	Baunilha	Fruto	Gastrite	XI	28
OXALIDACEAE						
<i>Averrhoa carambola</i> L. - a,b,c	E	Carambola, caramboleira	Folha, fruto	Pressão alta, pressão baixa Diabetes, colesterol	IX IV	1,2,7,8,10,12,16,19,20,28 2,8,10,12,17,20,21,28
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex. Zucc. - a	C	Azedinha	Toda a planta	Depurativo do sangue Rachaduras, feridas Infecção urinária Febre Coração, pressão alta Obesidade Infecção do rim Disenteria	III XIX XIV XVIII IX IV XIV I	5 5 5,17 17 7, 10 8 8,17 9,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Ansiedade	V	10
				Conjuntivite	VII	10
				Dor de dente	XI	10
				Icterícia	XVI	17
				Depurativo do sangue	III	17
<i>Oxalis repens</i> Thunb. - c	B	Trevo	Folha	Diarréia	I	28
PAPAVERACEAE						
<i>Argemone mexicana</i> L. - a,c	E	Cardo-santo	Semente, folha	Bronquite	X	1,2,17,25
				Febre, tosse	XVIII	1,9,17
				Congestão, nascer de dente, digestivo	XI	7,9,17
				Diurético, infecções de útero	XIV	17
				Cicatrizante	XIX	17
PASSIFLORACEAE						
<i>Passiflora alata</i> Dryander - c	C	Maracujá-doce, maracujina	Fruto	Hipercolesterolemia	III	21
				Diabetes	IV	21
<i>Passiflora edulis</i> Sims. - a,b	B	Maracujá, maracujina	Folha, fruto, semente, raiz	Insônia	XVIII	1,17
				Pressão alta, hemorróidas	IX	1,2,5,7,9,10,16
				Dor de dente	XI	4, 30
				Depressão, ansiedade, distrúrbios do sono	V	5,8,13,17,19,30
				Oxiúros, erisipela, vermífugo	I	17
<i>Passiflora quadrangularis</i> L. - a,c	B	Maracujá grande	Folha, fruto	Ansiedade, distúrbio de sono	V	8
				Rins	XIV	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Passiflora vespertilio</i> L. - a	B	Maracujá-do-mato	Flor	Pressão	IX	28
				Pressão alta	IX	7
				Constipação	VII	8
PEDALIACEAE						
<i>Sesamum indicum</i> L. - a,c	E	Gergelim	Semente	Mulher quando aborta	XV	1
				Reumatismo	XIII	1
				Gripe, bronquite	X	2, 20
				Derrame	VI	2
				Estômago	XI	9
				Verme	I	20
PHYLLANTHACEAE						
<i>Phyllanthus niruri</i> L. - a,b,c	B	Quebra-pedra	Folha, raiz, toda a planta	Pedra nos rins, urinar, dor nos rins, próstata, bexiga, diurético	XIV	1,2,5,8,9,10,12,16,17, 19, 20,21,25
				Inflamação no fígado, digestivo, cálculos biliares	XI	2,17,24
				Dores na coluna	XIII	8
				Febre	XVIII	17
				Diabetes	IV	17
				Infecção de rins	XIV	6,7,13,16,29
<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich. - a,b	B	Quebra-pedra	Folha	Rins, cólicas, bexiga	XIV	16,28
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. - b,c	B	Quebra-pedra	Folha, raiz			
PHYTOLACCACEAE						
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms - a	C	Pau-d'alho	Caule	Dores nas pernas	XIII	7
<i>Petiveria alliacea</i> L. - a,b,c	B	Guiné, tipi, pipi	Raiz, folha, toda a planta	Resfriado, sinusite, gripe	X	5,10,12,19
				Malária	I	1,8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Petiveria tetrandra</i> Gomez. - c	B	Guiné	Folha, raiz	Reumatismo no sangue	III	1,11,21
				Dor de cabeça, hipertermia, febre, tosse, cefaléia, rouquidão	XVIII	1,2,3,8,9,11,14,17
				Piolho, coceiras, pele	XII	5,13,20
				Machucado, picada de cobra	XIX	5,14,17,21
				Reumatismo	XIII	8, 10,17,29
				Dor de dente, estômago	XI	10,11,12,17
				Enxaqueca	VI	17
				Labirintite	VIII	25
				Gripe	X	28
				Ferimentos	XIX	28
				Reumatismo	XIII	28
				Dor de garganta	XVIII	28
PIPERACEAE						
<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq. - a	B	Jaborandi, jaguarandi	Folha, toda a planta	Dor de garganta, febre, dor de cabeça, rouquidão	XVIII	2,9,11,13
				Cabelo, alopecia	XII	2,8,17
				Dor de dente, gengivite, prurido anal	XI	4,13,30
				Gripe, bronquite, laringite	X	11
				Depurativo do sangue	III	13
				Tuberculose, verme, caxumba, paralisia	I	13,17
				Circulação	IX	17
<i>Peperomia pellucida</i> Kunth. - a	B	Coraçãozinho, oriri-de-oxum	Toda a planta	Rim	XIV	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Piper aduncum</i> L. - a,c	C	Jaborandi-de-casa, aperta-ruão	Folha	Vesícula	XI	11
				Dor de cabeça, hipertermia	XVIII	7,8
				Dor no corpo	XIII	7
				Glaucoma	VII	8
				Resfriado	X	8
				Alopécia	XII	8
				Útero	XIV	24
<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav. - a	B	Elixir-paregórico	Folha	Diarréia	I	24
				Prisão de ventre, febre, dor de cabeça	XVIII	7
				Cólica menstrual	XIV	7
<i>Piper mikianium</i> Steud. - b	C	Caieva	Folha	Distúrbios respiratórios	X	16
<i>Piper nigrum</i> L. a,c	B	Pimenta-do-reino	Fruto	Gripe	X	28
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq. - a	C	Jaborandi (nativo)	Fruto, toda a planta	Depressão	V	29
				Pressão, circulação	IX	2,17
				Alopécia, cabelo	XII	8,17
				Glaucoma	VII	8
				Caxumba, paralisia	I	17
				Bronquite, laringite, gripe	X	17
<i>Piper umbellata</i> (L.) Miq. - c	B	Guapeva, budo	Folha, raiz	Úlcera, cirrose	XI	21
				Transtornos do rim	XIV	21
				Reumatismo	XIII	21
				Ferimentos	XIX	21
				Fígado, hepatite	XI	5
<i>Pothomorphe peltata</i> (L.) Miq. - a	B	Pariparoba, caieva, jaguanandi	Folha	Depurativo	III	5

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq. - a,b	C	Pariporaba, capeba, capeva	Folha, raiz	Bronquite	X	5
				Rins, cálculo renal	XIV	2,8,17
				Fígado, hepatite, dispepsia, vesícula, azia	XI	2,8,10,12,17
				Ferida	XIX	2
				Gripe	X	14
				Dor de cabeça, febre	XVIII	14
				Hemorróidas	IX	17
				Depurativo do sangue	III	17
Tumores	II	17				
PLANTAGINACEAE						
<i>Plantago lanceolata</i> L. - a	B	Tansagem	Folha	Febre, dor de cabeça	XVIII	5
				Diarréia	I	5
				Infecção urinária	XIV	5
				Câibra de sangue	III	5
				Feridas, picadas de insetos	XIX	5
<i>Plantago major</i> L. - a,c	B	Tansagem, transagem, serragem	Folha, raiz, toda a planta	Rins, inflamação do útero e ovário	XIV	2,8,21,25,28,29
				Infecção de garganta, febre, tosse	XVIII	2,8,12,20,25,28
				Inflamação de dente, gastrite, estomatite, afta, boca	XI	4,8,17,30
				Amigdalite, gripe, bronquite	X	8,12,20,28
				Sapinho, caxumba, diarréia	I	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Tônico	V	17
				Depurativo do sangue	III	17
				Inflamação dos olhos	VII	17
				Inflamação dos ouvidos	VIII	17
				Acne, pele	XII	17
				Cólica infantil	XVI	17
				Coração	IX	19
				Coluna	XIII	28
<i>Scoparia dulcis</i> L. - a	B	Vassourinha	Folha, raiz, toda a planta, caule	Machucadura, cicatrizante interno, fraturas ósseas	XIX	1,3,7,8,9,10,12,17
				Pedra nos rins, corrimento, diurético	XIV	1,8,10,13,17
				Doenças venéreas	I	1
				Dor de barriga, febre	XVIII	2,17
				Doenças respiratórias, sinusite	X	8,19
				Dor de dente	XI	10,12
				Pele, piolho	XII	12,17
				Olhos, constipação	VII	12,17
				Limpeza do sangue	III	17
				Reumatismo	XIII	17
				Hemorroidas	IX	17
<i>Scoparia montevidensis</i> R.E. Fries - a	B	Vassourinha-doce	Folha	Olhos	VII	9
<i>Veronica persica</i> Hort. ex Poir. - c	E	Verônica	Folha	Bronquite, pulmão	X	24
				Tosse	XVIII	24
POACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Andropogon nardus</i> L. - a	B	Capim-eucalipto	Folha, toda a planta	Gripe	X	2,19
<i>Arundo donax</i> L. - c	E	Cana comum	Folha	Febre, tosse	XVIII	19
				Pressão	IX	28
				Rins	XIV	28
<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. - a	E	Taquara	Caule	Febre	XVIII	28
				Nascer de dente	XI	7
				Obesidade	IV	10
<i>Cenchrus echinatus</i> L. - a	B	Carrapicho-de-ovelha	Raiz	Lepra, infecção	I	2,19
				Ferida	XIX	2
<i>Coix lacryma-jobi</i> L. - a,c	E	Conta-de-lágrima, rosário	Semente, folha, raiz, fruto, toda a planta	Depurativo do sangue	III	5
				Rins, diurético	XIV	2,17,20,21,28
				Pneumonia	X	3
				Dor de dente	XI	4, 30
				Parto	XV	9,21
				Tumores	III	17
				Doenças venéreas	I	17
				Pressão alta	IX	20
				Reumatismo	XIII	21
				<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf. - a,c	E	Capim-cidreira, capim-cidró, capim-santo, capim-limão
Gripe, resfriado, bronquite	X	2,3,5,7,10,12,21,28				
Malária, pneumonia, disenteria	I	1,12				

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Congestão, estômago, hepatite, dor de dente	XI	1,2,5,24,25,28
				Pressão alta	IX	1,2,5,9,17,20,21,25
				Feridas, rachaduras no pé	XIX	5
				Menstruação, problemas renais, rins, cólicas	XIV	5,17,19,28
				Ansiedade, stress, distúrbios do sono, depressão	V	8,11,13,17,19,21, 24,25,28,30
				Anemia	III	10
				Cabelo	XII	12
				Osteoporose	XIII	24
<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) P.Beauv. - a	E	Mão-de-sapo	Folha, flor	Furúnculo	XII	9
<i>Digitaria insularis</i> (L.) Mez ex Ekman. - a	B	Capim-amargoso	Folha	Machucadura, cicatrizante	XIX	1,5
				Úlcera	XI	2
				Dor de estômago	XVIII	5
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. - a	B	Capim pé de Galinha	Toda a planta	Bronquite	X	8
				Pneumonia	I	8,17
				Dor torácica	XIII	8
				Anti-abortivo	XV	17
				Diurético	XIV	17
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin. - a	C	Capim-sapé, sapé	Folha, raiz	Nascer de dente	XI	4,5,7,30
				Desintéria	I	9,3
				Retenção urinária	XIV	8

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Melinis minutiflora</i> P.Beauv. - a	E	Capim-gordura	Folha, toda a planta	Icterícia	XVI	10
				Resfriado, bronquite, gripe, pneumonia	X	1,8,17
				Reumatismo, dores na coluna, osteoporose	XIII	5,8,19,24
				Anemia	III	5
				Derrame	VI	10
<i>Oryza sativa</i> L. - a	C	Arroz	Semente	Tosse	XVIII	17
				Feridas	XIX	17
				Erisipela	I	17
				Furúnculo	XII	17
				Pressão alta	IX	1,2,17,20,25
<i>Saccharum officinarum</i> L. - a,c	B	Cana-caiana, cana-de-açúcar	Folha, caule	Reumatismo	XIII	8
				Febre	XVIII	17
				Afta	XI	17
				Sapinho	I	17
				Anemia	III	20
<i>Zea mays</i> L. - a,c	E	Milho	Flor	Rins, retenção urinária	XIV	2,5,7,9,8,10,12,25
				Fístula de dente	XI	4, 30
POLYGALACEAE						
<i>Bredemeyera floribunda</i> Benth. - a	C	Cipó gemada, vick, gemadinha	Raiz	Hemorróidas	IX	5
				Feridas, machucaduras	XIX	5
				Gripe, bronquite	X	5,8
				Depurativo do sangue	III	5
				Impotência	V	7
<i>Polygala longicaulis</i> H.B. & K. - a	C	Brilhantina	Folha	Fadiga	XVIII	8
				Coração	IX	19

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Polygala paniculata</i> L. - a	B	Bálsamo-benguê	Raiz	Machucadura	XIX	7
POLYGONACEAE						
<i>Coccoloba cujabensis</i> Wedd. - a	C	Uveira	Caule	Rins	XIV	10
<i>Polygonum acre</i> Kunth - a,c	B	Erva-de-bicho	Folha, toda a planta	Febre, inflamação de garganta, hipertermia, tosse	XVIII	2,3,4,8,11,17
				Cãibra de sangue	III	2,13
				Hemorróida, pressão alta, varizes	IX	2,8,12,13,17
				Dor no corpo, reumatismo	XIII	3,9,10,12,17
				Feridas	XIX	4,17,30
				Parasitose, dengue, malária, vermífugo, erisipela, diarreia	I	8,9,12,17
				Resfriado	X	8,1
				Diurético, rins	XIV	17,25
				Queda de cabelo	XII	17
<i>Polygonum acuminatum</i> Kunth - a	B	Erva de bicho	Toda a planta	Verme, disenteria	I	5
				Diurético	XIV	5
				Hemorragia gástrica	XI	5
				Hemorroidas, circulação	IX	5,8
				Menstruação	XV	5
				Machucados	XIX	5
				Resfriado	X	8
				Hipertermia	XVIII	8
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Mich. - a	B	Erva-de-bicho	Folha	Inflamação da garganta, tosse, convulsão, febre	XVIII	1,7
				Hemorróida	IX	1
				Gripe, resfriado	X	1,7
				Dengue	I	7

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Polygonum persicaria</i> Hook & Arn. - c	B	Erva-de-bicho	Folha	Digestivo	XI	28
				Hemorroidas	IX	28
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott - c	B	Erva-de-bicho	Folha	Hemorroidas	IX	21
<i>Rheum palmatum</i> L. - a	E	Ruibarbo	Raiz	Anemia	III	19
				Dentição nova, digestivo	XI	17
				Febre	XVIII	17
				Diarréia	I	17
				Icterícia	XVI	17
POLYPODIACEAE						
<i>Phlebodium decumanum</i> J.Sm. - a	E	Rabo-de-macaco, matricária, rabo-de-caxinguelê	Raiz	Nascer de dente, hepatite	XI	4,8
				Picada de cobra	XIX	7
				Infecção de rim	XIV	8,13
				Doenças venéreas	I	13
<i>Polypodium decumanum</i> Willd. - a	B	Rabo de macaco	Raiz	Nascer de dente, hepatite	XI	8
				Infecção de rim	XIV	8
<i>Polypodium leucatomos</i> Poir. - a	B	Rabo de caxinganga	Raiz	Antiofídico	XIX	10
				Calmante	V	10
				Problemas nos rin	XIV	10
				Problemas circulatórios	IX	10
				Insônia	XVIII	10
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn - a	E	Samambaia do campo	Toda a planta	Reumatismo	XIII	10
PORTULACACEAE						
<i>Portulaca oleracea</i> L. - a	B	Beldroega	Folha, semente	Conjuntivite	VII	17
				Cicatrizante	XIX	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Talinum patens</i> (Jacq.) Willd. - a	B	Língua de vaca	Raiz, folha, semente, flor	Escorbuto	IV	17
				Pele, furúnculos	XII	17
				Câncer	III	17
				Vermífugo	I	17
				Tosse, febre, cefaléia	XVIII	12,17
				Asma	X	17
				Depurativo do sangue	III	17
				Desintoxicação, feridas	XIX	17
				Doença de pele	XII	17
				Úlcera	XI	17
Tumores	II	17				
PROTEACEAE						
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch - a	C	Uva-do-mato, parreira-do-mato	Folha, raiz	Menopausa, diurética	XIV	17
				Pressão alta	IX	17
				Nervos	VI	17
				Feridas	XIX	17
				Coceiras, afecções da pele	XII	17
<i>Roupala montana</i> Aubl. - a	C	Carne-de-vaca	Folha	Amarelão	I	1
				Anemia	III	1
				Úlcera de duodeno, esôfago	XI	2
RANUNCULACEAE						
<i>Delphinium ajacis</i> L. - c	E	Esporão	Folha	Rins	XIV	28
RHAMNACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek - a,c	C	Cabriteiro, bosta-de-cabrito, cafezinho	Folha, caule, fruto	Nascer de dente	XI	4, 30
				Enxaqueca	VI	6
				Hemorragia do nariz	IX	6
				Dificuldade de andar	XIII	21
ROSACEAE						
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl. - b,c	E	Ameixa	Folha, fruto	Diabetes	IV	16
				Hipertensão	IX	21
<i>Fragaria vesca</i> L. - a	E	Moranguinho	Folha	Bexiga	XIV	5
<i>Malus sylvestris</i> (L.) Mill. - c	E	Maçã	Fruto	Coração	IX	20
<i>Prunus domestica</i> L. - a,c	B	Ameixa	Fruto, folha	Prisão de ventre	XVIII	17
				Gripe, bronquite, asma	X	17
				Hemorróidas	IX	17
				Rins	XIV	28
<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch. - a	B	Pêssego	Folha, raiz, flor	Câncer de pele	I	5
				Cicatrizante, feridas	XIX	5
				Úlcera, laxante	XI	5,17
				Dor no estômago, tosse	XVIII	5,17
				Gripe, bronquite, pulmão	X	5,17
<i>Rosa alba</i> L. - a,c	E	Rosa-branca, rosa-de-cacho	Folha, caule, flor	Cegueira	VII	1,2,9,12
				Dor de barriga, dor de cabeça, garganta	XVIII	1,9,10,17
				Problema no coração, pressão	IX	1,9,19,25
				Sangue, depurativo	III	2,12,21,25
				Lepra	I	12

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Cabelo, pele	XII	12,17
				Calmante	V	17
				Digestivo, laxante, boca, aftas, estômago, fígado	XI	17,21
				Corrimento	XIV	17
				Labirintite	VIII	25
<i>Rosa centifolia</i> L. - c	E	Rosa branca	Flor	Dermatose	XII	28
				Corrimento vaginal	XIV	28
<i>Rosa gallica</i> L. - c	E	Rosa-branca	Flor	Vermífugo	I	20
				Infecção no olho	VII	20
<i>Rosa x grandiflora</i> Hort. - a	E	Roseira	Flor	Queimadura	XIX	5
				Purgativo	I	5
<i>Rosa sinensis</i> L. - a	E	Rosa-branca	Flor	Feridas	XIX	29
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart. - a	C	Amora	Folha	Rins	XIV	12
RUBIACEAE						
<i>Alibertia edulis</i> A. Rich. Ex DC. - a	C	Marmelada-bola	Fruto, folha	Tosse, febre	XVIII	7,17
				Infecção dos rins	XIV	8
				Icterícia	XVI	8
				Estômago, gastrite, úlcera, dor de dente	XI	10,13,17
				Hemorroidas	IX	19
<i>Cephaelis ipecacuanha</i> (Brot.) Rich. - a	E	Poia	Raiz	Pneumonia, bronquite	X	1,2
				Estômago	XI	7
<i>Chiococca alba</i> Hitchc. - a	C	Cainca	Raiz	Verme	I	5
				Deputrativo do sangue	III	5
<i>Chiococca brachiata</i> Ruiz & Pav. - a	C	Cainca, raiz preta, cipó-cruz	Caule, folha, raiz	Estomacal, hepatite	XI	1,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Coffea arabica</i> L. - a,c	E	Café	Folha, fruto	Reumatismo, dor nos ossos	XIII	1,8,9,17,19
				Picada de cobra, feridas	XIX	8,17
				Menstruação	XIV	17
				Furúnculos	XII	17
				Infecção	I	19
				Reumatismo	XIII	1
				Febre, tosse, dor no estômago, dor de cabeça	XVIII	2,5,12,17,20,25,28
				Pedra no rim, menstruação	XIV	5,17
				Gripe, bronquite, asma	X	12,17,25
				Diarréia, sarampo	I	17, 20,28
<i>Coussarea hydrangeaefolia</i> Benth. & Hook. - a	C	Olho-de-pomba	Folha	Envenenamento	XIX	17
				Gastrite, úlcera	XI	13
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum. - a	C	Quina doce	Caule	Depurativo do sangue	III	12
<i>Genipa americana</i> L. - a	C	Jenipapo	Caule, fruto, folha	Reumatismo	XIII	12
				Diabetes	IV	2,7
				Verme	I	3
				Gastroenterite, úlcera	XI	8,9
				Ferimentos múltiplos	XIX	8
				Rins	XIV	17
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltldl. - a,b	C	Veludo-branco	Raiz, caule, folha	Depurativo do sangue	III	19
				Fígado	XI	2,16
				Depurativo do sangue	III	7
				Doenças venéreas	I	8,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Palicourea coriacea</i> Schum. - a,b,c	C	Doradinha do campo	Folha, caule	Transtornos do rim, corrimento	XIV	8, 10,17
				Reumatismo	XIII	8,17
				Diurético, pedras no rim	XIV	5,15,21,24,25,27
				Bronquite, pulmão	X	5,15
				Tumores	II	5
<i>Palicourea marcgravii</i> A.St. -Hil. - a	C	Erva-de-rato	Folha	Doenças de pele	XII	5
				Obesidade	IV	24
				Dor de rim	XIV	7
<i>Palicourea rigida</i> H. B. K. - a	C	Douradão, chapéu-de-couro	Folha	Problemas renais, lavagem vaginal, próstata	XIV	1,7,8,9,10,17,19
				Reumatismo	XIII	10
<i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg. - a,c	B	Douradinha	Folha	Coração	IX	10
				Problemas renais, infecção renal, próstata, diurético	XIV	1,2,8,10,13,17,19, 22
				Obesidade	IV	8
				Anemia, depurativo do sangue	III	8,13,22
				Doença respiratória	X	8
				Transtornos da pele	XII	8
				Reumatismo, dores na coluna	XIII	8
				Distúrbios circulatórios	IX	10,17
				Doenças venéreas, tuberculose, verme	I	13
				Dor de barriga	XVIII	13
				Intestino, úlcera	XI	13,17
				Feridas	XIX	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Psychotria ipecacuanha</i> Stokes - a,c	B	Poaia	Raiz, folha	Tumores	II	17
				Coqueluche	I	8
<i>Rudgea viburnoides</i> Benth. - a,b,c	C	Douradão, congonha de bugre, erva-molá, bugre chapadinha	Folha, fruto, raiz, caule	Bronquite, gripe	X	8,25
				Nascer de dente	XI	8
				Rins, retenção urinária, bexiga, diurético	XIV	2,8,10,15,17,19,25,28
				Coração, pressão alta, hemorróidas	IX	2,5,10,15,16,21,23, 27
				Obesidade	IV	5,8
				Febre, inflamação de garganta	XVIII	5, 10
				Estômago	XI	5
				Furúnculo	XII	7
				Doença do sangue, anemia	III	8,22
				Doenças venéreas, sífilis, diarreia	I	10,22,25
Reumatismo, dores nas costas	XIII	10, 20,22				
Bronquite	X	20				
RUSCACEAE						
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer - a	E	Espada-de-Ogum	Folha	Cicatrizante	XIX	1
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Prain - a	E	Espada-de-São-Jorge	Folha	Reumatismo	XIII	1
<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd. - a	E	Espada-de-São-Jorge	Folha, toda a planta	Pressão	IX	2
				Febre	XVIII	9

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Dores no corpo	XIII	9
RUTACEAE						
<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle - a,c	E	Limeira, limão-galego	Fruto, folha	Tosse, rouquidão	XVIII	1
				Gripe, resfriado	X	1,9,21
				Estômago	XI	19
				Diurético, rins	XIV	25
<i>Citrus aurantium</i> L. - a,c	E	Laranjeira, laranja azeda	Folha, fruto, semente, flor, caule	Febre, tosse, dor de cabeça, inflamação de garganta	XVIII	1,3,5,7,9,10,12,17,20, 25, 28
				Gripe, resfriado, bronquite	X	1,2,3,5,7,10,12,17,19, 20, 25,28
				Intestino, nascer de dente, gastrite, úlcera, estômago	XI	2,4,5,7,12,17,20,28
				Picada de inseto	XIX	5
				Infecção de útero, cólica, diurético	XIV	5, 10,17
				Nervosismo, ansiedade, estimulante	V	7, 10,12,17,28,30
				Pressão alta, taquicardia	IX	7, 10
				Malária, diarreia	I	9,28,30
				Derrame	VI	10
				Diabetes	IV	17,28
<i>Citrus limmeta</i> Risso - a	E	Lima	Folha, fruto	Infecção de garganta, insônia	XVIII	4, 30
				Ansiedade, calmante	V	10
				Inflamação da bexiga	XIV	10
				Pressão alta	IX	12
				Diarreia	I	12

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. - a	E	Limão	Folha, fruto	Dor de cabeça, febre, tosse	XVIII	1,7,28
				Ferida	XIX	1
				Gripe	X	7,16,28
				Coração	IX	16
<i>Citrus limonia</i> Osbeck. - c	E	Limão, limão-galego	Folha, fruto	Gripe, resfriado	X	20,25
				Febre, tosse	XVIII	20,25
				Diarréia	I	20
				Calmante	V	25
<i>Citrus limonium</i> Risso - a	E	Limão	Folha, fruto, semente	Gripe	X	2,3,10,17,19
				Circulação, pressão alta, hemorróidas	IX	2,13
				Tosse, infecção de garganta, febre, dor de estômago	XVIII	3,4,9,13,17,19
				Doença do sangue, depurativo	III	3,13,17
				Estômago, fígado, laxante	XI	13,17
				Desintoxicante, cicatrizante	XIX	17
				Menstruação, ácido úrico	XIV	17
				Artrite, reumatismo	XIII	17
				Diabetes	IV	17
				Vermífugo, sarna	I	2,17
				Pressão alta	IX	7
				<i>Citrus medica</i> L. - a	E	Lima
<i>Citrus x aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle. - a	E	Limão galego	Fruto, folha			
				Gripe, bronquite	X	5

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl. - a	C	Guarantã	Caule	Câncer	II	5
				Dor de barriga	XVIII	12
				Estômago, fígado	XI	12
				Coração, pressão alta	IX	12
<i>Fagara hassleriana</i> Chodat. - a	B	Maminha-de-porca	Folha	Derrame	VI	6
<i>Helietta apiculata</i> Benth. - b	C	Canela-de-veado	Caule	Cicatrizante	XIX	14
<i>Ruta graveolens</i> L. - a,c	E	Arruda	Folha, toda a planta, caule	Dor de cabeça, tosse, dor de cabeça, dor abdominal	XVIII	1,2,7,8,9,11,12,25,28
				Vermífugo, sífilis, sarna, micoses, diarreia	I	1,8,12,17,24,28,29
				Cólica menstrual, Menopausa, resguardo, amenorréia	XIV	1,5,7,8,10,11,12,17,19,20,21,25,28
				Gripe, sinusite, resfriado, pneumonia, bronquite	X	1,5,8,10,12,20,28
				Dor estomacal, congestão, dispepsia, gases, digestão	XI	1,7,8,10,17,24
				Quebradura, intoxicação, picada de cobra, cicatrizante	XIX	2,12,17,20
				Recaída de parto	XV	5,8,12
				Ansiedade	V	10
				Taquicardia, hemorróidas, circulação	IX	10,24,28
				Reumatismo	XIII	10
				Coceiras, abcessos, piolho	XII	13,17
				Epilepsia	VI	17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Spiranthera odoratissima</i> A.St. - Hil. - a,c	C	Manacá	Raiz, folha, caule	Conjuntivite	VII	17,20,21,25,28
				Ouvido	VIII	28
				Infecção estomacal, fígado, gastrite	XI	1,19,22,24
				Reumatismo, gota	XIII	2,7,8,17,27
				Acne, furúnculo	XII	5,8
				Bronquite, sinusite	X	5
				Sífilis, sarna	I	8,17
				Doença do sangue	III	8
				Infecção dos rins, infecção uterina	XIV	8,22,24
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. - a	C	Mamica-de-porca	Caule	Dores abdominais, dor de cabeça	XVIII	8,24
				Hemorróida	IX	7, 10
				Gastrite	XI	8
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl. - a	C	Mama-de-porca	Caule	Reumatismo	XIII	8
				Hemorróida	IX	11
SALICACEAE						
<i>Casearia silvestris</i> Eichler - a,c	B	Chá-de-frade, guassatonga, erva-de-lagarto, erva-de-teiú	Folha, raiz, caule	Enxaqueca	VI	6
				Bronquite, resfriado, gripe	X	6,8,28
				Febre	XVIII	7,9,24
				Parasitose, sífilis	I	8, 10,17,23,24
				Anemia, depurativo do sangue	III	8, 10,11,23,24
				Transtornos do fígado, gastrite	XI	8, 10

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Retenção urinária, útero, cólicas	XIV	9,17,23
				Machucadura, feridas, picadas venenosas, cicatrizante	XIX	9,17,23,24
				Dores no corpo, osteoporose	XIII	9,17
				Caspa	XII	11
				Pressão alta, coração	IX	17
				Obesidade, colesterol	IV	17
SAPINDACEAE						
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw. - a	C	Cinco-folhas	Folha	Febre	XVIII	6
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk. - a	C	Mulher-pobre, maria-pobre	Folha	Constipação	VII	6
				Frieira	XII	6
				Feridas	XIX	6
				Depurativo do sangue	III	13
				Prurido anal	XI	13
				Dor de barriga	XVIII	13
				Tuberculose, verme	I	13
<i>Magonia pubescens</i> St. Hil. - a,c	C	Timbó, tingui, cuitê, mata-peixe, tingui-açu	Fruto, folha, caule	Coceira, piolho, dermatite	XII	7,9,23,24,26
				Antisséptico, feridas	XIX	10,26
				Sarna	I	10
				Úlceras	XI	26
<i>Matayba guianensis</i> Aubl. - c	C	Falso-gonçalo	Folha	Inchaço nas pernas, dores nos membros	XIII	21

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Paullinia cupana</i> H.B. & Kunth - a	B	Guaraná	Fruto, semente, caule	Nascer de dente	XI	4, 30
				Afrodisíaco	IV	5,17
				Verme, diarreia	I	9,17
				Febre	XVIII	10
<i>Serjania erecta</i> Radlk. - a	C	Quina cinco folha, carqueja	Folha	Sistema nervoso	VI	17
				Malária	I	5
				Febre, dor de cabeça, tosse	XVIII	5, 10
				Rins, amenorréia	XIV	5, 10
				Anemia	III	5
				Fígado	XI	8
				Dermatose	XII	10
<i>Serjania grandiflora</i> Cambess. - a	C	Cinco-folhas	Folha	Dores no corpo	XIII	10
				Febre	XVIII	6
				Constipação	VII	6
<i>Talisia esculenta</i> Radlk. - a	C	Pitombeira	Fruto	Dores na coluna	XIII	6
SAPOTACEAE						
<i>Pouteria ramiflora</i> Radlk. - a	C	Fruta-de-veado	Caule	Extração de dente	XI	7
SCHIZAEACEAE						
<i>Lygodium polymorphum</i> Swartz. - a	E	Abre caminho	Folha	Rumatismo	XIII	8
SIMAROUBACEAE						
<i>Simaba ferruginea</i> St. Hil. - a	C	Calunga, Fel da Terra	Raiz, caule, folha	Intestino, estomacal, fígado, gastrite	XI	1,2,5,8,10,17
				Diabetes, obesidade	IV	1,7,8,17
				Verme, lombriga, malária, desintéria	I	5,7,8,10,11,17

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Simarouba versicolor</i> St. Hil. - a,c	C	Mata-cachorro, canela de perdiz, pé-de-perdiz, simaruba, marupá-do-campo	Folha, raiz, caule, fruto	Cólica menstrual, Menopausa, resguardo, rins	XIV	7,8,17
				Anemia	III	7,9
				Dor abdominal, vômito, dor de barriga	XVIII	8,17,19
				Intoxicação	XIX	8
				Ferida, picada de cobra	XIX	1,23
				Coceira	XII	1
				Dor de cabeça	XVIII	2
				Inflamação do útero e ovário	XIV	8,17
				Doença do sangue	III	8
				Sarna, verme, sífilis	I	19,23
Epilepsia	VI	23				
SIPARUNACEAE						
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl. - a,c	B	Negramina	Folha, caule	Dor de cabeça, febre, hipertermia	XVIII	1,7,8,9,10,23
				Dor de dente	XI	1,7,10
				Resfriado, sinusite, gripe	X	1,2,7,8
				Icterícia	XVI	5
				Sarampo	I	7
				Dores nos membros, reumatismo, coluna, artrite	XIII	8, 10,21,23,24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Ansiedade	V	10
				Queda de cabelo, coceira	XII	10,19
				Pressão alta, hemorróidas	IX	13
				Depurativo do sangue	III	13
				Ácido úrico, útero	XIV	13,23
SMILACACEAE						
<i>Smilax benthamiana</i> A. DC. - a	B	Salsa	Raiz	Corrimento	XIV	2
				Cicatrizante, contusões	XIX	10
				Coceira	XII	10
				Distúrbios circulatórios	IX	10
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng - c	C	Japecanga	Raiz	Intestino	XI	22
				Reumatismo	XIII	22
<i>Smilax campestris</i> Griseb. - c	C	Diquiri, salsaparrilha	Caule	Depurativo do sangue	III	25
				Câncer	II	25
<i>Smilax japicanga</i> Griseb- a	C	Salsaparrilha, japecanga	Folha, raiz	Depurativo do sangue	III	6
				Tumores, câncer	II	17
				Dores no corpo, reumatismo	XIII	8,17
				Febre	XVIII	17
				Sífilis, amarelão	I	2,8
				Úlcera, gastrite	XI	2
				Infecção de mulher	XIV	19
<i>Smilax sarsaparilha</i> L. - a	B	Salsaparrilha	Raiz	Rins	XIV	12
				Depurativo do sangue	III	12
				Reumatismo	XIII	12
SOLANACEAE						

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Atropa belladonna</i> L. - a	E	Beladona	Folha	Nascer de dente	XI	9
				Feridas	XIX	12
				Furúnculo	XII	12
				Caxumba	I	12
<i>Brugmansia suaveolens</i> (Willd.) Bercht. & C. Presl. - a,c	E	Beladona, pampalona	Folha, flor	Furúnculo	XII	11
				Machucadura, cicatrizante	XIX	11, 20
				Erisipela	I	20
<i>Capsicum frutescens</i> L. - a	B	Pimenta malagueta	Folha, fruto	Queimaduras	XIX	5
				Erisipela	I	7
<i>Cestrum pseudo-quina</i> Mart. - c	B	Quina	Raiz, caule	Estômago, fígado	XI	28
<i>Datura suaveolens</i> Humb. & Bonpl. ex Willd. - a	E	Beladona	Folha	Dor de cabeça	XVIII	1
				Ferida	XIX	1
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill. - a,b	B	Tomate, tomatinho-azedo	Folha	Diurético, inflamação de útero e ovário	XIV	13
				Vômito, dor de barriga	XVIII	2,3,16
				Hemorróidas	IX	5
<i>Nicotiana tabacum</i> L. - a,c	B	Fumo	Folha, raiz	Reumatismo	XIII	1,2,10,17
				Machucadura, picada de aranha, escorpião e cobra	XIX	2,5,8,10,12,17,20, 25
				Tétano, fungicida	I	2,17
				Furúnculo, cabelo, urticária, afecções da pele	XII	2,8,17
				Limpar dente	XI	4, 10
				Tosse	XVIII	9

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq. - c	B	Juá-bravo	Fruto	Sinusite	X	17
<i>Solanum americanum</i> Mill. - a,b,c	B	Cachichú, erva moura, malva	Folha, raiz, toda a planta	Furúnculo	XII	21
				Dor de dente	XI	4, 30
				Hemorróida	IX	8,21
				Feridas	XIX	16,17
				Calmanete	V	17
				Insônia	XVIII	17
				Problemas urinários, rins	XIV	17,21
				Reumatismo	XIII	17
<i>Solanum cernuum</i> Vell. - c	C	Panacéia	Folha	Erisipela	I	21
				Transtornos do rim	XIV	21
<i>Solanum gilo</i> Raddi - a,b	B	Jiló	Raiz	Derrame	VI	2
				Fígado, estômago	XI	5,7,16
				Rim	XIV	5
<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil. - a,c	C	Lobeira, fruta-de-lobo	Fruto, caule, flor	Úlcera, fígado, hepatite	XI	2,8,21,22,26
				Diabetes, hipoglicemia	IV	8,18,26
				Nervos	VI	17
				Diurético	XIV	17
				Picadas de cobra	XIX	17
				Gripe, bronquite, resfriado	X	21,26,28
				Tosse	XVIII	25
				Reumatismo	XIII	26
<i>Solanum melongena</i> L. - a,c	B	Berinjela	Fruto	Pedra nos rins	XIV	1
				Colesterol, diabetes	IV	2,7,12,25
				Pressão alta	IX	2
				Baço, fígado	XI	12
<i>Solanum nigrum</i> L.- c	B	Erva-moura	Folha	Ferimentos múltiplos	XIX	28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Solanum paniculatum</i> L. - a,c	B	Jurubeba, urumbeva	Fruto, folha, raiz	Fígado, hepatite, cirrose, estômago	XI	2,8,12,21,25,26,28
				Rim, próstata	XIV	7, 20
				Bronquite	X	12
				Hipoglicemia, diabetes	IV	18,26
				Febre tifóide	I	21
				Icterícia	XVI	26
<i>Solanum tuberosum</i> L. - a,b	B	Batata-inglesa	Fruto	Úlcera, dente inflamado	XI	2,5,16
<i>Solanum viarum</i> Dunal. - a	C	Juá, joá	Fruto	Furúnculo, abcesso	XII	7,8
				Hemorroidas	IX	8
URTICACEAE						
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul - a,b,c	B	Embaúva, embaúba, bonequeira	Folha, raiz, caule, toda a planta, flor	Calmanete	V	17
				Gonorréia, coqueluche, micoses, doenças venéreas	I	8,13,17
				Bronquite, gripe, resfriado, pneumonia	X	1,2,3,5,8,13,17,20,21, 24
				Reumatismo no sangue, hipercolesterolemia	III	8,17
				Diurético, rins, infecção urinária	XIV	1,5,7,8,13,17,21
				Coração, pressão alta	IX	5,15,16,17,24
				Tosse, rouquidão, falta de ar, febre	XVIII	1,2,10,13
				Diabetes, colesterol, hipoglicemia	IV	7, 10,14,16,24
				Transtornos da pele	XII	8
				<i>Cecropia peltata</i> L. - c	B	Embaúba

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Parietaria officinalis</i> L. - c	B	Parietária	Folha	Diurética	XIV	24
<i>Urera aurantiaca</i> Wedd. - a	B	Urtiga-de-pacu, urtiga	Folha, raiz, flor	Vermífugo, sífilis	I	2,6
				Coceira, pele, frieiras, queda de cabelo	XII	2,17
				Gastroenterite	XI	8
				Infecção do rim, retenção urinária, leucorréia, menstruação	XIV	8,17,19
				Dor abdominal	XVIII	8
				Coração, hemorróidas	IX	17
				Reumatismo	XIII	17
<i>Urtica dioica</i> L. - a	B	Urtigão	Raiz	Câncer	II	5
				Hemorróidas	IX	5
				Verme, solitária	I	5
VELLOZIACEAE						
<i>Vellozia flavicans</i> Mart. - c	B	Canela-de-ema	Raiz	Reumatismo	XIII	24
VERBENACEAE						
<i>Lantana camara</i> L. - a,c	B	Cambarazinho, camará	Folha, flor	Tosse, rouquidão	XVIII	9,21,28
				Gripe	X	21
<i>Lantana lilacina</i> Desf. - a,c	B	Milho cereja, uvinha, cambará	Folha	Ansiedade, distúrbio do sono	VI	8
				Antisséptico	XIX	10
				Coceira	XII	10
				Sarna	I	10
				Inflamação de garganta, tosse	XVIII	24
				Gripe, bronquite, asma	X	24

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.ex Britton & P. Wilson - a,c	B	Erva-cidreira	Folha, caule, raiz, flor, toda a planta	Pressão alta, calmante do coração	IX	1,7,9,10,19,20,21
				Estomacal, nascer dente, intestino, gases	XI	1,2,4,12,25,28
				Insônia, tosse, febre, dor de barriga, dor de cabeça	XVIII	1,2,3,4,5,7,12,20,28,30
				Gripe, bronquite, resfriado, pneumonia	X	3,7,12,20,25,28
				Ansiedade, distúrbio do sono, depressão, calmante	V	8,10,12,19,25,28,29,30
				Anemia	III	10
				Conjuntivite	VII	21
				Cólicas, diurético	XIV	28, 30
				Tosse, dor de garganta	XVIII	3,9,10
				Quebradura, machucados	XIX	3,12
<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Vahl. - a	C	Gervão	Folha, raiz	Hepatite, gases, gastrite	XI	8, 10,13
				Rins	XIV	10
				Gripe	X	12
				Vermes	I	13
				Dor de dente, hepatite, fígado, gastrite, gengivite	XI	1,2,7,28
				Dor nas pernas, dor na coluna	XIII	1,14
				Pressão alta	IX	1
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl. - a,b,c	C	Gervão, erva-ferro, girbão	Raiz, folha, toda a planta	Tosse, dor no estômago	XVIII	1,7,14,28
				Gripe, pneumonia, sinusite	X	2,21,28

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Malária, infecção	I	2,19
				Pancadas, ferimentos	XIX	21,28
				Calmanete	V	28
<i>Stachytarpheta chamissonis</i> Walp. - c	C	Gervão	Toda a planta	Menopausa	XIV	25
<i>Stachytarpheta elatior</i> Schrad - a	B	Gerbão	Raiz	Infecção do dente	XI	5, 30
VIOLACEAE						
<i>Hybanthus lanatus</i> Baill. - c	C	Papaconha	Raiz	Gripe, broncopneumonia	X	24
				Febre	XVIII	24
				Disenteria	I	24
VITACEAE						
<i>Cissus cissyoides</i> L. - a,c	B	Insulina, Dedo-de-Deus	Folha	Diabetes	IV	2, 20,28
<i>Cissus gongylodes</i> Burch. ex Baker - a	C	Cipó-de-arraia	Folha, caule	Derrame	VI	6
				Picada de aranha	XIX	6
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nich. & C.E. Jarvis - c	C	Insulina	Folha	Diabetes	IV	21
<i>Vitis vinifera</i> L. - c	E	Videira	Folha	Coração	IX	20
				Rins	XIV	20
VOCHYSIACEAE						
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart. - a	C	Carvão-branco	Raiz, caule	Hepatite, estômago	XI	7,8,10
				Problemas de urina	XIV	7
				Icterícia	XVI	7, 10
				Anemia	III	8, 10
<i>Callisthene molissima</i> Warm. - c	C	Jacaré, pau-terra	Caule	Linfatite	IX	23
<i>Qualea grandiflora</i> Mart. - a,c	C	Pau-terra	Folha, caule	Dor de barriga, febre, dor de estômago	XVIII	1,17,19,22
				Diarréia, desinteria, sapinho	I	1,5,8,17,19,23,30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Gastrite, úlcera, congestão estomacal, intestino	XI	5,13,17
<i>Qualea multiflora</i> Mart. - a	C	Macaba, pau-terra-macho	Caule, semente	Corrimento	XIV	10
				Ferimentos múltiplos	XIX	24
				Leishmaniose	I	5
<i>Qualea parviflora</i> Mart. - a,c	C	Pau-terra-da-folha-úmida	Caule	Dores nas costas	XIII	13
				Ofensa de cobra	XIX	7
<i>Salvertia convallariaeodora</i> A. St. - Hil. - a,c	C	Pau-doce, bate-caixa, bananeira-do-cerrado	Caule, folha, raiz	Disenteria	I	23
				Diarréia	I	5
				Hemorroidas	IX	22
				Cicatrizante	XIX	23
				Má digestão, fígado	XI	23,26
				Coluna	XIII	23,26
				Tosse	XVIII	23,26
<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl. - a	C	Fanático	Folha	Tosse comprida	XVIII	5
<i>Vochysia divergens</i> Pohl. - a	C	Cambará	Caule	Gripe, bronquite	X	7, 10
				Tosse	XVIII	7, 10,12
<i>Vochysia haenkeana</i> Mart. - a	C	Cambará amarelo	Caule	Coqueluche	I	8
				Bronquite	X	8
<i>Vochysia rufa</i> Mart. - a,c	C	Pau-doce, quina doce	Caule, folha, raiz	Dor de barriga, tosse	XVIII	2,9,19,23,25
				Obesidade	IV	8
				Hemorroidas	IX	8, 10
				Doença do sangue	III	8,9

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
				Diarréia, cólera, verme, disenteria	I	8,17,19,23,24
				Dor nos olhos	VII	9,23
				Gripe, resfriado	X	23,24
ZAMIACEAE						
<i>Zamia brongniartii</i> Wedd. - a	B	Maquiné	Raiz	Nescer de dente	XI	5, 30
				Hemorróidas	IX	9
ZINGIBERACEAE						
<i>Alpinia purpurata</i> K. Schum. - c	E	Noz-moscada, alpinia	Folha	Gripe	X	20
<i>Alpinia speciosa</i> K. Schum. - a,c	E	Alevante, colonha, colônia	Folha, flor	Pressão alta, hemorróidas, coração	IX	1,2,7,8,9,10,13,28
				Dentição	XI	4
				Ansiedade, calmante	V	8, 10,11,30
				Depurativo do sangue	III	13
				Dor de cabeça	XVIII	11
<i>Curcuma domestica</i> Valetton - c	E	Açafrão	Raiz	Hipercolesterolemia	III	21
				Faringite	X	21
<i>Curcuma longa</i> L. - a,c	E	Açafrão	Raiz, folha, caule	Hepatite	XI	5,7
				Anemia	III	2,5,25
				Diabetes	IV	7
				Inflamação de garganta, tosse, febre	XVIII	2,7,25,28
				Catapora, sarampo, amarelão	I	2
				Manchas de pele	XII	19
				Gripe	X	25,28
<i>Curcuma zedoaria</i> Roscoe - a	E	Açafrão	Raiz	Feridas	XIX	5
				Afta	XI	30

...continua

Nome Científico	ORIGEM	Nome Popular	Parte Utilizada	Uso Medicinal	Categoria de Doença	Autores
<i>Renealmia exaltata</i> Kuntze - a,c	C	Pacová, pracová	Semente, raiz, folha, caule	Sapinho	I	30
				Reumatismo	XIII	8,22,25
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe - a,b,c	E	Gengibre	Raiz, folha, caule, toda a planta	Vermífugo	I	17,22
				Rouquidão, infecção de garganta, tosse, febre, dor de cabeça	XVIII	1,2,5,7,9,10,11,17,20, 25, 28,29
				Gripe, bronquite, asma, resfriado, afonia, faringite	X	1,2,5,8,9,10,11,12,16, 17, 20,21,24,25,28,29
				Dentição, digestivo, gases, estômago, náuseas	XI	17, 20,24,28,30
				Cólicas menstruais	XIV	17,28
Reumatismo, dores musculares	XIII	17				

